

R E V I S T A D O BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

S U M M A R I O

^^ A EMANCIPAÇÃO POLITICA DO BRASIL	Haddock Lobo.	3
OSVALDO DE ANDRADE . . .	Mario de Andrade	26
YEUX VERTS	Emmanuel Sondorf	34
A LINGUA BASCA E O POR- TUGUEZ	Friedrich Sommer.	36
A PROPOSITO DAS OLYMPIA- DAS	Sergio Milliet.	45
FOGOS	Correia Junior	48
NO JARDIM DAS LENDAS . . .	Ilveira Bueno	49
CERTAMEN . SCIENTIFICO-LI- TERARIO IBERO-AMERICANO	53

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — UEBATVjj E PESQUIZAS
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATUHAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÈ, 34 SÃO PAULO



Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudoj de Contabilidade, obra em quat'o volume», em brochura 40\$000

Tratado Elemental de Contabilidade. Obra adoptada na» principae» escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundo» em contabilidade. Em brochura 10\$000

Explicções Praticai de Escripuração Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arihmetica Commercial e Financeira. Obra indispensável para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura 10\$000

Noções de Cálculos Commercias e Financeiros. E' indispensável aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura 6\$000

Problemas de Escripuração. Obra necessaria aos con'a-dore» e guarda-livros, poi»

trata de todo e qualquer cao» de abertura de escripta» e balanço». Em brochura 20\$000

Contabilidade das Companhias de Segures de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade do» segures de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em Jez volumes, tendo »ido já publicado» o» seguinte»:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Emprezas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoral; Maihemntica Commercial; Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 101000

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
Praça da Sé, 34 São Paulo

M. C. J. P. A. B. C. D. E. F. G. H. I. J. K. L. M. N. O. P. Q. R. S. T. U. V. W. X. Y. Z. AA. AB. AC. AD. AE. AF. AG. AH. AI. AJ. AK. AL. AM. AN. AO. AP. AQ. AR. AS. AT. AU. AV. AW. AX. AY. AZ. BA. BB. BC. BD. BE. BF. BG. BH. BI. BJ. BK. BL. BM. BN. BO. BP. BQ. BR. BS. BT. BU. BV. BW. BX. BY. BZ. CA. CB. CC. CD. CE. CF. CG. CH. CI. CJ. CK. CL. CM. CN. CO. CP. CQ. CR. CS. CT. CU. CV. CW. CX. CY. CZ. DA. DB. DC. DD. DE. DF. DG. DH. DI. DJ. DK. DL. DM. DN. DO. DP. DQ. DR. DS. DT. DU. DV. DW. DX. DY. DZ. EA. EB. EC. ED. EE. EF. EG. EH. EI. EJ. EK. EL. EM. EN. EO. EP. EQ. ER. ES. ET. EU. EV. EW. EX. EY. EZ. FA. FB. FC. FD. FE. FF. FG. FH. FI. FJ. FK. FL. FM. FN. FO. FP. FQ. FR. FS. FT. FU. FV. FW. FX. FY. FZ. GA. GB. GC. GD. GE. GF. GG. GH. GI. GJ. GK. GL. GM. GN. GO. GP. GQ. GR. GS. GT. GU. GV. GW. GX. GY. GZ. HA. HB. HC. HD. HE. HF. HG. HH. HI. HJ. HK. HL. HM. HN. HO. HP. HQ. HR. HS. HT. HU. HV. HW. HX. HY. HZ. IA. IB. IC. ID. IE. IF. IG. IH. II. IJ. IK. IL. IM. IN. IO. IP. IQ. IR. IS. IT. IU. IV. IW. IX. IY. IZ. JA. JB. JC. JD. JE. JF. JG. JH. JI. JJ. JK. JL. JM. JN. JO. JP. JQ. JR. JS. JT. JU. JV. JW. JX. JY. JZ. KA. KB. KC. KD. KE. KF. KG. KH. KI. KJ. KK. KL. KM. KN. KO. KP. KQ. KR. KS. KT. KU. KV. KW. KX. KY. KZ. LA. LB. LC. LD. LE. LF. LG. LH. LI. LJ. LK. LL. LM. LN. LO. LP. LQ. LR. LS. LT. LU. LV. LW. LX. LY. LZ. MA. MB. MC. MD. ME. MF. MG. MH. MI. MJ. MK. ML. MM. MN. MO. MP. MQ. MR. MS. MT. MU. MV. MW. MX. MY. MZ. NA. NB. NC. ND. NE. NF. NG. NH. NI. NJ. NK. NL. NM. NO. NP. NQ. NR. NS. NT. NU. NV. NW. NX. NY. NZ. OA. OB. OC. OD. OE. OF. OG. OH. OI. OJ. OK. OL. OM. ON. OO. OP. OQ. OR. OS. OT. OU. OV. OW. OX. OY. OZ. PA. PB. PC. PD. PE. PF. PG. PH. PI. PJ. PK. PL. PM. PN. PO. PP. PQ. PR. PS. PT. PU. PV. PW. PX. PY. PZ. QA. QB. QC. QD. QE. QF. QG. QH. QI. QJ. QK. QL. QM. QN. QO. QP. QQ. QR. QS. QT. QU. QV. QW. QX. QY. QZ. RA. RB. RC. RD. RE. RF. RG. RH. RI. RJ. RK. RL. RM. RN. RO. RP. RQ. RR. RS. RT. RU. RV. RW. RX. RY. RZ. SA. SB. SC. SD. SE. SF. SG. SH. SI. SJ. SK. SL. SM. SN. SO. SP. SQ. SR. SS. ST. SU. SV. SW. SX. SY. SZ. TA. TB. TC. TD. TE. TF. TG. TH. TI. TJ. TK. TL. TM. TN. TO. TP. TQ. TR. TS. TT. TU. TV. TW. TX. TY. TZ. UA. UB. UC. UD. UE. UF. UG. UH. UI. UJ. UK. UL. UM. UN. UO. UP. UQ. UR. US. UT. UY. UZ. VA. VB. VC. VD. VE. VF. VG. VH. VI. VJ. VK. VL. VM. VN. VO. VP. VQ. VR. VS. VT. VU. VV. VW. VX. VY. VZ. WA. WB. WC. WD. WE. WF. WG. WH. WI. WJ. WK. WL. WM. WN. WO. WP. WQ. WR. WS. WT. WU. WV. WW. WX. WY. WZ. XA. XB. XC. XD. XE. XF. XG. XH. XI. XJ. XK. XL. XM. XN. XO. XP. XQ. XR. XS. XT. XU. XV. XW. XX. XY. XZ. YA. YB. YC. YD. YE. YF. YG. YH. YI. YJ. YK. YL. YM. YN. YO. YP. YQ. YR. YS. YT. YU. YV. YW. YX. YY. YZ. ZA. ZB. ZC. ZD. ZE. ZF. ZG. ZH. ZI. ZJ. ZK. ZL. ZM. ZN. ZO. ZP. ZQ. ZR. ZS. ZT. ZU. ZV. ZW. ZX. ZY. ZZ.



Holmberg, Bach & Cia. IM.

IMPORTADORES E INDUSTRIES
RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueea".



A Revista da Sociedade de Educação

*deve ser lida por todos aqueles se
interessam pelos assumptos didácticos.*

Redactores

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os números já publicados.

AMsiii'11'tlirri «iiiMUfil 1 S # 0 0 0

CIDADES VIVAS

DE BRENNO FERRAZ

**Paginas admiraveis de sociologia, em que
se tem nitida impressão da vida de tra-
balho das cidades paulistas que se es-
tendem pelo Paranapanema e pelo Tietê.**

PREÇO: 5Ô000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34

SÃO PAULO

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

L i ç õ e s d e
P o r t u g u e z

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes.... 85000

A s a h i r :

Anthologia Portugueza

Cia* Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 - S. Paulo

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos col-
legios e professores

Presentes de Halal para a creançadal

DODÓGA, historia de uma boneca, de d. Dolores
Barreto

A CAÇADA DA ONÇA, de Monteiro Lobato

JÉCA TATUZINHO, de Monteiro Lobato

Illustrados por Wiese

Desde já aceitam-se pedidos.

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SE', 34 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO



"REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Fundador: SILVIO DE ALMEIDA

Diretor: MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Emprêsa Editôra

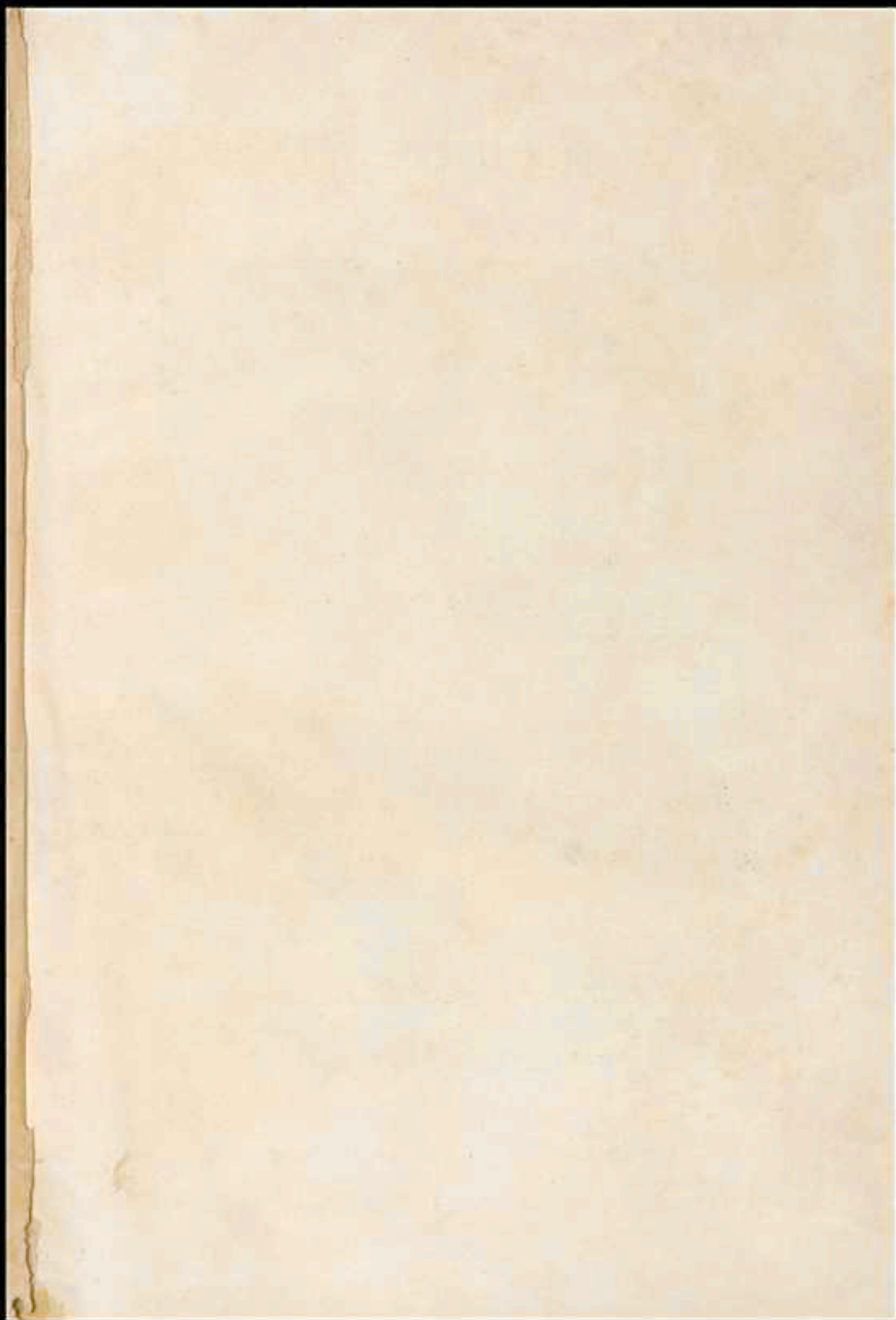
PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.0 andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

*





GALERIA DOS EDITADOS



D. FRANCISCA DE V. BASTO CORDEIRO

autora do "*Jardim Secreto*".

REVISTA DO BRASIL

II SP, Biblioteca -

92050

Tdt;W Tib v loth

VOLUME XXVII

SETEMBRO-DEZEMBRO

DE 1924

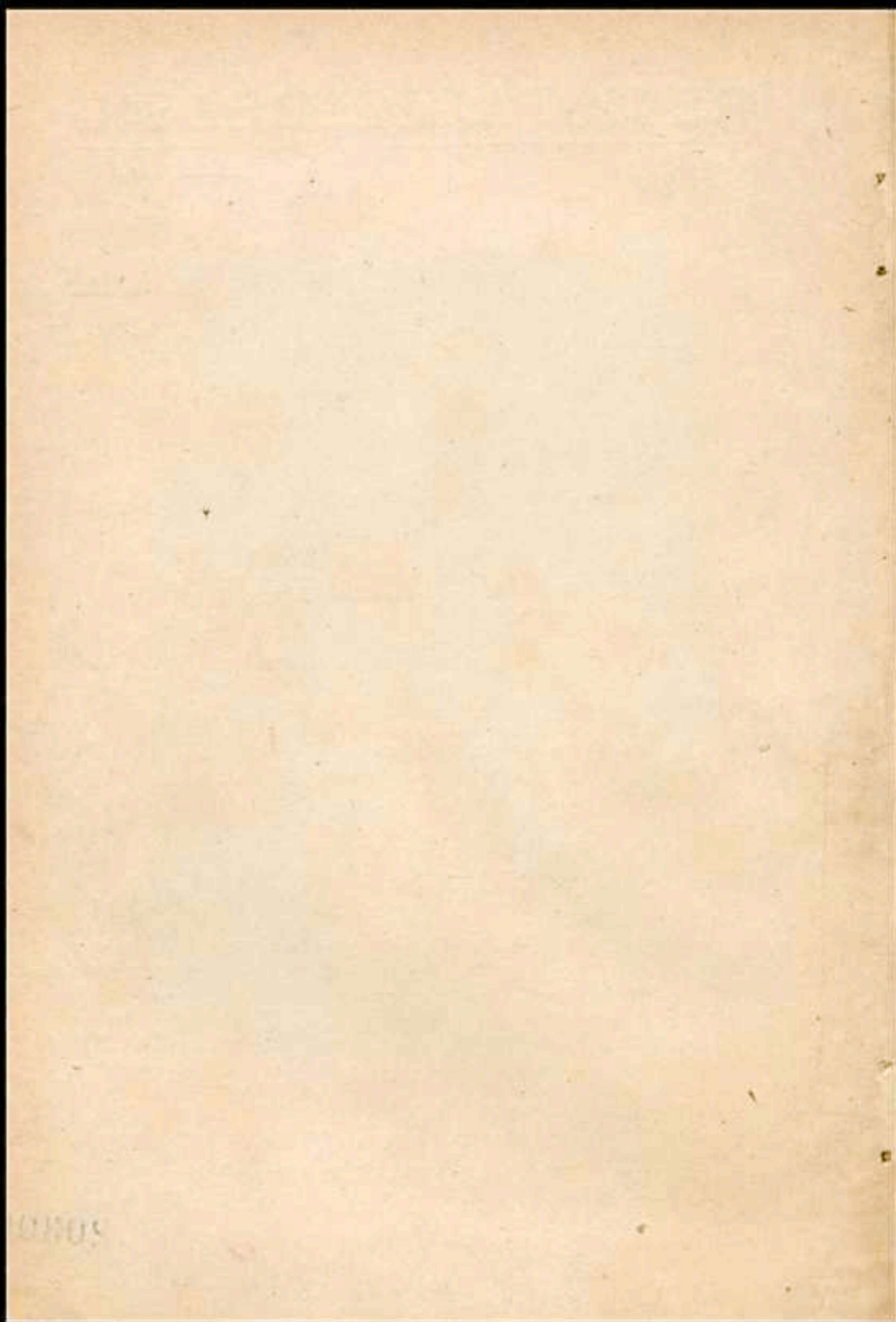
ANNO IX



COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

2 0 3 0 5





0705



REVISTA

DO

BRASIL

A EMANCIPAÇÃO POLITICA DO BRASIL

NA ultima quinzena de janeiro de 1808, a população da cidade de São Salvador assistia attonita, respeitosa e principalmente deslumbrada, a chegada da familia real portugueza. Era a primeira vez que gente de sangue azul, ou melhor, gente do mais azul dos sangues, pisava solo americano. E posto que em nosso paiz houvessem ecoado os rumores terríveis (laqueilas éras em que a cabeça de um rei rolâra na guilhotina, posto que por estas plagas houvesse também quem fosse capaz de enforcar "o ultimo dos reis no craneo do ultimo dos frades", o prestigio da realeza de tal forma era certo e positivo, que toda a Bahia vibrou de entusiasmo, de contentamento, de gratidão, quando viu desembarcar em seu solo o Principe Regente D. João, Que governava Portugal em nome de D. Maria I, louca desde 1792. Por seu turno, a familia real, ou melhor, o Principe, que lhe era o chefe, se enterneceu ante o carinho daquella recepção, em que a sinceridade se alliava á especie de extase produzido pela magia que despertava os que até ha pouco haviam sem discrepância governado povos com todo o absolutismo.

Quando, dias depois, aportava ao Rio de janeiro, a 8 de março do mesmo anno de 1808, D. João teve o que Oliveira Lima chamou, e com razão, "a illusão da chegada". Pareceu-lhe que tinha por fim encontrado a Chanaan desejada, sobretudo porque da vida, até então, só conhecera a parte dura, a parte lancinante, a parte continua de amarguras e de entraves, quer na vida publica, quer na vida privada. O céu sempre azul, o verde da vegetação vxuberante que cerca aquella linda Bahia de Guanabara, o calor

amigo dos habitantes, tudo numa palavra, homens e coisas, dera-lhe uma absoluta certeza de que lhe correriam felizes os dias que teria de passar aqui, maximè quando lhe acudiam á lembrança as horas terríveis de Portugal, o sobresalto continuo em que de lia muito vivia.

E o Brasil que D. João vem encontrar, por mais que delle tivesse noticia — e era da indole do Principe cuidar dos negocios públicos — estava muito mais desenvolvido do que o Regente podia suppor. Longe estavamos nós daquella Ilha, como a cognominou Pedr'Alvares, em 1500. povoada de um gentio apathico e absolutamente fóra da civilisação. Em três séculos haviamos caminhado de uma maneira assombrosa, tão rapida que na America só outro paiz, os Estados Unidos, nos ultrapassavam nos progressos alcançados. Éramos pouco menos de três milhões de habitantes, algumas das nossas cidades passavam de 50 mil — a Bahia e o Rio. A nossa exportação, que provava bem a importancia do nosso commercio, attingia a mais de 20 mil contos, e a importação a menos, a 10 mil. Já produzíamos, e em numero bem razoavel, matérias primas de primeira ordem: o assucar, de que Pernambuco tinha a primazia, com 20.000 caixas annuaes, se computava ao todo em 44 mil caixas; o algodão com mais de 70.000 arrobas de producção; o café, que já attingia de 90 a 100.000 arrobas, quasi todo do Pará, de onde veiu para o Rio e dahi mais tarde para Minas e S. Paulo, onde se tornou rei. Duzentos e quarenta mil couros de boi eram annualmente produzidos no Brasil, o cacau, o arroz, o anil, tudo em quantidade notável, sem falar da gomma, da salsaparrilha e outras hervas medicinaes, que entravam em menor numero no total da nossa producção. Muito de industria foram deixados á parte o ouro e os diamantes. Estes de tal forma inundaram os mercados europeus, que o preço delles baixára sensivelmente. Varnhagen calcula em 6.000 arrobas, ou melhor, em 60.000.000 a quantidade de ouro sahido do Brasil até então. Quanto aos diamantes, anda em mais de três quintaes a porção que seguiu para a Europa.

Si dos elementos financeiro, economico e commercial, que summariamente foram examinados, se passar aos demais que caracterizam o desenvolvimento da civilisação de um paiz, ver-se-á que o Brasil não havia em relação a estes caminhado menos. Nós já tínhamos notáveis representantes em certos ramos das artes. Na pintura haviamos produzido José Theophilo, José Leandro, auctor do painel que representa D. João e a familia real em extase deante de Nossa Senhora do Carmo, verdadeiros talentos sem escola, sem os meios nem occasião para se desenvolverem. Mas, admittindo, por precaução, que nesse particular não houvessemos attingido a



méta razoavel, na esculptura os "Jacarés", do Mestre Valentim, que todo o mundo conhece, ainda lá estão no "Passeio Publico", do Rio de Janeiro, para attestar como em plena Urbis colonial brotou uma individualidade que, si não é possível appellidar de gênio, em rigor não deve ficar muito aquém desse qualificativo. Sobretudo na musica, havia por esse tempo brasileiros que ainda hoje os mestres consideram como das mais notáveis, das mais delicadas, das mais primorosas organizações artisticas que o mundo tem produzido. Entre todos, cumpre destacar José Mauricio Nunes Garcia, o pardo padre, o auctor da Missa de 1801. da Missa de *Rcqittem* por D. Maria I, ambas obras primas, sobretudo a primeira, em que a emoção transborda de cada uma das suas partes componentes, capaz mesmo hoje de fazer vibrar os mais exigentes ouvidos.

Na literatura, é excusado relembrar os nomes que ainda ahi estão para attestar o grau de desenvolvimento que nesse ramo da arte nós havíamos conquistado. Para não falar dos que já se haviam ido — dos Gonzaga, dos Cláudio, dos Alvarenga Peixoto, dos Santa Rita Durão, dos Basilio da Gama — serão citados apenas Silva Alvarenga, Pereira Caldas, Mariano Pereira da Fonseca, além de outros, sufficientes para demonstrar a altura a que já havíamos chegado no culto das bellas letras. Convém consignar que si alguns desses nomes, ainda agora lidos e com extremo prazer, se haviam formado no convívio europeu, outros eram puros autodidactas, sem jârnais ter deixado as plagas coloniaes. Estão nesse numero os tres grandes oradores sacros — Frei Francisco de S. Carlos, Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio e Frei Francisco de Montalverne, o maior de todos.

S. Carlos nos legou o notável poema "Assumpção". Sampaio, alem de orador, jornalista e patriota, foi um dos grandes campeões da Independencia, alma de eleição e espirito de escol, cuja palavra vibrou, e vibrou com extrema eloquencia, prégando a necessidade da nossa emancipação politica. De Montalverne basta dizer que já cego, sua palavra era tão flammejante que o Rio de Janeiro, a Côte e o Imperador corriam a escutal-a na Capella Imperial. Nas mathematicas brilhava o espirito de Frei Pedro de Santa Marianná, o futuro bispo de Chrysopolis e preceptor e amigo querido de Pedro II.

Nas sciencias, marcam o estagio do nosso adeantamento personalidades como as de Frei José Mariano da Conceição Velloso, Arruda Camara e Manuel Ferreira da Camara Sá e Bittencourt, e sobre todos, pairando como um sol em torno do qual astros da grandeza desses que vimos de citar tinham de empallidecer, a figura imperecível do sábio José Bonifacio de Andrada e Silva.



Ora, deste rápido esboço se conclúe que ao desembarcar em nosso paiz a família real portugueza, tínhamos alguma coisa de perfeitamente definido, a capacidade quer economica, quer financeira, quer literaria, quer scientifica, quer moral, para nos tornarmos uma nação.

Faltava-nos, entretanto, o essencial, isto é, o espirito publico. Este existia, é certo, nessa pequena minoria, nesse escol de esplendidas figuras que eram a nata do paiz, mas não se desenvolvera ainda no grosso da população, em mais de dois terços composta de escravos, mestiços e caboclos, todos analphabetos. Não tínhamos, a bem dizer, escolas nem superiores, nem secundarias, nem primarias. A instrução, rudimentar embora, que em tempos se ministrára nos collegios e nas casas dos Jesuítas, havia soffrido um rude golpe com a expulsão dos mesmos por Pombal, em meados do século XVIII.

Certamente nas cidades maiores havia aulas de grego, de latim, de rhetorica, de mathematicas, de philosophia, como havia cirurgiões que ensinavam rudimentos da arte de curar. Entretanto, isso não bastava para que se diffundissem razoavelmente os conhecimentos essenciaes á formação intellectual, que só se deparava aos brasileiros alem do Atlântico e especialmente em Coimbra.

Dahi não é difficil concluir porque nos encontrávamos em condições pouco propicias sob o ponto de vista do espirito nacional para assumirmos o governo de nós mesmos; dahi o se comprehender, sem pena, como e porque fracassaram, victimas em regra da apathia sinão da hostilidade dos proprios conterrâneos, todas as anteriores tentativas de emancipação politica, ainda que regionalistas.

A época que se vae seguir depois de 1808 ha de aclarar de muito as trévas coloniaes, mas ainda assim a nossa independencia só se fará porque, já se disse, meia dúzia de eximios patriotas habilmente se aproveitarão da inépcia dos liberalões portuguezes de 1820.

No emtanto, antes da politica, nós havíamos de ter a emancipação economica, de que foi autor D. João, ainda regente de Portugal. Sim, porque o que antes ficou exarado relativamente ao nosso desenvolvimento, si é permittida a expressão, no sentido material, se deu sob o regimen colonial e apesar d'elle, o que é muito mais significativo para comprehensão da exuberância da seiva da terra que, sem liberdade de commercio, monopolizado pela Metrópole, sem industria, cujas possibilidades eram todas interdectas pelo Governo para impedir a concorrência á atrazadissima industria portugueza — se expandiu *quand même*.

A 28 de

janeiro de 1808, ainda na Bahia, D. João assignou o celebre decreto em que abriu os portos do Brasil ao commercio das



nações amigas. E' cie uso entre nós attribuir a José da Silva Lisboa, o futuro visconde de Cayrú, grande autoridade em tconomia política e discípulo de Adam Smith, a auctoria desse decreto, ou pelo menos uma decisiva influencia na sua elaboração. E' possível, é certo mesmo que Silva Lisboa contribuiu muito para que o decreto fosse lavrado. Mas só os que não se habituaram a ler nas entrelinhas da historia, poderão deixar de attribuir aos inglezes a verdadeira suggestão e talvez imposição da medida. Aos inglezes mais que a ninguém convinha a abertura dos portos brasileiros ao commercio das nações amigas, commercio que se reduzia quasi exclusivamente ao delles mesmos, "na época senhores absolutos dos oceanos. E ao Príncipe, é bem de ver, não era licito recusar um pedido daquelles que o haviam salvo das garras napoleónicas e se haviam prestado a garantir-lhe a viagem, comboiando as naus portuguezas com a esquadra de Sydney Smith até ás aguas pacificas do Brasil, longe, muito longe de Junot e dos Jacobinos...

Para nós esse decreto foi um verdadeiro grito de independencia. Não escapou, aliás, á agudeza do futuro D. João VI o surto que a sua resolução de Janeiro de 1808 nos ia proporcionar. É foi prophético o bom do Principe, quando, ao pôr os pés na capital do Brasil, declarou que vinha fundar na America um vasto e novo Império.

- Esse mesmo Rio de Janeiro, acanhado, apertado entre o Mangue e o Mar, a Saúde e a Gloria, com pouco mais de 50 mil habitantes, em 1808, teria cerca de 150.000 treze annos depois. E além do Campo de Sant'Anna, caminho de S. Christovam, a cidade nova já se iniciava, abrindo novos horizontes á expansão da velha Urbis.

Aliás, não convém restringir a expressão "commercio das nações amigas" ao simples intercambio de fazendas ou generos susceptíveis de venda e de compra; deve-se amplial-a á penetração de toda a sorte de elementos civilisados, gente, livros, idéas, vindos de além mar. Com effeito, quanto nesse sentido penetrou no Brasil, desde o decreto expedido da Bahia, é incalculável, e si pudessemos concretizar em uma única expressão todos os beneficios, moraes, sociaes, artísticos e intellectuaes que delle colhemos, recorreríamos á missão Lebreton, soberba pelos nomes de que se compoz e na qual os Debret, os Taunay, os Ferrez, circumdavam a gloriosa personalidade do famoso membro do Instituto de França.

Foram treze annos os da estadia do Principe, depois rei D. João VI, em nosso paiz. Em 1815, já melhoradas sobremaneira as nossas condições, pela abolição do systema colonial, foi o



Brasil erigido em reino. Certamente esse acontecimento tão significativo não se produziu só porque D. João tivesse a idéa de galardoar o nosso paiz, com a designação que o equalava á Metropole, e menos ainda porque quizesse agradecer os beneficios que porventura delle tivesse recebido. Razões politicas a tanto o obrigaram. Aquella figura magnifica de diplomata e homem de sociedade, que foi o Conde de Palmella, em quem Mme. de Staël encarnou o heroe de "Corina", communicou da capital austriaca ao Regente que o Príncipe de Talleyrand lhe aconselhára, ser o único meio de fazer Portugal figurar entre as grandes nações signatarias do tratado de Vienna, elevar o Brasil a reino, para desse modo, como soberano de um dos maiores paizes do mundo, conseguir a inclusão de Portugal entre as grandes potencias.

As consequências politicas da nossa promoção a tão alta categoria se fizeram sentir e de maneira inconcussa alguns annos depois, quando aos portuguezes recolonizadores de 1820 a invocámos altamente em favor da nossa egualdade de direitos com o reino peninsular. Não se pode contestar que para tal resolução entrasse de algum modo o amor verdadeiro que D. João sentia pela hospitaleira terra a que se acolhera espavorido de Portugal. Aqui ao menos havia mais facilidade de fugir á insupportavel convivência com a detestada e detestável esposa, e lhe era mais fácil ir de S. Christovam ao Cajú ou do Cajú á Ilha do Governador, quando D. Carlota se lembrava, o que aliás não era commum, de deixar os seus refúgios de Botafogo, das Laranjeiras ou do Rio Comprido, para voltar á Boa Vista.

Apesar das instancias e até das impertinências inglezas, apesar dos pedidos do seu povo, apesar da grita, apesar do estado de verdadeiro alarme que inspiravam as coisas de Portugal, o já então D. João VI não pensava em deixar mais o seu reino americano. Viu-se, entretanto, forçado a isso em 1821. Uma revolução estalára no Porto, em 24 de agosto de 1820, dirigida pelo "Synhedrio", sociedade secreta, da qual eram cabeças o desembargador Manoel Fernando Thomaz e principaes figuras Ferreira de Moura, Silva Carvalho e Ferreira Borges.

O "Synhedrio", como outras associações congeneres, representava bem o sentir da nação luzitana no momento. Portugal se via de hora para hora mais enfraquecido, mais deprimido, mais incapaz de resistir ao formidável surto que o Brasil tomára desde a vinda da familia real para a nossa Terra. Todo o seu commercio com ji Colonia Brasileira, por força da concorrência estrangeira, estava por assim dizer aniquilado, e essa era a única fonte de recursos para a pequena nação rotineira, morosa,



entardecida no evoluir, sem industria, ou pelo menos com industria impossível de competir com as dos paizes adeantados. Acontece que, talado e empobrecido por tres invasões successivas, o reino portuguez se via a braços com a penúria e a miséria resultantes ainda do péssimo estado da agricultura, agravando-se tudo pelo vexame da occupação ingleza, senhoreando o exercito e a administração. Só a volta do monopolio, só o retorno da grande Colonia ás condições anteriores a 1808, poderiam salvar a velha Patria dos Conquistadores do Oceano e de novo dar-lhe inão o esplendor e a fortuna, ao menos o bom viver de outr'ora.

Em 1817, na conspiração de Gomes Freire, essa angustia nacional já se esboça com nitidez, e não obstante a tentativa, uma especie de Inconfidência Mineira, se ter mallogrado antes mesmo de ser posta em execução, no animo dos portuguezes, lavradores, commerciantes ou soldados, o pensamento de a todo o transe fazer o rei voltar ao paiz de origem, recolonizar o Brasil, numa palavra, retornar á era anterior a 1808 — se converteu em obsessão. Talvez por isso mesmo não foi gente portugueza extranha nem infensa á revolução pernambucana de 1817, que, victoriosa, traria a independencia de uma ou mais provincias brasileiras, obrigando o rei a se lembrar da sua Terra natal e a lhe pedir os recursos necessários para tão grave eventualidade, do que com certeza deveria resultar pelo menos a volta da Côte a Portugal.

O que é certo, positivamente certo, é que a revolução portugueza de 1820 se fez por um desejo' unanime da parte portugueza da Monarchia, e que o seu verdadeiro intuito se resumia nestes dois vocábulos — recolonizar o Brasil.

Urgia, entretanto, no inicio mascarar a artilheria, maximè quando esta era manejada por gente habituada á astúcia, advogados, magistrados, homens da lei. Por isso mesmo abstiveram-se elles, no começo, de revelar os verdadeiros motivos e os verdadeiros fins da revolução, que afinal de contas eram legítimos, encarados sob o ponto de vista portuguez. Ao contrario, continha fazer ao reino ultramarino as mais largas promessas de liberdade, captar-lhe as sympatliias e a adhesão, de forma a impedir que, apoiado por elle, o rei viesse a jugular o movimento da antiga Metropole, estancando de súbito e de prompto a arrancada dos liberalões do Porto e de Lisboa. Dahi as expressões campanudas, á maneira do tempo — "o Constitucionalismo, o Liberalismo, a Regeneração, as franquias, as liberdades", com que nos acenaram e nas quaes, com a maior ingenuidade nós acreditámos em absoluto. Propagada a revolução do Porto a Lisboa, estribada no exercito que, aproveitando a vinda de Beresford ao Brasil, se sentia mais á vontade para se rebelar contra



o intolerável jugo inglez, não tardou que ella se extendesse pela nossa Terra, inhibindo desde o primeiro momento toda e qual-quer velleidade de resistência por parte do Monarcha e dos partidários do Absolutismo. No dia, porém, em que, certos de não encontrar nenhuma repulsa ao Brasil, e antes um sincero *élan* pela idéa de que se diziam arautos, os Fernandes Thomaz, os Borges Carneiro, os Ferreira de Moura, viram chegar á barra do Tejo, para lhes cair nas garras, "o velho rei" — o véo se decerrou e para logo, postas as cartas na mesa, se começou o jogo franco contra a antiga Colonia. De então em diante, prisioneiro de facto em Queluz aquelle que nos dera a emancipação economica, os liberalões amantes da liberdade para elles e da escravidão para nós, iniciaram a série de medidas, felizmente mais no papel do que em actos, chamados com razão "recolonizadoras". D. João deixára as aguas da esplendida bahia que tanto anfava, a 26 de abril de 1821. Não fôra sem grande repulsa a principio, nem grande magua depois, que elle se resignara a abandonar o torrão brasileiro. Contam que Sylvestre Pinheiro, seu ministro imposto pelo motim de 26 de janeiro de 1821, fôra o único que, na reunião definitiva dos conselheiros e dos magnatas que cercavam o rei, havia opinado pela permanência do mesmo em nossa Terra. Contam mais que, após o conselho, D. João disséra a'esse ministro: "Fomos vencidos, Sylvestre!" Que o rei não desejava sair do Brasil, é facto incontestável. Parece até que a isso se ligam certas prisões feitas em princípios de abril de 1821, as dos desembargadores João Severiano Maciel da Costa e Carvalho de Mello e a do vice-almirante Pinto Guedes, todos futuros titulares do Império — Marquez de Queluz, Visconde da Cachoeira e Barão do Rio da Prata, respectivamente, dos quaes os exaltados portuguezes constitucionalistas desconfiaram tramassem contra a partida do rei.

O motim de 21 de abril na Praça do Commercio, chamada depois "Açougue de Bragança", por ocasião da eleição dos deputados do Rio de Janeiro ás Côrtes de Lisboa, e que acabou tragicamente, ao que se diz pela intervenção directa do Príncipe D. Pedro, attesta que grande numero de brasileiros, adivinhando talvez as consequências da ida do monarcha, tentaram á viva força impedi-la.

O que não se pôde apurar com segurança foi a coparticipação do rei na mashorca. Mas, não ficará muito longe da verdade quem a admittir, baseada na manha e na astúcia inveteradas do marido de D. Carlota. Esta, sim, de tal forma detestava o Brasil "terra de sevandijas"! que foi possuída da maior alegria que embarcou para Portugal.



Ido o rei, ficou como Regente do Brasil o seu filho primogênito, D. Pedro de Alcantara, moço com 23 annos, casado com uma das mais cultas prineezas de todos os tempos, a virtuosa archiduqueza Maria Leopoldina da Áustria, grande amiga do nosso paiz e ao qual prestou inegualaveis serviços, até bem pouco sinão desconhecidos, ao menos não rememorados como merecem.

Para ficar, D. Pedro tudo havia feito, servindo-se até de meios que não podem ser louvados, sob a instigação de D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, seu mentor na emergência, da qual desejava tirar o maior partido. Com effeito, seria elle, o Conde dos Arcos, quem verdadeiramente governaria, uma vez que o joven Príncipe, sem experiencia e sem conhecimentos proprios, á testa do paiz, não poderia deixar de lhe recorrer aos conselhos e ás iniciativas. Durou-lhe pouco a illusão. Quem havia de governar o Rio, impondo a própria vontade á do Regente, seria a força militar portuguesa, e especialmente a Divisão Auxiliadora, aquelles officiaes plenos de empafia, de orgulho — e porque negal-o? — de sincero ardor constitucional, que dominaram sem contraste até fins de 1821.

O motim de 5 de junho desterrou para Portugal, prisioneiro em um navio de guerra, o Conde dos Arcos, e obrigou o Príncipe a laocetar ministros indicados pelos revolucionários e a executar outras imposições dos mesmos. Em breve, porém, os militares luzitanos julgaram necessário vir ás boas com o seu futuro soberano, despeitado, desgostoso e até irritado com a prepotência e -as violências delles, e á custa de affagos, de louva-minhas, de blandícias, procuraram captar-lhe de novo as graças e chamal-o ao amor e á confiança nos mesmos. Dahi o grande baile de 24 de agosto de 1821, no Theatro S. João, e do qual o esplendor se traduz bem pelas descripções coevas e sobretudo pelo que se despendeu, mais de cincoenta contos, somma avultadíssima para a época.

Nós entretanto — e é o que importa — não tínhamos por esse tempo uma idéa exacta do que nos convinha.

No Rio governava o Principe e nas demais províncias, nome que passaram a ter as antigas capitánias, logo depois da instituição do governo constitucional, haviam sido eleitas juntas de governo, de accordo com as instrucções mandadas de Lisboa. A auçtoridade do Regente só se fez sentir de facto sobre o Rio, S. Paulo e as capitánias do extremo Sul: Santa Catharina e Rio Grande. A própria Minas só lhe entrará em ol>ediencia verdadeira mais tarde, bem mais tarde, em março de 1822. Nas outras, o Constitucionalismo tinha vindo de encontro á tendência particularista, á feição regionalista que, como já ficou dito em



conferencia anterior, era resultante da amplitude da nossa enorme base physica, da formação mesma das nossas classes superiores e ainda da descentralização administrativa do regimen colonial portuguez. Dest'arte, afora as que se puzeram desde logo ao serviço das idéas da Metropole — a Bahia, o Pará e o Maranhão — exceptuadas Goyaz e Matto Grosso, sem importância politica e as que acompanharam D. Pedro, as demais, tendo como centro Pernambuco, do qual eram satellites, iniciaram desde logo a politica de *maromba* entre o Regente e as Côrtes de Lisboa, no desígnio bem visível de se aproveitarem da contenda para crearem a própria independencia sob a forma republicana. E' o que explica a apparente contradicção dos antigos revolucionários de 1817, dos companheiros do Padre João Ribeiro e de Domingos José Martins, os Gervasios Pires e os Felipe Nery, não se decidindo, até quasi a hora do 7 de setembro, entre a causa portuguesa e a causa brasileira. A futura "Confederação do Equador", em 1821, virá demonstrar a verdade deste asserto.

Vê-se, pois, que em 1821 longe estavamos de um accordo para uma acção unísona contra os planos do Congresso de Lisboa, postos em vigor nesse mesmo anno. Compreendendo que o terreno era propicio, não hesitaram os dirigentes da Metropole em descarregar desde setembro a sua artilheria contra o Brasil, numa chuva de decretos fulminatorios, visando a nossa recolonização. Apenas tiveram elles certeza da nossa franca adhesão ao *systema* constitucional, para logo negaram o empréstimo solicitado pelo Banco do Brasil e o reconhecimento da divida feita pelo Governo Real como divida nacional. Isso não chegou para que abrissemos os olhos, porque em verdade esse anno de 1821 — já o disse Oliveira Lima — foi para o Brasil um anno francamente portuguez.

Ninguém — e na palavra "ninguém" não deve ser comprehendida a unanimidade no sentido mathematico da expressão — ninguém pensava em separar o Brasil de Portugal. Tocados pela magia dos vocábulos que então andavam de boca em boca — Constitucionalismo, Regeneração, Liberdade, Monarchia temperada, etc. — os proprios homens que eram a fina flor da intellectualidade nacional, a começar pela figura de José Bonifacio, entendiam que o que nos convinha em absoluto era manter as franquias e os direitos a nós concedidos por D. João VI, guardando-se a alliança com o velho reino, como a Suécia e a Noruega, a Áustria e a Hungria, em summa como varias monarchias duas, mas havendo unidade completa sob o ponto de vista da dynastia e do regimen, isto é, Reino Unido do Brasil e Portugal sob a casa de Bragança.

*

Existiam, sem duvida, separatistas e republicanos, e é bem de ver que não se trata aqui dos regionalistas, como os pernambucanos a que ha pouco se alludiu. Esses republicanos, entretanto, eram minoria infima e que de forma alguma influiu na época, quer sobre a grande massa indifferente, quer sobre os espiritos de escol, que — convém repetir-o — então desejavam ardentemente a união com Portugal. Só depois que nenhuma illusão mais se poudo manter sobre as intenções do Congresso Luzitano, é que um partido brasileiro se organizou com o intuito evidente de propugnar pela independencia, sem todavia ousar declaradamente manifestar esse designio desde logo. Só em dezembro de 1821 é que começou a agitação de que resultou o Fico, isto é, só então o Brasil despertou do sornno "amodornado" em que se conservava, segundo a textual expressão de Antonio Carlos. Nesse mez, a 9, chegaram ao Rio, pelo brigue de guerra "Infante D. Sebastião", os chamados "decretos recolonizadores", de 29 de setembro de 1821, promulgados em carta de lei de 1.º de outubro, referentes á criação das juntas de governo provisorio, á escolha e nomeação dos cominandantes das armas das províncias, independentes do poder local, exclusivamente portuguezes e nomeados em Lisboa, e a ida do Príncipe para a Europa, afim de, acompanhado por um mentor constitucional, viajar pela França, Inglaterra, Nápoles e Hespanha, para aprender o Constitucionalismo.

Crendo agir com firmeza, foi, entretanto, duplamente inepta a acção dos liberaes portuguezes de 1820: primeiro, porque nos forneceu o elemento de que carecíamos para sair da modorra, depois, e principalmente, porque pôz ao nosso serviço, e de mão beijada, o instrumento capaz de coordenar as forças esparsas e realizar o typo de unidade precisa para uma reacção conjuncta e efficaz.

Indubitavelmente, um pouco antes, em outubro — ca documentação de Djalma Forjaz o provou de maneira inilludível — já os paulistas eram conhecedores da intenção do governo de Lisboa em chamar o Príncipe, tanto assim que naquella data a este officiam para que em qualquer eventualidade não deixasse o Brasil e aqui ficasse. Sem embargo, porém, da prioridade da idéa, que pertence a S. Paulo, a do movimento isto é, a dos actos que conduziram á resolução de 9 de janeiro de 1822, cabe á brilhante pleidade de patriotas do Rio de Janeiro, designada na nossa hisotria pelo nome de "Club da Resistencia". São elles os grupos de José, Joaquim da Rocha, Azeredo Coutinho, Vasconcellos de Drunnond, Athayde de Moncorvo, e tantos outros que, desejando ha muito a liberdade da sua Patria, aguardavam apenas o momento opportuno para o inicio de um movimento



com reaes probabilidades de êxito. Compreendendo as vantagens que traziam á causa do Brasil, os decretos de setembro e os que se promettiam para breve, extinguindo academias, tribunaes, deixando sem emprego numerosos indivíduos, e ainda melhor, o despeito e a irritação de D. Pedro, quer por deixar o poder, quer pelo modo insolito com que o tratavam á maneira de menino malcriado e vadio — os da Resistencia não perderam nem o tempo nem o ensejo e se puzeram em campo. Sabe-se como foi energica e teve consecução triumphal a iniciativa dos patriotas cariocas, e sabe-se como, obtido o apoio entusiastico e precioso de José Bonifacio, ella se ultimou na memorável, jornada para sempre lembrada sob o nome dê Dia do Fico. Não é esta oportunidade para rememorar a importancia desse acontecimento definitivo para a nossa Historia e do qual largamente já se tratou, em conferencia realizada no "Automovel Club de S. Paulo", a 14 de janeiro de „1922.

Cheios de gloria para nós foram os dias que se seguiram ao Fico, marco inicial de uma próxima emancipação, da qual ainda não convinha falar, francamente, mas que se adivinhava sem grande difficuldade como irresistivelmente vencedora em breve. Pela primeira vez o espirito nacional espoucava francamente dos corações contemporâneos. Não se tratava mais de um Sonho brotado nos cerebros de alguns esclarecidos patriotas de Villa Rica, nem do ideal particularista de separação, que durou ephemeramente 76 dias," em 1817. Era a consciência plena de uma nação que surge.

São os brasileiros em chusma que se concentrando no Campo de SanfAnna, sob a chefia do velho general Xavier Curado, desafiam os canhões da Divisão Auxiliadora, postados a cavalleiro da cidade, no Morro do Castello. E a nossa attitude é tão firme, se impõe por tal forma aos soldados de Jorge de Avillez, muitos dos quaes tinham pelejado nos campos de batalha napoleonicos, que o chefe portuguez se vê coagido a ceder e, mediante accordo, se retira com os seus para a Praia Grande. Dahi mesmo terá que sair em fevereiro, enxotado, não lhe hayendo consentido nem o Príncipe, nem a opinião publica que por mais tempo permanecesse no territorio que os Fluminenses entendiam e queriam, fosse verdadeiramente nacional e improprio ao dominio ou á ameaça de qualquer força estrangeira.

A' frente da Causa Santa pela Patria se colloca desde janeiro de 1821 a figura majestosa de José Bonifacio de Andrada e Silva, nomeado ministro do Reino, da Justiça e dos Negocios Extrangeiros pelo Príncipe Regente, logo após as occorrencias posteriores ao Fico.

*



A attitude que o sábio santista assumira em S. Paulo contra as Côrtes, o seu officio a D. Pedro, em 24 de dezembro de 1821, a sua vinda á Capital do Brasil, chefiando a commissão que a Junta Paulistana nomeára para solicitar de D. Pedro que não partisse, de tal modo chamaram a attenção geral para o grande mineralogista, que a sua nomeação se impoz de maneira inconcussa.

A' frente dos negocios públicos, esse que será chamado no futuro "Patriarcha da Independencia" vae trabalhar com afinco pela Causa Sagrada, sem no emtanto deixar de imprimir á sua acção o cunho de prudência, de tino e de reserva, exigidos em assumpto de relevancia e (cheio de gravds perigos. Por isso mesmo sua politica não foi e não podia ser comprehendida pelos Exaltados do Partido Nacional, os Radicaes, tão patriotas quanto elle, mas muito mais ardorosos e desejosos de a todo o transe, custasse o que custasse, conduzir o mais rapidamente possível ao seu termo o glorioso *desideratum*.

Sem as responsabilidades do poder, fóra da machina governamental, todas as audacias lhes eram licitas, sem que delias pudessem advir á Causa os mesmos inconvenientes e quiçá os tropeços e entraves que certamente lhe resultariam si iniciativas extremadas partissem dos conductores officiaes da campanha. Logo, entre o ministro e Joaquim Gonçalves Lêdo — o redactor do "Reverbero", official maior da Secretaria do Arsenal de Guerra, chefe com Januário da Cunha Barbosa, Luiz Pereira da Nóbrega, José Clemente Pereira, dos Exaltados — se creou aquella animosidade que, minorada por instantes, tinha mais tarde que se transformar em implacavel hostilidade, sinão em inveterado odio.

Eram aliás filhos espirituaes da Revolução Franceza os que com Lêdo á frente queriam precipitar os acontecimentos. Embebidos das leituras de Rousseau, de Voltaire e dos encyclopedistas, e ainda mais, dos românticos discursos dos Girondinos na Legislativa e na Convenção, Lêdo e seus companheiros vasavam quanto escreviam no seu jornal nos moldes das orações de Vergniaud, Brizot, Jean Sonné, Brissot, e os vultos mais eminentes do partido politico que Lamartine historiou e endeusou.

Já esboçada em fevereiro, a divergencia entre os patriotas, cresce em março para em abril ameaçar por assim dizer a victoria do ideal por que todos se batiam, por que todos luctavam, aliás com o mais entranhado amor e a mais sollicita dedicação.

José Bonifacio fizera convocar em fevereiro de 1822 o Conselho dos Procuradores de Provincia, especie de assembléa mais consultiva do que deliberativa, verdadeiro conselho de Estado, com o qual desejava agradar a opinião publica, deixando para



mais tarde, por lhe parecer inoportuna no momento, a idéa de uma Assembléa Constituinte.

Os Radicaes entenderam que a medida era anodyna e suggerida para occultar uma especie de despotismo da parte do Ministro paulista, ou pelo menos a velleidade de governar de motu proprio e sem o que se chamaria hoje o *controle* dos adversários. Não se sabe a que extremos levaria a irritação dos ânimos, de parte a parte, si a Divina Providencia, a nossa eterna protectora, não tivesse ao filho prodigo que delia fomos, somos e seremos, concedido na pessoa da figura central de toda a acção, o meio de duplamente salvar a Causa Sagrada, já o inspirando no melhor sentido, já lhe proporcionando, através de um acontecimento de vulto, o prestigio e a ascendencia precisos para intervir decisivamente em beneficio do ideal commum.

Essa figura central, já se adivinha, era o Príncipe.

D. Pedro, ainda que impulsivo e suggestionavel, volúvel e pouco affeito ás resoluções ponderadas, agiu na emergencia com discernimento e calma. Inspirado por José Bonifacio e depois das medidas energicas, no despacho para a Europa da Divisão Auxiliadora, e na repulsa da esquadra de Maximiliano de Souza, cuja entrada impediu na Bahia de Guanabara, evitando assim o desembarque das tropas do Coronel Rosado — resolveu o Regente a celebre viagem, em março de 1822, ás Minas Geraes.

Urgia pacificar essa província, revolucionada pelas dissensões entre os membros da Junta Governativa, de cujo mando se havia apoderado a facção que pretendia talvez fazer daquella unidade brasileira uma nação á parte. Cumpria a todo o custo não só chamar a magnifica terra do ouro e dos diamantes á obediência ao centro do Governo, como ainda mais despertar nella o entusiasmo pela Santa Causa Nacional, ao lado de suas irmãs — a do Rio de Janeiro, a de S. Paulo e a do S. Pedro do Sul, agrupadas estrictamente em torno do Regente.

O resultado dessa viagem foi verdadeiramente triumphal. Por toda a parte a mocidade do Príncipe, a sua figura varonil e marcial, o seu trato ameno e até a sua habilidade politica, lhe valeram as mais fervorosas adhesões e o entusiasmo mais sincero. Sem luefa, sem derramamento de sangue e mesmo sem violência, entrou elle em Villa Rica, substituiu os dominadores da Junta pela gente que estava nas suas idéas, foi ovacionado por todas as populações mineiras, e quando voltou de tal forma se sentiu identificado com a Causa que chefiava, que se pode dizer, sem receio de erro, haver sido essa excursão o verdadeiro baptismo de D. Pedro como cidadão do Brasil.



De volta ao Rio, em abril, sua chegada motiva uma das mais estrondosas manifestações de apreço, de sympathia, de amor, que jámais governante algum haja por ventura tido.

Vinha a tempo o Príncipe para evitar a explosão imminente entre Exaltados e Radicaes. Agindo com prudência, mantém a uns e outros nos postos em que se batiam, sem consentir, entretanto, que disputas vans ponham em perigo o ideal pelo qual todos combatem. Continuando a se orientar pelo seu grande ministro, pelo qual sentia uma admiração que tocava ás raias do fanatismo, não se pejando Sua Alteza de lhe copiar até as feições menos nobres do destempero da linguagem e dos gestos, não descontenta a Lêdo e ao seu grupo, e, ao contrario, os anima na medida do razoavel. Por isso mesmo accêita o titulo oriundo delles, por intermedio da Maçonaria, da qual era porta-voz José Clemente, como presidente do Senado da Camara, de *Defensor Perpetuo do Brasil*, a 13 de maio de 1822, recusando ao mesmo tempo e com excessiva habilidade, o de *Protector*, pela nobre allegação de que o Brasil não precisava de quem o protegesse, pois era bastante para se proteger a si mesmo.

Por esse tempo o Partido Brasileiro tem a sua grande força na Maçonaria e no Clero, e sendo este quasi todo maçõn, resulta que era naquella que se concentravam todos os elementos propulsionadores da Cruzada pela Patria. Não tem sido devidamente esclarecido nem homenageado o quinhão relevantíssimo que á Maçonaria cabe na Historia da Independencia Brasileira. Desde antes da vinda da Cõrte Portugueza ao Brasil, já em Pernambuco, Bahia e outros logares, existiam lojas maçõnicas. No Rio se fundou, em 1815, a que se intitoulou "Commercio e Artes", mas esta, como as suas congeneres das Províncias, foi fechada por occasião da Republica Pernambucana, de 1817. Em junho de 1821, a "Commercio e Artes" reabriu as suas portas e se tornou desde logo um fõco de patriotismo e de trabalho pela Causa Nacional. No momento do Fico cresceram de tal modo os associados desse templo maçõnico que se crearam mais dois com os suggestivos titulos de "União e Tranquillidade" (allusão ás palavras do Príncipe, no dia 9 de janeiro de 1822) e "Esperança de Nictheroy".

Em maio ficou resolvida a forlnação do "Grande Oriente" do Brasil, que se inaugurou em junho, sendo eleito grão-mestre José Bonifacio e primeiro grande vigilante Gonçalves Lêdo. Desse "Grande Oriente" fazia parte tudo quanto constituía a fina flor dos intellectuaes e patriotas brasileiros, e nelle a influencia de Lêdo era tão visível que José Bonifacio julgou conveniente fundar pouco depois, em julho, o "Apostolado", Associação secreta dos üobres cavalleiros da Santa Cruz, dirigida pelo



archonte-rei e núcleo de partidarios dedicados do ministro de D. Pedro, que foi feito chefe ostensivo da comunidade.

O Clero nacional era, como já se disse, quasi toda nação e liberal, tocando-lhe uma parte considerável na propagação da idéa emancipadora de que elle foi talvez mais devoto que propriamente da religião. Vinha de longe, aliás, essa tendencia dos nossos sacerdotes, em grande numero compromettidos nos movimentos anteriores, dos Inconfidentes Mineiros e dos Revolucionários Pernambucanos, de 1817.

Eram membros da Maçonaria, entre muitos outros, o Conego Januario e Frei Sampaio, dois dos mais eminentes e prestigiosos vultos do Partido Nacional.

A' victoria da Maçonaria, em 13 de maio, seguiu-se outra e mais retumbante, em 3 de junho, a tão cobiçada convocação da primeira Assembléa Constituinte do Brasil. A ella se oppoz o quanto *poude, com razão, José Bonifacio. Parecia-lhe inconveniente e fóra de tempo a reunião de uma assembléa com esse caracter, e os factos vieram um anno depois confirmar quanto havia de ponderado no pensamento do Ministro. Não lhe foi possível, entretanto, resistir ao desejo geral, que D. Pedro abraçou, de forma que na supra citada data elle proprio referendou o decreto que convocava os eleitores para a escolha dos deputados ao futuro Congresso Constituinte Nacional.

Mais do que uma resposta ás medidas recolonizadoras das Cortes de Lisboa, mais do que uma represalia, o acto de 3 de junho de 1822 representa uma legitima e insophismavel declaração sinão de independencia absoluta, ao menos de franca e decidida autonomia do Brasil sob todos os pontos de vista, inclusive o politico.

Doravante, emquanto for mantida a união com Portugal, esta será apenas a de uma nação a outra, e nunca a submissão ou dependencia do Reino Ultramarino para com o Reino Europeu. Este, no entanto, continuava impávido a decretar umas sobres outras medidas hostis ao Brasil. A noticia do Fico produzira em Lisboa grande emoção e tivera como effeito immediato moderar de certa forma o ardor brasilophobo dos Regeneradores portuguezes, que pensaram, no momento, nos meios possiveis de uma conciliação com a antiga Colonia. Mas, a resistencia de Madeira de Mello, na Bahia, ás ordens do Regente, a certeza do apoio ao Pará-Maranhão e a politica dúbia de Pernambuco e seus satellites, revigoraram os ânimos dos que nos queriam recolonizar e para logo se entrou novamente no regimen das providencias e dos decretos anti-brasileiros. De nada valiam as ponderações e os sinceros esforços dos nossos deputados ao Congresso Constituinte Portuguez, no sentido de, cumprindo as



instrucções que daqui haviam levado, evitar quanto pudesse prejudicar a união com a velha Metropole e separar de uma vez os dois reinos. Nada conseguiram, e, pelo contrario, se tornaram alvo das grosserias, das facécias e até dos insultos, qüier dos seus collegas luzitanos, quer da canalha das ruas que, nas galerias, os invectivavam com apupos e chalaças. Em vão procuram oppor-se á remessa de tropas para a Bahia, 110 intuito de reforçar o elemento portuguez do Brigadeiro Madeira, em vão a eloquencia de Antonio Carlos; a ponderação de Vergueiro, o brilho da palavra de Lino Coutinho e de tantos outros próceres da intellectualidade brasileira, reboaram na sala das sessões do Congresso de Lisboa. O "Batalhão 22", como eram chamados os vinte e dois deputados inimigos acerbos da Causa Brasileira e de que eram figuras maximas Fernandes Thomaz, Ferreira de Moura e Borges Carneiro, tudo levou de vencida, de molde a obrigar muitos dos representantes do Brasil não só a se ausentarem das discussões, como mais tarde a se retirarem da Capital Portugueza.

Por mais nobre, entretanto, que fosse a attitude dos nossos deputados, que na sua maioria honraram o mandato (pie lhes havia sido confiado, por mais corajosa que tivesse sido a sua acção entre os adversarios, não parece que esta houvesse influido, siquer de maneira relativa, nos acontecimentos que se passaram 110 Brasil, especialmente no Rio e que nos conduziram ao "Independencia ou Morte".

Todos os eventos que precipitaram a nossa emancipação politica precederam os actos mais hostis das Côrtes Portuguezas, e nem o 9 de janeiro, nem o 13 de maio, nem o 3 de junho, nem o 1.º e o 6 de agosto, nem mesmo o 7 de setembro foram consequências dos mais terríveis decretos da-Assembléa de Lisboa, todos chegados aqui respectivamente após aquélles decisivos acontecimentos.

Não ha desejo de diminuir o valor dos nossos deputados com essa affirmação. Poucas vezes um paiz escolheu tão bem seus delegados como o Brasil, em 1821, e para symbolizal-os bastam as duas excelsas personalidades de Antonio Carlos e de Vergueiro — a Eloquencia e o Bom Senso, o Arrojo e a Prudência, o Ardor e a Ponderação. Todos, ou quasi todos, cumpriram fielmente os deveres de que se haviam incumbido e de forma alguma lhes era licito trahir o mandato no qual expressamente se lhes estatuiu como principal clausula a união do Brasil com Portugal. Dest'arte, não lhes era possível pugnar pelo ideal que já avassalava seus patrícios no Brasil, isto é, o da independencia absoluta, ainda quando, o que não é crivei, seus collegas luzitanos lhes permittissem essa orientação.



Entrementes, em nossa terra os factos se precipitavam. A' convocação da Assembléa Constituinte não se seguiu a declaração immediata de uma independencia total, sinão porque altas conveniências de ordem politica assim o exigiram. A Inglaterra, para onde havia seguido Felisberto Caldeira Brant, o futuro Marquez de Barbacena, politico de eminentes qualidades, militar, diplomata e homem do mundo, cujas requintadas maneiras lhe ganharam excellente reputação e proveitosas amizades, entendia necessaria, para evitar repezalias da Santa Alliança, guardarem-se umas tantas conveniências, sobretudo as que condizem com o principio básico das monarchias absolutas e divinas, isto é, a da soberania incontestável e incontestada do rei sobre os seus súbditos. Caldeira Brant, que conseguira fazer-se encarregado de negocios do Brasil, em Londres, communicava tudo isso a José Bonifacio e com instancia lhe pedia que comprehendesse bem as inteflções da matreira Albion, cujo ministro, George Canning, desejava no intimo a formação dos novos Estados Americanos, mas estabelecida com prudência e de modo a não provocar resentimentos nem hostilidades das nações de Alem-Mar, unidas pelo pacto acima designado. Dahi as reservas e as precauções que hão de cercar os actos de julho e de agosto, principalmente os dois manifestos de 1.º e de 6 deste ultimo mez/nos quaes, a par da mais decidida repulsa ás pretensões recolonizadoras de Portugal, se faz questão de proclamar a soberania de D. João VI sobre o Brasil, a união deste com Portugal, a bondade e o paternal amor de S. Magestade em relação aos brasileiros e até mesmo a coacção do velho monarcha, forçado, como prisioneiro que é das Cortes, a assignar e a promover providencias contrarias ao seu "bom e real animo".

A 1.º de agosto de 1822, D. Pedro assigna um manifesto á Nação, um documento de alta importância politica e que teve enorme repercussão. Redigido por Lêdo, revela sem reboços o auctor pela linguagem, pela forma e pela essencia. Começa com uma phrase celebre da Revolução Franceza — "Está acabado o tempo de enganar os homens", e através de uma linguagem vibrante, de emoção e de patriotismo, préga a união dos brasileiros, que os portuguezes tentavam quebrár com o plano do estabelecimento de dois ou três centros de governo entre nós. E' nelle que se encontra a celebrada phrase: "Formem todas as províncias o feixe mysterioso de varas que nenhuma força humana pode quebrar!" E são ainda desse inesquecível documento as celebres tiradas — "Não se ouça do Amazonas ao Prata outro grito que não seja o de Independencia!" "Não retumbe outro éco que não seja o da união!"



A 6 outro manifesto se publica e desta vez elle é dirigido aos representantes das nações amigas no Brasil. A redacção, em tudo diversa do anterior, demonstra a auctoria de José Bonifacio. Historiando as razões que o forçam a proclamar a independencia do Brasil, D. Pedro allude a todos os erros e a todas as perseguições portuguezas contra nós, para, depois de isentar D. João VI de toda e qualquer responsabilidade, por estar coacto e prisioneiro, proclamar que o Brasil saberá manter os seus direitos, custe o que custar e seja contra quem fôr.

De ambos resalta a noção de que intencionalmente se velava o proposito, que era, entretanto, o verdadeiro, da proclamação de uma independencia integral, de accordo com as precisas e categóricas informações enviadas pelo nosso agente em Londres. Delles se concilie ainda que por esse tempo Ledo e José Bonifacio, ou por outra, Exaltados e Moderados, se encontravam em paz, ao menos apparente, e trabalhando juntos pelo glorioso ideal que lhes era, a uns e^a outros, tão caro. Essa paz vinha desde a remodelação do Gabinete do Regente, em julho, com a entrada de Luiz Pereira da Nóbrega, Radical, para a Pasta da Guerra, e de Martini Francisco, Conservador, para a da Fazenda, de que sahiu Caetano Pinto para a da Justiça, separada da do Reino e Exrangeiros, na qual continuava José Bonifacio.

Foi ainda em agosto que D. Pedro se resolveu a partir para S. Paulo, no intuito de sanar uma grave questão local, em que se envolviam as pessoas • e o prestigio dos Andradas. A 23 de junho de 1822 um motim, que ficou conhecido sob o nome de "Bernarda de Francisco Ignacio", deportára de S. Paulo Martim Francisco, então membro da Junta de Governo Provisorio, bem como o Brigadeiro Jordão, amigo intimo daquelle, remetendo o primeiro para o Rio e o segundo para Santos.

Hoje, não ha mais quem sinceramente acredite ter sido esse movimento de caracter retrogrado ou favoravel ás idéas portuguezas, como no momento se allegou. Para os que com imparcialidade analysam os documentos da época, o caso não passou de uma simples questão regional, sem caracter verdadeiramente politico, e muito menos hostile á Causa Brasileira, rivalidades entre dois grupos que se disputavam um ao outro o mando, desintelligencias suscitadas talvez pelo excessivo orgulho e mandonismo de Martim Francisco, mas nunca reacção contra a idéa de Patria.

Não o entendeu assim José Bonifacio, apaixonado duplamente pelo desprestigio de seu irmão e genro, bem como pelas violências que lhe haviam feito, e não lhe foi difficil, invocando pretextos naturalmente exaggerados, obter do Príncipe que em



pessoa viesse á cidade paulistana no intuito de, com a sua presença, realçar a força e o valor da familia amesquinhada e ultrajada.

D. Pedro partiu a 16 de agosto, depois de haver tomado providencias energicas contra Madeira de Mello, na Bahia e de se haver feito maçon, iniciando-se sob o significativo appellido de "Guatemosin".

A viagem foi um triumpho. Veio por terra e penetrou na provinda de S. Paulo por Areias, de onde proseguiu, pousando nas principaes villas marginaes do Parahyba — Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Jacarehy, e depois Mogy e a Penha de França.

A 25 subia, sob o pallio, a Ladeira do Carmo e recebia as homenagens de toda a capital.

Derrubados os partidarios de Francisco Ignacio e castigados. aliásysem severidade, os inimigos dos Andradas, posta em ordem a situação, o Príncipe foi a Santos no dia 5 de setembro, no duplo intuito de visitar a terra natal do seu grande amigo e grande ministro e de examinar as fortificações do já notável porto.

De volta, a 7, já nas vizinhanças de S. Paulo, recebeu elle, cerca das quatro horas da tarde, os emissários que a toda a brida lhe enviára do Rio José Bonifacio, o sargento-mór Ramos Cordeiro e o correio Paulo Bregaro, a quem o ministro do Reino dissera que não seria mais correio si não estropiasse na viagem vários cavalloos.

Deviam ser e eram da maior gravidade as novas que com tanta pressa o Ministro do Regente a este enviava.

O brigue "Três Corações" as trouxéra, e, apenas chegadas, convocára José Bonifacio uma reunião do Ministério, presidida pela Princeza Real D. Maria Leopoldina, e na qual se deliberou despachar a toda a pressa, ao encontro de D. Pedro em S. Paulo, o correio Bregaro, para que o Príncipe fosse logo informado da excepcionalidade do que de Lisboa vinha.

"Si se tem de fazer, que se faça já" — havia dito Martim Francisco, ao pedir licença á Princeza para juntar á correspondência uma carta delle e do irmão ao Regente.

Effectivamente, urgia *fazer já*, porque de Portugal se annunciava que em breve chegariam os decretos das Cortes, substituindo o Ministério do Rio por outro cujos membros já estavam nomeados, prolongando a Regencia de D. Pedro apenas até o acabamento da Constituição prestes a se ultimar, declarando irritos e nullos os actos convocatorios do Conselho de Procuradores, mandando suspender as eleições para o mesmo nas Provincias em que porventura não tivessem sido feitas, e mandando procès-



sar o Ministério do Príncipe e a Junta de S. • Paulo, em virtude do officio de 24 de dezembro de 1821.

Era de mais e cumpria, passando sobre as conveniências tão caras a Felisberto Caldeira Brant, não só evitar a vergonha que se infligia ao Príncipe, como também a que ia recahir sobre o seu leal amigo e conselheiro.

Num movimento impulsivo que bem" lhe caracterizava o temperamento, após a leitura do que continha a pasta que lhe enviara o grande Andrada, D. Pedro virou-se para Belchior Pimheiro de Oliveira, seu companheiro de excursão, e lhe disse: "Hão de ver para quanto presta o *rapazito!*"

Era a explosão final da magua que lhe produzira a phrase caustica e imprudente de Borges Carneiro, mezes antes, em pleno Congresso Luzitano.

Uni instante depois, cavalgando a besta baia gateada que montava, D. Pedro partia a galope ao encontro da sua guarda de honra, postada em descanso no sitio chamado *Piranga*.

Sob o céu azul e luminoso daquella tarde memorável, retumbou, proferido pelo príncipe e repetido por dezenas de boccas frementes de entusiasmo, o IN-DEPENDENCIA OU MORTE!

Não podia, entretanto, D. Pedro permanecer em S. Paulo, e dahi partiu na madrugada de 9, após as scenas tocantes da noite de 7, no theatro, onde se apresentára com o bracelete de ouro em que o distico famoso se gravara, e onde se cantou o novo hymno, cuja solfa era do talento musical indiscutível de Sua Alteza.

A 14, fazendo cerca de cem legues em cinco dias, chegava elle a S. Christovam, para logo depois se apresentar no Theatro S. João, onde em delírio o povo o acclamou, já trazendo todos o pendão verde-amarello e atado ao braço o lemma inesquecível.

A acclamação, entretanto, só se realizou a 12 de outubro, escolhido de industria por ser o do natalicio de D. Pedro.

Nessa data foi proclamado o Império Brasileiro, que D. Pedro jurou defender, acceitando o titulo que em nome da população da Capital, e interpretando o sentimento nacional unisono, José Clemente Pereira, como presidente do Senado da Camara, lhe offereceu.

Dias depois, as Províncias do Sul acclamavam por seu turno o Imperador e entravam no regimen imperial — Minas Geraes, Santa Catharina, S. Pedro do Rio Grande do Sul. Um pouco mais tarde, Pernambuco e as que lhe giravam em torno da influencia, por seu turno imitavam as suas irmãs. Restavam, porém, a Bahia e as duas do extremo Norte — o Pará e o Maranhão, nas quaes as coisas não se passaram com tanta facilidade e entusiasmo, pois que só em julho de 1823 se proclamou o Im-



perio em S. Salvador, em fins desse mesmo mez em S. Luiz do Maranhão, e em 15 de agosto em Belem do Pará.

De ha muito que a lucta se travára na Bahia entre o Partido Nacional e o Portuguez, dominador da capital e de algumas localidades vizinhas, graças ás tropas e á energia de Madeira de Mello.

Desde meados de 1822 que varias villas do interior se haviam revoltado contra o dominio luzitano da capital, e se congregando em torno da Junta da Cachoeira, haviam iniciado a lucta.

O Ministro do Reino do Brasil havia por todos os meios favorecido a insurreição e logo lhe mandára navios e tropas sob o cominando de Pedro Labattut, antigo official francez dos exercitos napoleonicos. Por seu turno, Madeira de Mello recebeu reforços de Lisboa. Acima se viu quanto essa resolução dos governantes portuguezes magoára e irritára os deputados brasileiros ao Congresso de Lisboa. Ainda que vencedores no immortedouro combate de Pirajá, em novembro de 1822, os bahianos tiveram que continuar a campanha até o famoso 2 de julho, no qual, aproveitando-se dos navios de guerra surtos no porto, o general luzitano se retirara, carregando comsigo todos os seus soldados, muitos patricios civis e as riquezas que poude levar. Foi um acto de audacia, porque teve de-romper o bloqueio em que mantinha a antiga capital do Brasil, o almirante brasileiro Lord Cockrane, chamado especialmente do Chile para organizar a marinha nacional, serviço que realizou com pericia e brilho, de que logo a sua organização deu magnificas provas.

Cockrane perseguiu a esquadra fugitiva até certa distancia, aprezou-lhe mesmo alguns pequenos navios e em seguida dirigiu-se para o Maranhão, onde só, na não "Pedro I", conseguiu de tal forma amedrontar os portuguezes de S. Luiz, que estes immediatamente se resignaram e fizeram proclamar o regimen nacional naquella Província. Alguns dias depois, o logar tenente de Cockrane, Greenfell, imitando o procedimento de seu chefe, fazia Belem do Pará aceitar o Império e proclamar o novo Imperador.

E' certo que a presença de Cockrane e de Greenfell serviu para ultimar um longo e penoso trabalho de ataque aos elementos portuguezes, executado por tropas nacionaes idas em grande parte do Ceará e que, depois de haverem vencido os soldados do major Fidier, no Piauhy, infligiram aos retrogrados do Maranhão pesadas derrotas, de modo a circumscrever quasi ao territorio da ilha em que se encontrava a capital da província, o dominio portuguez.

Durára, no emtanto, quasi um anno a campanha para implantar nas províncias supra-citadas o regimen nacional.



Só a 15 de agosto de 1823, na ultima porção do territorio brasileiro ainda sujeita ao dominio portuguez é que se ouviu o éco triumphal do Ypiranga.

Essa porfia na realização* da unidade politica do vastíssimo territorio que é o nosso, esse empenho tenaz em que a mesma bandeira tremulasse do Amazonas ao Prata e do Rio Grande ao Pará, esse ardente e insopitavel desejo de um Brasil coheso, forte, unisono no sentir e no pensar, são a obra immorredoura de José Bonifacio e lhe constituem a maior das glorias. Foi a sua acção persistente, calculada, irreductivel, que preparou os elementos para a consecução de um desígnio tão alto como esse da unidade da Patria, que pela primeira vez encontrava o homem capaz e necessário para realizal-a.

Todos os movimentos anteriores pela libertação do jugo portuguez se caracterizaram, como já foi dito, pela feição regionalista. A elle, José Bonifacio, seria fácil — e com isso lhe teriam sido poupadas contrariedades, decepções e desgostos — o limitar ás províncias do Sul, a Bahia inclusive, a emancipação politica. Não o quiz o seu espirito sagacíssimo de estadista, não lh'o consentiu o ardente amor pelo seu paiz.

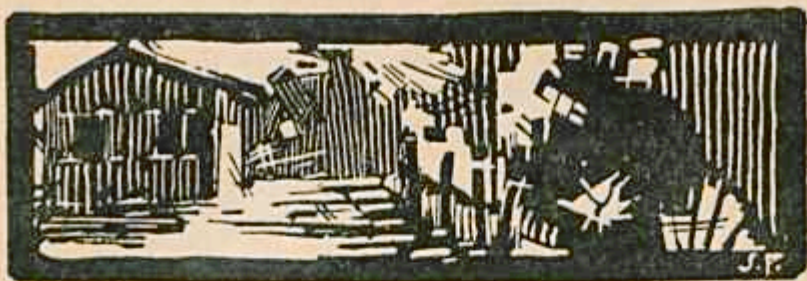
Quando se pretende, como recentemente alguns o ousaram, contestar-lhe o'titulo merecidíssimo de "Patriarcha da Independencia", que a tradição e a Historia lhe concederam, teem-se ímpetos de rebellião e ancias de gritar que essa qualificação é ainda minuscula, posto que enorme, para os immorredouros serviços que elle conscientemente prestou á terra de que era filho.

Patriarcha da Independencia, não! Patriarcha da Patria, porque, si ella existe, forte e poderosa, unida e imperecível, a elle o devemos.

E nós outros, que gosamos dos fructos da sua incoercível acção, não a esqueceremos, antes, a cada hora, a cada minuto, a cada segundo, incessantemente, indelevelmente, nos havemos de lembrar que, por obra d'elle, o nosso paiz, este extremecido Brasil, antes segmentado e fraccionado, se condensou no formidável colosso que hoje é.

HADDOCK LOBO





OSVALDO DE ANDRADE

O MAIS curioso talvez dos modernistas brasileiros. "E' um blagueur!" dizem. E'. Mas quasi sempre blague em perspectiva. Não organiza a brincadeira nem é farcista de intenção. Toma sempre a serio o que empreende. Acredita no que faz. Está certo de que descobriu a polvora e agora a arte vai se remodelar. Faz. E muitas vezes a empreitada vira blague. Tem assim duas das maiores riquezas do artista: fé criadora e dom de divertir. Inalteravel confiança em si mesmo e nos outros. Admiráveis qualidades de clown.

Osvaldo crê nas ideas que prega e nos seus proprios gestos. D'aí viver assim entregando a alma como distribuidor de anúncios. As mais das vezes quebra a louça toda, concordo. Mas eu me lembro duns excentricos... Espatífavam não sei quantas dúzias de pratos. De repente a rodela de papel sobre a platea. O susto era fatal. A gente não se cansava inutilmente a pensar nas verdades-preconceitos e saía divertido do espectáculo. Uma das faculdades que" mais admiro em Osvaldo é esse poder certo de interessar e divertir. E no claudismo do criador do mito futurista brasileiro ha uma qualidade ainda por destacar: não é clown de profissão. A raridade do bom palhaço vem disso. Não digo que se surpreenda neste quando trabalha, a miséria do lar distante. Muito menos paixões sem eco e outras invencionices da psicologia octocentista. Não. Mas enpana-lhe quasi sempre o brilho do trabalho a monotonia da continuidade. Pois já disse que Osvaldo de Andrade acredita no que faz. Age com alma e vida, isto é: imprevisito. Sai farça. Pois êle diverte-se também. Ha muito tempo já que vivo a pensar

secretamente ser Osvaldo o melhor espectador de si mesmo. E'. Disso vem a perfeita alegria dos seus passes. Essa alegria verde, irrompente, natural. De bem disposto, sem doenças. Nem doenças de inteligência sequer. Saúde fazendeira. Como que sente o *belo* visceral de que falava esse coió do Mario Pilo. Afirmo segunda vez: Osvaldo de Andrade é inconscientemente o maior espectador de si mesmo.

Isso conscientemente seria um pouco vil; eu ainda creio que o homem tem de ir além do espectáculo que dá... Mas é fácil provar inconsciência: Osvaldo escreve. Depois a dança vem. Música de pancadaria, já se sabe. E ele fica surpreso, divertido. Tão! Meio assustado até. Sei disso porque somos velhos companheiros. E espero que a camaradagem com o meu sempre caro Osvaldo continue pela nossa ainda longa vida, com trinta e poucos cada um.

Com as "Memórias Sentimentais de João Miramar" Osvaldo de Andrade se incorporou praticamente ao grupo dos modernistas brasileiros. Afinal "Os Condenados" eram mais uma contemporização. No fundo obra realista. Na forma o discurso corria lento, arreado de bugingangas sonoras. Assim a prosa não podia correr. Quanta campainha! Só o processo dos capítulos saíra eficaz simultâneo, seguindo a henefica lição do cinematógrafo. Com as "Memórias" dentro da roupa o corpo é já moderno. Subsiste, é certo, a formação analítico-realista. No fundo o eterno sentimentalismo. Não faz mal. Sentimental é o brasileiro. Realista é Joyce. Psicólogo é o Papini do "Uomo Finito". Exemplos moderníssimos estes. O brasileiro também? Também. Ao menos para o Brasil.

Osvaldo de Andrade permitiu ao prefaciador das "Memórias Sentimentais" expusesse algumas intenções do escritor. Franca-mente construtivas. O livro saiu a mais alegre das destruições. Quasi dá dá. Pretendeu a "volta ao material". Isso indicava respeitar o material e trabalha-lo. Ou pelo menos a apresentação do material literário puro, em toda a sua infante virgindade. Foi o que fez Aragon assinando um poema que continha unicamente as letras do alfabeto. Também Maiaskowsky nos versos:

"Ainda ha letras boas

R

G H

C H T S C H

Basta de verdades sem valor!"

Palazzeschi na admiravel cançoneta "Easciaiemì Divertirei" também se aproveitou das letras do alfabeto combinando-as. Os-



valdo de Andrade utilizou-se de palavras. Ainda bem. Mas quando crea neologismos, ou êstes são insustentáveis pela formação antipsicológica ou são de monotonia gasta e cansativa. Quasi todos se resumem a uma vasta criação de adjectivos por meios do sufixo *al*. Ha porém um, largo, ensolarado "beiramaravamos" e mais duas ou tres deliciosas invenções. O resto uns "pianais", "aleguais", "alexandrinais" a muque, preguiçosos. Talvez comicos?

Aliás essa preguiça de completar empresas dificeis é feição distintiva de Osvaldo de Andrade. Por isso toda essa destruição jovial incruenta, vai-lhe admiravelmente. Deixa-se levar. O "trocadilho enxameia. Muitas vezes a expressão nasce da própria frase: "As Britinhas visinhas fazendinhas traziam-nos satiras á sociedade de sátiros dos nossos dias"; "na sala violeta de Monsieur Violet"; "Ao longo do longo viaduto bandos de bondes iam para as banda? da Avenida"; "e sobre a cidade dado montes montaiam"; "a Serra dos Órgãos serrava" etc., etc.

A volta ao material implicava por certo dar toda atenção á lingua brasileira que está se formando. Mas ainda aqui a solução aparece bem outra da pretendida pelo autor. Uma lingua se forma segundo fenomenos psicologicos perfeitamente fixados e quasi sempre inalteráveis. Ora Osvaldo finge ignorar essas verdades e na parte que lhe pertence propriamente no livro, isto é, quando não incarna qualquer dos personagens, apresenta dicção eminentemente artística e personalíssima, "la na frente bamboleano maleta pelas portas lampeões eu menino." "E foi o pai plácido, gordo e charutal das Britinhas faladeiras quem me deu amigo abraço no passo que levaria a todos ao Corcovado do dinheiro pelo funicular da actividade paulista".

Nessa maneira de manejar a frase atinge muitas vezes expressões excelentes. Sintético marcante abandona então todo pormenor, usando apenas o essencial expressivo. De repente Miramar lembra-se da amante: "Fora, no escuro fofo da minha William Six, esperava no volante feliz o braço branco de Rolah". Ainda: "Rosas vermelhas buscaram madama Rocambola na gare cautelosa do Braz".

O que mais caracteriza as "Memorias" é esse apego exclusivo á expressão. Que não só abandona todos os preconceitos mas salta sobre todas as regras e as ignora. Sintoma de romantismo e da nossa época. Ha uns construtores por aí, não nego. Cubistas, orfistas, não-sei-que-lá. Mas negar a estridentistas mexicanos, a expressionistas alemães, aos fauves de França, aos futuristas de Italia e Rússia, multidão, negar-lhes o direito de representar a época actual, interrogativa e caótica, seria sobrepor-se vaidosamente á realidade contemporânea. Um dos fenomenos essenciais



do presente é esse apêgo quasi doentio á expressão. Esse faz de Osvaldo de Andrade um improvisador sem tese. E' então legítimo íauve á maneira de Matisse. "Porteiras batiam pás! longinquos por todo o Brasil" eis um exagero magistral, de grande artista. Como dizer melhor da confusão pressa nos bastidores do teatro? "Mangas de camisas e bombeiros com pedaços de florestas impressionistas rolavam ordens do céu como de praias verticaes". Vejam estas imagens: "Lá dentro uma maquina de costura saia da gare"; "A tarde suicidava-se como Petronio"; "A costa brasileira, depois dum pulo de farol, sumiu como um peixe". Esta sensação de arraiada: "O vento batia a madrugada como um marido. Mas ella perscrutava o escuro teimoso. Uma longe claridade borrou a esquerda na evidencia lenta duma linha longa".

Para mais energicamente expressar ás vezes mistura imagens, recordações confusas e objectivação directa da realidade. Crea então frases arrojadíssimas, a que seria preconceito negar grande poder expressivo. "O Martha ia cortar a Ilha Fiscal porque era um cromo branco, mas piratas atracaram-no para carga e descarga". Morre alguém na família e Miramar vem a S. Paulo. "Longo soluço empurrou o corredor conhecido contra o peito magro de tia Gabriela no ritmo de luto que vestia a casa". E' porém quando evoca a infância que estão as mais expressivas frases dêsse genero. João Miramar criança leu a historia de Carlos Magno e "Roldão num combate espetou com um pau a gengiva aflita do Maneco que era filho da venda da esquina e mamai botou no fogo a minha Durindana". Ou: "Napoleão que era um grande guerreiro que Maria da Gloria (velha criada negra) conheceu em Pernambuco disse que o dia mais feliz da vida dêle foi o dia em que eu fiz a minha primeira comunhão". Toda a infancia de Miramar é admiravel e capítulos como Gatuno dê-criações, Perigo das armas, Felicidade, Fraque do ateu, Mudança, Claque, Gare do infinito (essa mania de dizer gare por estação!... Osvaldo quer escrever brasileiro e usa gare que só raro noticiarista ainda emprega) tais capítulos são das melhores paginas do modernismo.

Osvaldo de Andrade não tem carinho no pintar a criança. E' demasiado viver para Isso. Mas soube registrar como ninguém a néscia bobagem infantil.

Compreende-se porém: a criação dessa linguagem que tudo abandona pela expressão, mesmo leis universais e basicas, é exemplo fundamentalmente destrutivo que ignora as necessidades do material e lhe desrespeita mesmo a razão de existencia. Um êrro se justifica por aceitação inconsciente e unanime. E então não é mais êrro. Ainda, accidentalmente, por necessidade passageira de expressão. Mas uma lingua existe porquê nela tal dicção é



certa e tal errada. E provém de colaboração colectiva. O escriba fixa a filba de todos, trançando-lhe os cabelos, limpando-lhe o nariz porventura; e si o faz com genialidade chama-se Dante ou Camões. Com a lingua de que Osvaldo se serviu não ha como censurar-lhe defeitos de técnica. Assim o autor resolveu muito bem e com o melhor bom-humor deste mundo o problema de não errar o, digamos agora: português e não inça-lo de barbarismos internacionais, como nos "Condenados". Justificou todos os erros. Fez dêles meios de expressão. Não se sabe mais o que é voluntário e o que nasceu da inadvertência.

Além da parte narrativa o livro consta de larga cooperação de personagens por meio de cartas, prefacio, discursos. Satira extraordinariamente feliz de certa formação brasileira em que o pernostico do cafuso se junta a um doirado de cultura quasi indigente."fNitidez de observação espantosa. Abundam cartas e discursos que são obras-primas de factura. Assombra essa capacidade de fotografar a estupidez. O discurso de Minão da Silva, Finanças Matrimoniaes, as cartas de Celia, do administrador, de Nair, de Pondo Pilatos, do Pantico, o prefacio e o discurso de Machado Penunbra: que maravilhas de comicidade e exactidão! Fácil fotografar assim? Experimentem! Ainda aqui o autor não copia. Deforma para expressar com maior verdade; e tão hábil, com tamanha perfeição que o artificio e o exagêro desaparecem. E' como um verdadeiro que fosse mais exacto que a verdade. Mas sob o ponto de vista de construção ainda aqui o autor destruiu. Porquê não apresentou os elementos com que contamos para uma diferenciação entre o falar brasileiro e o lusitano, nem descobriu os meios por onde essa diversidade poderia se acentuar, tornar-se basica. Organizou um dicionário satirico de imbecilidade e ignorancia, de tudo o que não se deve dizer. E' um Candido de Figueiredo do riso.

Mostrei sobretudo a acentuada formação destrutiva das "Memorias Sentimentais". Apesar do seu esperto fraccionamento episódico o romance está excelentemente bem construído. Movimento e intensa vida.

E é satira que fixou com exactidão o ambiente paulista de nosso tempo, de modo especial o conflito quotidiano entre a... agilidade estrangeira e a estúpida moleza alfofadada em saccas de café do paulista sem bandeiras. Estamos quasi a cair naquela pacata expectativa em que já dormira o paulista-mineiro da segunda metade de 1.800. Que acontece? O estrangeiro vem e suga o mel. Faz muito bem, moscone!...



Mas por ser o registro do ambiente paulista na época actual seria injusto acoimar o livro de regional. Expressão brasileira, de interesse brasileiro. O ser regional é antes de mais nada restringir-se a dados particulares e peculiares a determinada região, servindo-se de preferencia, quasi que unicamente do que a torna exótica. E a individualiza. A vida de S. Paulo, na maneira com que Osvaldo de Andrade a sintetizou é a mesma das grandes partes progressistas e portanto actuais do Brasil e mesmo da America. E se a predominância que dá á cooperação italiana localiza mais ou menos o recinto do livro, o que ressalta é a competencia entre o elemento estrangeiro, aqui teuto, adiante luso, além espanhol, e o elemento indigena, colidindo-se ambos em mutua, vaidosa e irrisória incompreensão.

E' muito sabido já que IIIII grupo de moços brasileiros pretendeu tirar o Brasil da pasmaceira artística em que vivia, collocando a consciência nacional no presente do universo. Grande espanto, indignação mesmo, provocados pela grita desses galos turbulentos e nem sempre razoaveis. Mas estes já sabiam que sempre se irrita quem accorda 110 meio do sono. O êrro dêles foi imaginar que os cocoricos adiantam a aparição da madrugada. Tinham de transportar a consciência nacional para o presente do universo. Muito bem. Mas onde estava essa consciência nacional? Havia a fonte dos escritores... Mas essa tradição (!) não dizia nada. As poucas tentativas dum Basilio da Gama, dum Gonçalves Dias, dum Alencar eram falhas, porquê intellectuais em vez de sentidas, porquê dogmaticas em vez de experimentais, idealistas em vez de críticas e práticas, divorciadas do seio popular descaminhadas da tradição, ignorantes dos factos e da realidade da terra. Apenas alguma coisa da ironia do caboclo, da sua melancolia, do sentimentalismo do brasileiro urbano, da pettilancia pernóstica do mulato e sua chalaça lusa se podia aprender lla obra dum Gregorio de Matos, dum Casimiro de Abreu, dum Alvares de Azevedo. Outros pouquíssimos!. O resto eram patrias-latejo-^m-tLiritalhões, idealistas, inocuos. Nesse sentido os regionalistas tinham grande valor.

Verdade é que si todos êsses homens de grande talento mas paupérrimos de intelligência crítica (esta observação não é minha) nada conseguiram, isto se deu também porquê ainda não existia uma consciência nacional. Pode-se dizer que houve uma consciência paulista, durante o bandeirismo. Ainda uma consciência baiana, 011 quasi, no segundo século. Consciência verdadeiramente brasileira ainda não se caracterizou nem mesmo nos trabalhos da independencia, nem mesmo na guerra do Paraguai. O facto de em



tais períodos existir um grupo de homens orgulhosos da sua nacionalidade e cuidadosos dos destinos do país não implica e infelizmente nem gera uma consciência nacional que tem de ser íntima, popular e unânime.

E' caso de me perguntarem si êssa consciência nacional existe agora. Não existe. Eu já disse que imaginávamos com os coreicos adiantar o momento da aurora.

Era preciso pois auscultar, descobrir, antes: ajudar o aparecimento da consciência nacional. As pesquisas se multiplicam nêsse sentido entre os modernistas brasileiros. Estão nos "Epigrammas Ironicos e Sentimentais", embora tímidas e esparsas. Da mesma forma no proximo "Meu" de Guilherme de Almeida. Existem já francas e confiantes na tendencia pau-brasil de Osvaldo de Andrade. Falo só de obras de ficção. E luminosas, violetas na obra post-cubista de Tarsila do Amaral. O Brasil não é para tais artistas um assunto literário escolhido entre mil. E' preocupação imperiosa que abrange mesmo os seus gestos europeus. A realidade brasileira, agora criticada e não apenas sentimental caracteriza já claramente o trabalho dêsse grupo, não escola, grupo que por vários caminhos se dirige para o mesmo fim. E' trabalho consciente. E deve ser sobretudo prático, tradicional e experimental. Muito nos ajudará a obra dos historiadores, dos falcloristas, dos regionalistas, dos sociologos. Não nos deve preocupar a opinião que essa gente *séria* possa ter de nós. Somos naturalmente para éles: loucos, pândegos e talvez mesmo cabotinos, ah!... Mordamos-lhes a polpa das obras. Quando boas. Alimentemo-nos com êlas. Êsse consciente, común trabalho é bela e util coisa.

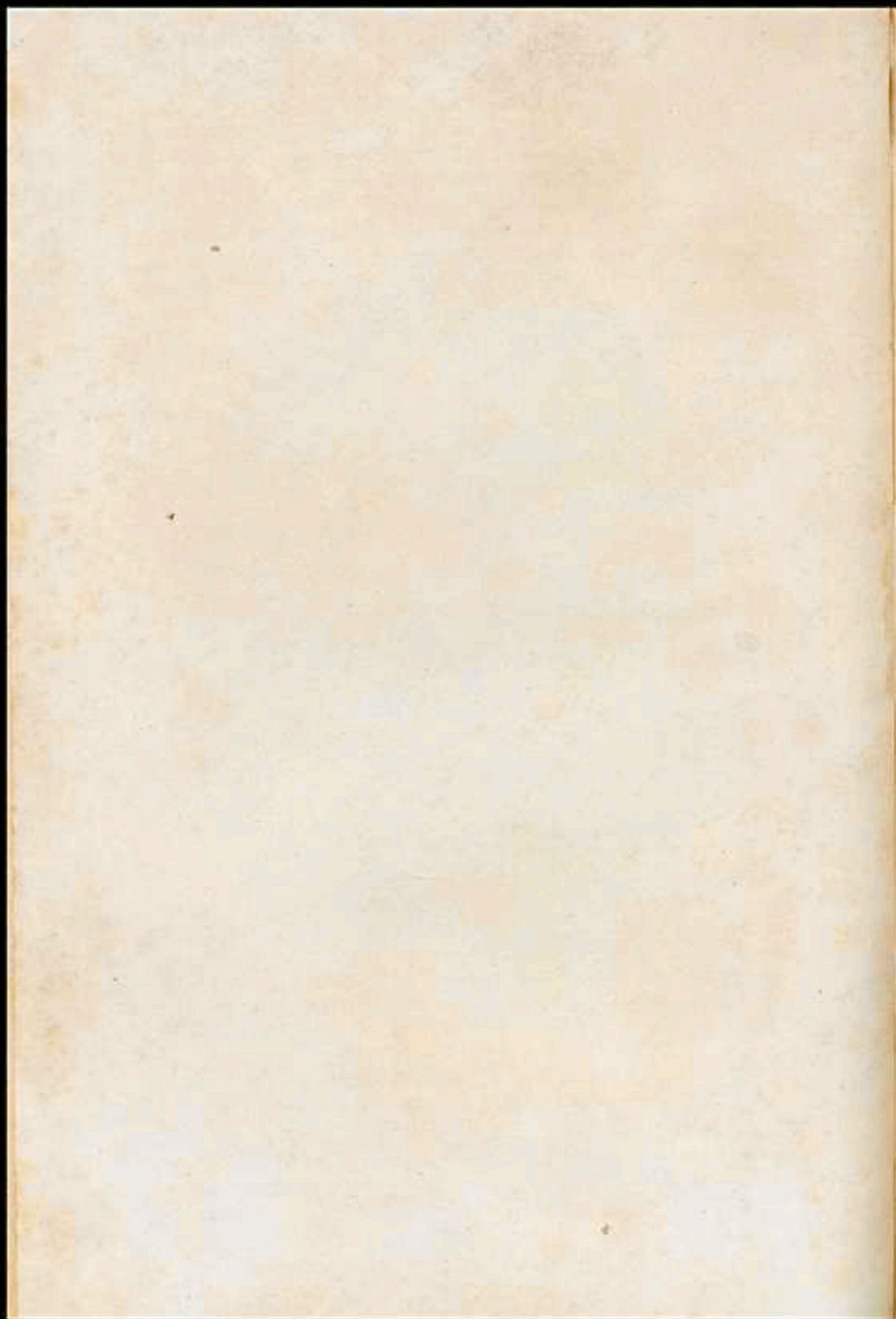
Qual a contribuição trazida nêsse sentido pelas Memórias Sentimentais de João Miramar? Não creio seja êssa a "língua brasileira do século XXI". Si tal foi a pretensão do autor, com o prefacio indica, a tentativa falhou. Mas continuam as "Memórias Sentimentais" eminentemente brasileiras pelo colorido, ambiente, certa melancolia e inalteravel bom-humor. Inalteravel bom-humor. Sim senhores! Porquê a satira assim não rebaixa o satírico. Não se trata nem de inveja nem de odio. Muito menos de deprêso. Caçoada de companheiro. Sem irritação. E quando a melancolia aparece, é melancolia de rêde sob as mangueiras ao Sol. Feliz. Muito gostosa. Vejam Tarsila do Amaral. Leiam Ronald de Carvalho. Lerão "Meu". E todas as "Memórias Sentimentaes". Pois esta gente está satisfeita com a terra e com tal povo! Que novidade! E' certo que já começamos a abandonar a saudade e a encarar a noãsa patria imensa e cheia de bichinhos venenosos como tiguera que ainda pode dar milho. Graças a Deus!



GALERIA DOS EDITADOS



DR. WALDEMAR FERREIRA
autor do *Manual do Comerciante e dos*
Estudos de Direito Commercial.



Conhecem aquela historia do caipira que ganhou umas botinas para votar no dr. Tal, deputado de profissão? Pois calçou-as e avançou na estrada. Os pés começaram a doer. O cabra não poudé mais. Tirou as botas e acariciou com olhos paternos os dedos que se mexiam livres, reconhecendo a terra amiga. "Tá contente, canaiada!" Estes modernistas brasileiros parece-me que descalçaram as botas.

MARIO DE ANDRADE





YEUX VERTS

Yeux enchanteurs, yeux couleur de la mer,
Yeux pensifs qui font rêver!

Que de choses splentlides, combien de merveilles
En vous voyant je rêve, en vous fixant je vois.
Coins pittoresques d'iles éloignées
Dressant dans l'air leurs cocotiers en fleurs.
Solitudes tranquilles faites pour le baiser,
Nids de verdure faits pour l'amour...

Yeux pensifs qui parlez d'amour!

Peu à peu tombe la nuit, peu à peu monte la lune...
L'horizon, comme pour les recevoir,
D'une tunique toute d'or se revêt;

La brise se lève, pleine de douceur osée,
Frôlant les ondes, provocant en elles
De brusques frissons de femme sous un baiser...

Yeux tentateurs de la femme aimée!

Une voile blanche, toute blanche, s'éloigne
Se balançant sur l'onde, palpitant au vent;
La voilà qui disparaît dans la vaste nuit.
Dans la vaste nuit faite de clair de lune;
La voilà qui s'enfonce dans le firmament
Qui s'étend, au loin, aux confins de la mer...

Yeux rêveurs qui font rêver!

Blanche voile errante, blanche voile errante,
Comme la nuit est claire, comme le ciel est joli!
Emporte moi avec toi sur la mer... En avant!
Emporte moi avec toi jusque plus loin, à ce
Pan de l'horizon où tu vas t'enfonçant
Et où finit la mer et où le ciel commence...

Yeux bénis pleins de promesse!

Yeux pensifs qui faites rêver,
Yeux couleurs de la mer!

EMMANUEL SONDRORF

I

N. (la R. — O distincto jornalista sr. Emmanuel Sondorf acaba (le verter para o fraricez o *Rosa, rosa d'amor* de Vicente de Carvalho, de que nos envia esta pagina, acompanhada das seguintes linhas :

"La mort farouche vient de nous ravir l'un des poètes les plus puissants et des plus délicats : Vicente de Carvalho. Avocat célèbre, magistrat renommé, son talent de poète lui ouvre les portes de l'immortalité.

Né à Santos, au bord de la plage, on retrouve dans tout son oeuvre l'emprise formidable, l'attrance irrésistible que l'Océan eut toujours sur lui. Poète de la mer, l'oeuvre de Vicente de Carvalho n'est qu'un chant touchant d'adoration aux flots mystérieux : parce qu'il aimait les longues randonnées de pêche, il a su dépeindre et la brutalité sauvage des éléments et aussi la douceur captivante des vagues roulant Janguissamment.

Tous ses vers d'amour nous ramènent souvent à l'Océan. Vicente de Larvalho est doué d'une grande sensibilité et d'une vision parfaite des couleurs. Le rythme de son vers est d'une belle cadence et sa rim; est ciselée, forte, sans chute malencontreuse.

Je n'ai pu rendre en rimes françaises l'éclat scintillant du vers brésilien de Vicente de Carvalho.

Ma traduction (autorisée par les héritiers du grand poète) est donc en vers libres. J'ai tenu à y respecter la joliesse des expressions, le lyrisme des comparaisons, la rêverie du chantre des flots; mais, hélas, je n'ai pu y rendre la beauté cristalline de l'âme du Maître!





A LÍNGUA BASCA E O PORTUGUEZ

NA lida com a lingua basca, cheguei á convicção de que a influencia deste idioma na formação das linguas ibéricas de hoje, do portuguez e do hespanhol, não foi, até agora, sufficientemente apreciada pelos linguistas. O que parece evidente é, que os antigos iberos, habitantes prehistoricos da península pyrenaica e de outras partes do continente europeu, devem ter exercido papel preponderante na constituição dos dous povos irmãos e visinhos da península. Com a participação de phenicios, celtas, gregos, romanos, germanos e arabes, transformaram-se no correr dos séculos os antigos iberos nos portuguezes e hespanhões de hoje. Ouso até dizer que estes povos herdaram dos iberos a sua maior e melhor parte. Num artigo que Martini Francisco publicou na revista syrio-portugueza "A Patria Livre" de São Paulo (Anno I, n.º 2, 1923), intitulado: "Latinos? Porque?" chega b illustre autor a igual conclusão "O brasileiro é portuguez, o portuguez é ibero, o ibero foi e é mais phenicio do que celta, latino ou visigodo" — e illumina com luzes que tira da historia e da ethnographia as suas muito acertadas affirmações.

Comparações linguisticas demonstram indubitavelmente relações entre o idioma dos antigos iberos, que hoje vive na lingua euskara ou basca e o dos phenicios, ramo extineto da raça semítica. Si ainda, para parte dos linguistas o idioma basco continua a ser uma lingua isolada, cuja afinidade com outras não pode ser fixada, junta J. M. Pereira de Lima em seu livro "Iberos e Bascos" (Ilivraria Aillaud, Paris-Lisboa, 1922) a familia euskariana (com os grupos guipuzcoano-bascos hespanhões — e labour-



dano-bascos francezes) ao ramo turiano da raça turiana, na qual ainda conta os ramos finnez e lybiano. No ramo turiano une o sábio portuguez, a família euskariana, a família turiana propriamente (grupos magyar e caucasico) e a família kureliana (grupo kuriíio e japonico). Esta classificação dos iberos como fazendo parte do ramo turiano da família humana merece toda atenção, mesmo que ella não admitta a approximação immediata dos iberos aos phenicios, originários da raça semítica. Estamos, pois, longe ainda da solução definitiva de um problema tão difficil como o da subordinação dos iberos aos grandes grupos da família humana. Seja-me licito, porém, manifestar minha opinião modesta, baseada em prolongada observação do idioma basco e que me conduz a crer que aos iberos pertence uma posição intermediaria entre as raças chamadas turiana e semitica e mesmo entre estas e a raça aryana. Os iberos, precusores das raças e dos povos que posteriormente habitaram o continente europêo e outras terras adjacentes, têm dado algo á maioria dos povos europêos e dos continentes visinhos, o que facilmente se verifica pela semelhança de muitas palavras do idioma basco e de outras linguas, ponto que será tocado neste artigo só muito ligeiramente por ser dedicado apenas ás relações existentes entre as linguas basca e portugueza.

Voltando á these de J. M. Pereira de Lima sobre a parentela da familia euskariana, devo dizer que a lingua basca me parece approximar-se mais aos idiomas hamito-semiticos do que aos idiomas das familias e grupos aos quaes o douto portuguez a junta, e com os quaes têm talvez os bascos outros signaes communs de raça, que não me compete tomar em consideração nestas cogitações meramente linguisticas. Admittindo que seria possível dar aos iberos um lugar entre o ramo lybiano da raça turiana e a raça semitica, se estenderia esta posição intermediaria ainda a outros grupos humanos, como opina também Pereira Lima, que considera as ilhas Açores, Madeira, Canarias e Cabo Verde como restos úe continente (ou ilhas grandes) que foi habitado por iberos. Esta ponte para o continente americano teria alguns milhares de annos mais tarde facilitado o intercambio com o mundo chamado "novo". — Bastem estas breves explicações para demonstrar que os chamados iberos foram habitantes prehistoricos importantísimos da península pyrenaica (em certa época talvez ponto da-sua maior concentração) e terras circumvisinhas. Assim, é mais que natural a grande influencia que elles devem ter exercido na formação dos povos que lhes succederam e suas linguas, influencia que foi indubitavelmente muito maior do que geralmente se acredita.

Eduardo Carlos Pereira na "Grammatica Histórica" (São Paulo, 1916) diz que duas migrações prehistoricas tinham invadi-



ção a península — a dos iberos e a dos celtas — "povos que se prendiam ao tronco aryano, cuja união posterior produziu os celtiberos". A classificação dos iberos como aryanos não é admissível e com relação aos iberos não se pode fallar, ao meu ver, de uma invasão na península. Esta lhes pertencia, como outras partes importantes do continente europeu, anteriormente habitadas apenas por hordas humanas sem nome e de nenhuma ou pouca cultura. Enumera Pereira apenas as seguintes palavras do léxico portuguez como vindo do basco, euskaro ou vasconço; aba, bolsa, bezerro, bizarro, charco, charro, garra, esquerdo, mandrião, morro. Menciona ainda que A. Coelho attribue ao basco a existencia no portuguez dos suffixos — *arro* — *arra* (bizarro, bizarra, homenzarrão), — *orro*, *-r-urro* (cachorro, modorra, pachorra, casmurro). No vocabulario vizcaino-castellano de Don Pablo de Zamarripa y Uruga (Bilbao, 1915) encontro: aba — panai (de mel), mas não encontro a palavra aba com este sentido em dictionarios portuguezes, por ex. Dicc. pratico de Jayme de Séguier. A palavra bolsa usa-se também, com pouca differença, em allemão e francez. O basco, porém, não a possui, mas sim a palavra *zisku*. O mesmo se dá com outros dos vocábulos acima citados, os quaes não podem ser encontrados no léxico euskaro. Assim, parece recommendavel, examinar a lista de novo antes de attribuir definitivamente taes vocábulos ao basco. O facto de conterem as palavras charro, garra e morro os suffixos *arro* ou *orro* não pode bastar para que as tomemos como de origem basca. Com o mesmo direito se podia incluir nesta lista: terra, barro, carro, burro e muitos outros vocábulos portuguezes, o que conduziria obviamente ao absurdo. Em todas estas palavras, *arro*, *orro* e *urro* pertencem á raiz e não têm nada que ver com o suffixo formado pelas mesmas letras e attribuido por A. Coelho ao basco.

A grande influencia do antigo ibérico manifesta-se muito claramente nos nomes proprios da península, tanto geographicos como pessoas. Sobre os nomes geographicos, de cabos, montanhas, rios, paizes, cidades e villas, não posso extender-me dentro dos limites restrictos deste artigo; quero, porém, chamar a attenção para alguns nomes pessoas portuguezes, confrontando-os com nomes syrios bastante conhecidos no Brasil hospitaleiro, nova patria de centenas de milhares de syrios, que alli estão sendo assimilados com grande facilidade pelos luso-brasileiros — facto muito digno de reparo para investigações como a presente.

<i>port.</i>	<i>base.</i>	<i>sy.</i>
/Jr-cd-o		<i>Ass-áá</i> — tribu
M-ac-ed-o		M-fj.ç.ç-oud — ibérico: j-iuret-an-os
M-flr//ad-o		M-aw-ad
C-ai-ad-o	/i-n-c/i-iet-a	
C-«/ad-o		H-aji-an
C-aj-eir-o		N-aw-im



fiort.

T-fi.v-eir-a
 F-ac/i.-ad-a
 F-a/-a-r-d-o
 S-oy-ão
 L-ac-c-r-d-a
 S->c-c-n-a
 P-ac/i-ec-o
 F-o-r-;'-az
 B-o-r-g-es
 P-í.i.r-c
 P-fi.r-inh-o
 P-W.r-ot-o

Bg-yp-to

As-cv-e d-u
 /ir-e-r-ed-o

N-n^a-r-eth
Aa-u-r-em
 M-or-arr-fd-o
 B-fs-crr-a
 M-ax-i-eir-a
 M-erf-eir-os
 M-iirf-eir-a
 M-«rf-ur-eir-a
G-ucd-cs
 G-ad-elh-o
 B-o-r-d-all-o
 C-o-r-rf-eir-o
 M-c-n-if-es
 B-ii-n-íi-eir-a
 P-o-n-Z-es
 F-o-n/-es
 F-o-n-f-our-a
 V-i-ii-/ura
 V-r-n-rf-eir-o
 F-o-n/-an-a
 F-o-n-f-ainh-a
 F-u-n-d-ão
 F-ofl-u-n-des

Úg- as

F-øjf-aç-a
 N-og-ueir-a
 S-í'7ji-eir-a
S-equ-eir-a
 S-c<7-ur-o
 C-f-r-í7i/^ir-a
 C-i-r-^^-inh-o

V-i-r-pw-eir-o
 V-d-r-fj-as
 C-o-r-ijii-ej-o
 B-n-r-çii-ej-a
 M-cr-r-ad-o
Roc h-a

base.

M-i-n-rf-iet-a

/4fif-uirr-e

[/r-ijH-iet-a
 (7-r-í/ii-iz-a

V-e-r-g-ar-z-
jaur-egui

M-^r-r/i-cd

syr.

S-ay-ad, S-ay-eg
 H-*adj-c* — phen: ú=homem

B-oi</-ad-i — phen: 7i-en=nome
 P-*ach-a* — base: g-ír-on=homem
 F-oy-ad

B-«/-an-i — t-o/jc/i-er=negociante
 europeu em Maruecos

N-a<7-ib

*Ayi-ub**Issa., Is-ar* tit. turc: pac/ia*Ass-ii, Ass-eí**B-uss-ab*

N-ac-if

B-ajs-il-a — N. hebr. J w e p h >

*As-ar, J-oc-r-a**Z-as- ur*

Z-a-r-s-ur — N. hebr. fi-ra

M-o-n-i-ur

K-fi-am

G-n-n-ci-ur

B-af/i-ur

B-cr/i-ar-a — povos ant. T-it-r-rf-et-
anos

T-n-r-rf-ul-os

V-a-r-d-ul-os

B-iirf-ur

F-:«i-d

W-a-r-rf

F-arf-ul — mag. g-a^d-a=patrão

Ch-*cd-e, Ch-ad-e**S-aad, S-airf* — base. «<7-az-aba=amo

,, n-ap-usi=chefc

tit.

Aud-i — abess: N-f£7-us

J-w-n-rf-i

Ucid-in — povo

Ch-a»«/ — ant. S-íc-ul-os

,, S-íc-an-os

bsac. k-o/.r-o=pequeno

gai-t-e=joveu

turCj. o</i-ul=filho

mag. f-ia/-al=joven

Rcich-|d

port.

base.

syr.

Rox-o
Ros-a
B-roc/i-ad-o

B-raz
B-raz-ão
P-rez-ad-o
F-ras-ão
P-w-ios-o
Red-o-n-d-o
Rfg-ueir-a
T-rip-ueir-os
Re-n-d-ck-o
B-ra-n-d-ão
Ra-n-g-e-l
La-ra-n-p-cir-a
La-rOf-n-y-a
La-raj'-a

V-asqu-e z
V-aif-onc-cll-os
M-wsg-ueir-a
M-oigw-cir-a
M-oic-ar-enh-as
M-esqu-it-a
M-oic-os-o

B-uín-o

S-en-ra

G-om-a

G-om-es
T-am-er-ão
R-oJU-eir-o

R-om-alh-o
C-d-r-u-cir-o

F-ar-ac-o
F-ar-inh-a
Al-v-ar-es
Al-v-ar-e-n-g-a
V-ar-ella
/ir-auj-o
M-í/r-uj-o
^ir-anh-a
P-ír-eir-a

A-ro-ri-egui
Sa-t-n«fregui

iifot-eg-ui

f/c-ag-H
^r-ay-a
Ja»r-e-gui
Echa-z-ar-eta
i/r-iet-a
[/r-a-n-g-a

Roc-y, Ras-uk
Abi-rach-ed — ar.)'adih-òl=homem>
Ray-al — turc, rrdic/i-ul= „
Rah-al
tit. abess.: rfli

povo : B-aíco-s
„ fwiê-al-dun
turc. ii-s/c-er=soldado

Bain-am — suah. bana=senhor
phen. i»iw=filho

Abis-s-aw-ra

S-am-ar-a — mag. k-oma=
cunhado, comijadre

T-mn-a
C.h-aim — bantu : o»t-u-a=senhor
N-rw-er
N-ow-or-a — N. ar. Om-ar
B-nw-ar-af
J-iim-il
G-an-i

egyp. c ziganos : v-ovi-
hoinen»

base. jaun=senhor,
abess. schum=i'sca/
finn. Jum-a'-a=Deui

F-ar-es
C-ur-y — mag. ur=senhor
C-fr-aik
Sch-OMÍT-i
M-er-eg
phen. n-aar=joverr



<i>port.</i>	<i>base.</i>	<i>syr.</i>	
N-or-onh-a			tit. turc. Khal-if
M-or-eir-a			celt i</=jovem
M-or-aes			
M-or-at-o		M-or-ad	
M-or-ed-a			
M-Hr-alli-a		F-or-ah	
M-nr-anh-ão			
M-or-anh-as			
BiV-as			
L-eir-oz			
<i>Q-ueir-oz</i>			
<i>Q-ueir-oga</i>			
<i>El-oy</i>			
B-oZ-ai-o	Echa-v-a/-et-a	M-aZ-uf	
C-ai-cir-o	Z-«Z-et-a	C-aZ-ux	
M-aZ-af-ai-a	S-oi-oet-a	C-aZ-ex	
		C-aZ-il	
		K-üZ-aif, C-al-eb	
		S-aZ-im, S-al-am-y	
		S-aZ-cm-i	
		H-uZ-u-an-y	
		<i>Arr-a</i>	urr-i=homem
<i>G-uerr-a</i>	L-arr-a	B-narr-aj	
<i>S-err-a</i>	B-arr-en-ech-ea	M-orr-ach	
<i>T-err-a</i>	Eche-v-crr-i-a		base. :
F-irr-ug-em	Reca-b-arr-en		m-arr-osko=
F-arr-uj-a			moço
<i>F-err-ão</i>			<i>m-urr-oi-</i>
<i>F-crr-az</i>			moço
<i>S-crr-ad-or</i>			
C-err-ei-a			
G-arr-az-ed-o	<i>Arr-iet-a</i>		
G-arr-ad-o	l-t-nrr-iet-a		
C-orr-apat-os-o			
G-arr-af-a			
T-orr-es			
B-arr-os			
C-arr-asc-o			
C-arr-ic-ondo			
G-arr-id-o		S-afl-um	
Chich-orr-o		Lut-f-aZZ-a	
S-aZZ-es			
T-eiZ-es			
B-eZZ-ez-a			
<i>V-all-e</i> , <i>V-all-im</i>			
V-c/Z-os-o			
V-aZZ-ad-ão			
V-a/Z-ad-ar-es			
V-j'ZZ-a-boim			
V-íZZ-amil			
Qu-«?Z»-ed-o	O-r-6-e-t-a	D-ife	
E-av-ad-o		(7&-aid -- Bantu : i'b-ara=notne	
C-a-r-ii-alh-o		/iw-ad -- (afr.)	
C-o-r-/-ei-a		J-a/-et	
B-a-r-Z;-ed-o		Ch-a/-ich -- ar. : r-af&=senhor	
B-a-r-fc-oz-a		S-oiWi-ia -- tit. hebr. : <i>r-abb-i</i>	

<i>port.</i>	<i>base.</i>	<i>sy.</i>
B-a-r-ö-ulho		<i>S-ab-a</i>
R-iê-eiro-o	<i>Ib-ar</i>	<i>G-eb-ar-a</i>
R-ift-as		Ch-?&ath, Ch-eb-ai-a
Ch-tb-arr-o	<i>Ip-arr-a</i>	B- <i>ar-b-m</i>
R-ií6-ião	76-arr-a	<i>A-r-p</i>
01-«Veir-a	<i>Ib- az-et-a</i>	O-r-è-i
S-i-l-f-a	<i>Ib-iet-a</i>	B-t-r-6-eir-e — eg.: s-it/-et-a=juíz
S-i-l-f-eir-a	<i>Z-iifc-iet-a</i>	C-o-r-fc-an
Oro-z!-m-Z)-o		S-a-r-b-ouk — tit. ar. she-r-i/-e
<i>Ap-arr-ad-o</i>		J-ab-ur — babyl.: afe-o=pae
<i>Am-p-ar-ad-o</i>		<i>S-abb-ag</i> — phen.: <i>ab</i> = „
J-o-m-fc-eir-o		D-abi-agh — mag.: <i>ap-a</i> = „
R-o/-)os-a		L-ab-ak-i bantú
R-a/i-os-eir-o		<i>Ab-u-d</i> — (af.) : omu-shi-m-ba
C-r-av-eir-o		<i>Ab-d-an-a</i>
S-afc-ai-a, Sa-m-p-ai-o		R-ab-ay — significação dos Hereros
<i>Ab-c</i> lhe-eir-a		S-ar-»/-o
E-oM-o		Ch-a/>-ch-a/>
Sar-aizi-a		S-a/>-ag
P-r-o/>/i-et-a		
<i>A br-eü</i>		
C-afcr-al		
N- <i>ohr-t</i>		ar.: ch-nib=moço
N-ofcr-eg-a		phen.: s-o-r-&=filhote
F-afcr-eg-as		mag.: o-r-i/-a=orphan
S-oir-eir-a		„ «-r-/-i-=filho
L- <i>ebr-e</i>		„ N. <i>A-r-p-ad</i>
<i>S-eabr-e</i>		
<i>Abr-a-n-ch-es</i>		G-ebr-im bibl.: <i>Abr-ah-ão</i>
<i>Abr-u-n-h-eir-o</i>		G-flir-i-el
L-»-m-/-; -r-i-a		mag.: í-m-b-e-r=homem

Uma comparação directa entre nomes bascos e phenicióis¹ dá margem a paralelos mais evidentes, por exemplo: phen. I-thabal, base. Miend-i-zabal, Aresti-zabal, Irarra-zabal. Aos nomes phenicios com *bal* se pode facilmente confrontar nomes bascos com *bal*, *vai*, *bar*, *bum*:

<i>phen.</i>	<i>base.</i>
Abi-Baal	An:sna-bar
Jathan-bal	Aram-6ar
Azrath-bal	Eche-buru
Ihar-bal	Eles-puru
Meer-bal	L-arra-buru
Hasdru-bal	Aram-buru
Hanni-bal	Uri-buru
Matan-bel	Carrica-buru
Bal-ram	Echa-val-eta
Bal-sillek	Bar-azarte — compare com este nome basco os nomes phenicianos:
Bal-aman	Ger-astarth
Bal-ator-us	Abd-astarth=filho ou ser-vo da (deusa) Astarte.
Uru-melek	

O sentido de *al*, *b-al*, etc. nestes nomes dever ser = filho.

Seria fácil prolongar a lista de nomes próprios portugueses confrontados a nomes bascos e syrios e augmentada por alguns vocábulos de varias linguas, que podem ter alguma relação com elles. Tratando-se aqui apenas de uma indicação geral que achei necessária para não deixar por mais tempo desattendido dós linguistas um campo de acção de maior importancia, não me extendi mais amplamente sobre a solução deste caso, o que mesmo não é o fim deste pequeno trabalho, que não pretende entrar em detalhes. Seja dito, porém, para os leitores interessados na solução do problema dos nomes próprios, (infelizmente quasi sempre traduzidos erroneamente por meios improprios) que os nomes contém geralmente o conceito pessoal em innumeradas variações, muitas vezes acompanhado de consoantes prefixadas e augmentado por prefixos ou suffixos, cujo sentido é outra vez a idéa pessoal. No conceito pessoal, offerece o nome ás vezes outros themas, como o da filiação ou da idade e dignidade. Muitas vezes ha cruzamento entre conceitos differentes, podendo nomes com sentido diverso chegar na sua evolução ao mesmo ou semelhante aspecto. Nos exemplos dados ha cruzamento entre os dous conceitos senhor e filho (*r-ab* = senhor, *ab* = filho, *ur* = senhor, *ul* = filho), pelo que a descoberta da significação exacta de muitos nomes continua a ser difficil. Será, porém, em geral sufficiente fixar a raiz do nome com o conceito pessoal, o que quasi sempre será possível pela comparação do nome com outros, formados pelos mesmos princípios, e pela separação das vezes prefixadas e suffixadas que acompanham a raiz. O núcleo restante acha-se ainua muitas vezes transformado por extensão (*av* «<< >a — r — v, *iv* «<<<>>>i — l — v, *ach*»->a — n — ch, *ad* «<-«a — n — d, a — r— d). Mas o entendido conseguirá também sua redução á raiz primitiva e encontrará então aquella palavra radical, com que foi chamado, ha milhares de annos, o antepassado da pessoa, cujo nome se analysa. Demos ainda o confronto de alguns vocábulos, que possa servir tanto ao linguista na classificação de verbos portugueses, quanto ao ethnographo no estudo das relações existentes entre povos, ás vezes pouco observadas.

<i>port.</i>	<i>base.</i>	
<i>le-n-h-a</i>	<i>eg-ur</i> (madeira)	phen. <i>n-ag-ar</i> (marce-neiro)
agua	<i>jir-a</i>	assyr. <i>m-iiar-u</i> (rio)
villa, cidade	<i>err-i</i>	H <i>al-u</i> (cidade)
/iiffurio (casebre)	<i>teg-i</i> (celt.teg)	abess. <i>t"e-ul</i>
vestido	<i>es</i>	phen. <i>shenti</i>
<i>n-nrf-a</i>	<i>jantsi</i>	
<i>es-c-o-n-der</i>	<i>ej-Autau=não ver</i>	
<i>pa-n-d-eg-a</i>	<i>pos</i> (alegria)	
<i>ped-aç-o</i>	<i>pus-ka</i>	suah. <i>ki-pa-n-d-e</i>



<i>port.</i>	<i>base.</i>	
<i>íunil</i>	<i>onil</i>	
<i>c-r-iad-o</i>	<i>ots-e in</i>	
<i>garoa</i>	<i>garo</i>	
estar no <i>p-rego</i> (penhorado)	<i>pa-laga-du</i> (emprestar)	
<i>soco</i>	<i>saka</i>	
<i>caldo</i>	<i>salda</i>	
<i>choça</i>	<i>txab-ol-a</i>	
<i>c-íja</i>	<i>ctxe</i> — phen. <i>bi//i=casa</i>	afr. <i>ju-m-b-e, cha-m-b-a</i> =choça
<i>pão</i>	<i>og-^l</i>	phen. <i>!-fl/i-m</i> (pão)
<i>comida</i>	<i>j-ak-^l</i>	ar. <i>l-fl/i-m</i> (carne)
<i>carne</i>	<i>a-r-ag-^l</i>	suah. <i>ch-ii/'ul-a</i> (co- mida [^])
<i>cachorro</i>	<i>chak-ur</i>	finn. <i>r-uak-a</i> (comida)
<i>matar</i>		afr. <i>chac-al</i>
<i>t-orgu-eza</i>		(morrer)
<i>manda-c/iHva</i>	<i>jaube</i> (dono, senhor)	haus: <i>mutu</i> , ar: <i>mal</i> phen. <i>m-a/ij-uh</i>
<i>m-flf/i-ad-o</i>	<i>iij-otz</i>	suah: <i>/y-in-i)-e=chcfe</i>
<i>c-asc-a</i>	<i>osk-ol</i>	bantu: <i>oinu-vcim6a=chefe</i>
<i>afavel</i>	<i>was-al</i>	„ (afr) <i>m-uy-o</i> (faca)
	(cf. port. <i>ma-x\l-s-o</i>)	

O que foi demonstrado bastará para convencer que ha relações estreitas entre vocábulos e nomes proprios dos portuguezes de hoje, netos dos antigos iberos, e os nomes dos syrios, que são do mesmo sangue como os antigos phenicios. Parece desnecessário mencionar expressamente que me aproveitei dos nomes syrios para minhas deduções apenas porque elles offerecem um material variado e de fácil collecção no Brasil. Não quiz provar que iberos e phenicios, e portuguezes e syrios são idênticos; quiz demonstrar apenas que entre elles e outros povos ha relações vindas de muito longe, de uma época remotissima, quando uma raça anaryana, que a sciencia costuma chamar turiana, habitou terras europeas e visinhas e se misturou com as raças semitica e aryana, posteriormente entradas em scena. O gráo da penetração que a raça turiana exerceu nas suas diversas ramificações (além das precitadas, segundo Pereira de Lima, mais os Pelasgos, Liguros, Etruscos) sobre os povos que depois se formaram, foi de certo differente; que elle foi notável no povo portuguez quiz assignalar com estas minhas demonstrações julgadas como meramente preparativas. Fica reservada a estudos mais profundos sobre o léxico e a nomenclatura portuguezes a tarefa de solver definitivamente a questão.

Buedingen (Qberhessen)
Allemanha

FRIEDRICH SOMMER





A PROPOSITO DAS OLYMPIADAS

O lugar tomado pelo esporte na actual literatura franceza é, certamente, um dos factos mais curiosos do nosso tempo. O paiz do intellectualismo á "outrance" adoptando uma literatura que parecia ser até hoje o apanagio dos americanos e dos inglezes, cujos escriptores nunca desprezaram os gestos e os esforços athleticos, eis um caso interessante e digno de ser notado!

Não ha duvida que a causa indirecta dessa nova orientação literaria é a influencia cada dia maior dos norte-americanos. Um dos introductores da literatura esportiva em França foi Pièrre Mac Orlan. Convivendo com americanos, leitor assiduo dos novelistas newyorkinos, de Jack London e de outros de agradável leitura, o autor de *Malice* e da *Vénus Internationale*, reservou em seus romances um lugar para o esporte. Em *La Vénus Internationale* (1), um dos melhores romances de 1923, dois irmãos de educação esportiva e sadia lutam contra o atrazo camponez e contra a seducção de uma bolchevista russa. O mesmo Mac Orlan, em vários artigos elogia e commenta combates de box, corridas, etc.

Outro jovem escriptor de muito talento, Paul Morand, trata de uma corrida de bicycletas, num dos seus contos excellentes de "*Ouvert la Nuit*" (2).

Entretanto, Mac Orlan e Morand só falam de esporte incidentalmente. A bella loucura do século não lhes serve nunca de assumpto principal. Seus livros têm outro enredo, quasi sempre

(1) Nouvelle Revue Française.

(2) Nouvelle Revue Française.

no genero do romance de aventuras que, apesar de tudo o que se disse a respeito, não se exgotou ainda.

Depois de Mac Orlan, um joven poeta, Géo Charles, director da pequena revista *Montparnasse*, publicou uma série de poemas com o titulo de "*Sports*". Mas fraqueza de realização impede de recommendal-os. Lucien Fabre, em *Vanikora* (3) escreve uma ode ao foot-ball-rugby cuja força violenta de imagens e cuja inspiração sóbria são grandiosas. O jogador que, depois de correr com a bola até a linha de funde, adversa consegue o *ensaio*, cáe e :

crache le goût de la victoire
avec de la boue et du sang.

Iienry de Montherlant, outro jovem de extraordinário talento, abordou as mesmas terras quasi incultas.

O assumpto é tentador. Mas este enveredou de verdade pela floresta virgem e, aproveitando o momento opportuno das olyrnpiadas, publicou dois volumes sobre o foot-ball e o atletismo em geral.

Trata-se de "*Le paradis à l'ombre des épées*" (4), e de *Les onze devant la Porte Dorée*". No primeiro desses livros, num emocionante estudo intitulado "Le tibre e l'Oronte", o autor tece commentarios em volta da educação physica e intellectual dos povos. No segundo volume a parte da imaginação é maior. O livro termina por uma série de poemas modernísimos sobre o esporte. E' digno de citação a seguinte passagem sobre o goalkeeper :

LES ÉMOTIONS DU "SOLITAIRE"

— Garde-but, garde-but,
on te fait avec les doigts : "Plus que six minutes"
Les mains lourdement couvertes, la nudité haute des cuisses,
les genoux lustrés comme une feuille,
Il va et vient dans sa cage comme un amoureux qui attend.

— Garde-but, garde-but,
Oll te fait avec les doigts : "Plus que trois minutes".
Loin l'attaque: au large, une vague qui naît.
Il croit voir le gros poisson dans son filet.
Prend peur. Sort de son goal. O soldats, la fuite en avant!
La vague arrive sur lui, avec une odeur de corps et de terre.
Et le premier but, le seul, est marqué dans la lueur du couchant.

Il s'écroule. Il reste immobile.
Il s'arrache les cheveux comme Achille.

(3) Nouvelle Revue Française.

(4) Bernard Crasset.



A limpidez classica das imagens, o movimento livre do verso, a simplicidade do estylo, denotam o grande escriptor. Depois de séculos e seculos de mysticismo barbaro, de symbolismo obscuro e de impressionismo doentio, Henry de Montherlant renova a tradição de Pindaro. Imagine-se agora o ridículo de sua obra escripta em alexandrinos parnasianos! Duros, inflexíveis, de gravata e collarinho engommado, cantando a elegância leve e "souple" do athleta.

E hoje apparece mais um livro orientado para o mesmo lado. Escreveu-o um brasileiro, Dominique Braga, intitulado-o de maneira significativa "*Le 5.000*" (5). Trata-se de uma corrida de resistencia de 5.000 metros. 300 paginas sobre uma simples corrida, eis um malabarismo por si só interessante. Mas no romance de Dominique Braga ha mais do que isso. Ha uma grande emoção e um trabalho admiravel de estylo que fazem do autor um dos jovens mais promettedores do momento.

SERGIO MILLIET



(5) Nuuvelle Revue Française.





FÓGOS

(Impressões de uma noite de S. João)

Tátá... Chiiii... Que tá!...
Prrrráá... Bumbum!!! Búbii!...
Chiiii... Taque tá! Prrrráá...
Tique bum! Bambam... Bá...
Chóóó... Xiü... Viit... «...
Brra... Chiin... papàu!
Tatá! Prrr... Bóóó...
Ti bum! Crr... Fiáu...
Crro óóó... Xin... Bóbó!...
Pr... Brrrá... Chii... Tibão!
— 07 o baliw! ũ'i o balão Santos Dumão!...

CORREIA JÚNIOR

N. da R. — A título de curiosidade, transcrevemos d' "O Itiberé" esta deliciosa página impressionista.

*





NO JARDIM DAS LENDAS

PARA os que ainda sonham, archeologos dos •symbolos e -dos myste-
rios, nada mais fértil de commovida poesia, do que o passado, on-
de as lendas floremjam, encantando os ásperos caminhos medievaes.
A fé rebenta em bellezas de mythos, de legendas, perfumando as velhas
abbadias, os mosteiros encravados nas montanhas, esquecidos nas solidões.

Espiritos appareceram, endurecidos pelo contacto da sciencia que é fria,
da erudição que é impassivel, e destruíram, cm mais de um recanto, essas
reliquias do idealismo christão, essas derradeiras vozes das antigas eras
mysticas.

De que lhes valeu mais essa fama? Tanto quanto teria valido a um
barbaro que desfolhasse as ultimas pétalas de um jardim atormentado
pelos ventos.

O utilitarismo já vae tão disseminado, que por si mesma se desfariam
estas lendas, ultima floração do mysticismo antigo. Antes, porém, que estes
echos da Idade-media desapareçam na algazarra das novas orientações
üterarias, recordemos algumas dessas lendas, verdadeiros poemas de sim-
plicidade. Seja primeiro a historia, muito conhecida no sul da França, dos
passaros mancos que ainda hoje, dizem, habitam esses lugares. Outras
cndas virão para gosto dos que, sendo moços, trazem dentro de si um
coração antigo e, vivendo no século XX, teimam por andar em épocas me-
dievaes.

OS PASSAROS MANCOS

A vida naquelle mosteiro corria como um grande rio de paz, que
balançasse em suas aguas inalteráveis os esquifes daquelles corpos ema-
grecidos na penitencia e na oração.

A's vezes, alguma noviça mais ardente debruçava-se nas bordas do
eeu batel, tentando descobrir nas aguas placidas que o arrastavam, a estrella
que outr'ora lhe aquecera o coração creado para amar. linmediatamente,
S. Opportuna, que também descortinava as almas, tangia para aquelle batel



em perigo o seu barquinho mais leve do que uma folha do Breviário e recolhia as velas que a noviça largára ás brisas tentadoras.

E os esquifes tornavam á placidez primeira, balouçados pelas inalteráveis aguas daquelle rio de paz, a derivar pelo mosteiro a dentro.

Mas, no mundo, ainda aquelles que morreram dentro de si, não conseguem descançar completamente. E' preciso uma contrariedade qualquer para agitar o sepulcro dos corpos, desempoa-os, resequil-os bem, e só assim, fazel-os voar ao menor sopro de uma aza que se agite.

Chegou para as freirinhas de S. Opportuna, um vendaval descomposto e bravo.

Floriam os campos cheios de perfumes; dobrava-se o trigal aos arripios do vento, mas, nem os botões chegavam a abrir-se, nem o trigo a espigas perfeitas. Do céu, numa algazarra indigna de aves de Deus, desciam voltejando, como nuvens, uns passaros famintos e malfeitores, a debicar as rosas que se entreabriam, a estragar os grãos em ponto de sazonar.

Eui vão as Irmans se atropelavam por espantal-os!

Suas toucas alvas, esvoaçando, pareciam grandes borboletas irriquetas, o que muito divertia os passaros que erguiam sua algazarra no céu, como numa assoada ás servas de Deus.

De todos os meios lançaram mãos as religiosas, mas, nem as cruzes de cinza pelas estradas, nem as cruzes de palha pelos ramos, nem aj preces com a face em terra, nem os cilícios, nem os jejuns valiam a pôr os intrusos longe da colheita.

Já aquelle rio se encrespava, de ondas crescidas, ameaçando uma borrasca na serenidade do claustro, quando chorosas se apresentaram á Superiora todas as Irmans. Ouviu-as muito placidamente a santa e achou fundamento nas suas queixas. Tremeu-se toda, quando a Madre de S. S. Sacramento descobriu a tentação que andava nas azas daquelles passaros.

Ergueu-se então a abbadessa e, traçando a sua bençam sobre as bôas ceifeiras, mandou-as com este recado ás aves:

— Em nome da Paz que é Deus, passaros importunos, recolhei-vos ao cárcere da abbadia!

Immediatamente, silenciosos, sem um pio de protesto, lá se foram todos para a prisão subterranea do velho claustro medieval...

No dia seguinte, quando se reuniu a comunidade na sala de recreio, a Superiora, com um gesto que transpirava muita magua pediu silencio para uma consulta.

— Filhas — começou; hontem lia em paz o meu livro de horas e vos 110 campo, no jardim, vos apoquentáveis com o mal daquelles passaros damninhos. Até mim chegou a vossa inquietude e foi preciso que o Senhor vos viesse em socorro para que tivésseis mais tranquillidade. Hoje, sou eu quem se perturba e é da caridade que vós me ajudeis neste trabalho. Irmans, quando sahistes para o campo, da minha ogiva contemplava a calma de vossa vida. Sobre vossas cabeças, vários passaros se divertiam com revoejos e cantos. Isso acordou-me na alma a lembrança dos nossos prisioneiros do subterrâneo. Um cuidado se apoderou de mim e eu descí a ver que fariam os encarcerados? Ah! Irmans, como chorou meu coração com o que viu! Lá estavam todos, mudos, tristes, pousados nos sitios mais frios e de mais sombra. Chamei-os a ver se os alegrava, perguntando-lhes se tinham fome. Sabeis que fizeram? Velaram suas cabecitas com



as azas e ouvi, ouvi, Irmans, ouvi o pranto daquellas avesinhas encarceradas !...

E a santa abbadessa aparava na alvura de um linho, as lagrimas claras que lhe rolavam pela face transparente.

Toda a communitade se commoveu. Sobre todos os soluços sobressahia o pranto da madre do S. S. Sacramento.

— Determinei reparar o nosso feito — continuou a santa — e Deus me inspirou o meio de conciliar a nossa paz com a liberdade daquellas azas. Peço-vos que me acompanheis com o vosso assentimento e com os vossos passos.

Todo o mosteiro desceu á prisão. Lá estavam na mesma solidão as aves, tristes, cabisbaixas. Commoveram-se novamente as boas almas.

Num verdadeiro silencio de liturgia, ouviram a fala de S. Opportuna, dirigindo-se aos passarinhos. Impoz-lhes preceitos de nunca mais tornar áquellas paragens, tão damninhos e buliçosos. Se eram aves e podiam voar, não viessem perturbar a paz das Irmans que se haviam retirado ao ermo. Fossem livres voar, cantar. Quando se achassem em apertos por falta de mantimentos, ou perseguidos pelos homens maus, voltassem então, mas voltassem em paz. Grande era a caridade de Deus e naquella abbadia, onde seiscentas monjas, ha vários séculos, sempre gosaram da fartura, haveria na concha de cada mão um celleiro para ellas, avesinhas. Quando perseguidas, a própria capella do mosteiro se lhes abria para refugio. Mas, agora, fossem, partissem! E abrindo as portas, contemplava sorrindo, com toda a sua religião, o vôo calmo das prisioneiras que saham.

O sol refranzia-se como ouro liquido nas azas brancas dos passaros em rebojo pelo alto, muito calados, tranquillos.

Estiveram assim largo tempo, remoinhando na altura; de repente, bicos entreabertos, romperam numa algazarra que ensurdecia. Vinliatn revoando tão baixo, que parecia quererem aggređir a santa abbadessa que os olhava assombrada. Que seria? Rogando a Deus lhe desse o entendimento de tamanha revolta, logrou saber porque tanta e tão desassizada grifa. E' que faltava ao bando um passaro...E offendidos, mostravam sua cólera com aquelles chilros e ameaçavam devastar todo o plantio, se não lhes restituíssem o companheiro defuneto.

Affligiu-se muito a Superiora e, interrogada a casa inteira, veio a saber-se que, de facto, se dera a morte á ave desaparecida.

— Mas, como fizeram isto?

E a Irman cosinheira explicava:

— Fôra a Irman Seraphina dos Santos Anjos, que mais parecia uma visão do que ser vivo, que desejava petiscar uma aza de passarinho. Coifada! tão fraca, tão débil, só mesmo uma aza de ave lhe iria bem ao estomago! E a ave morreu para que a Irman Seraphina vivesse ainda mais um pouco. Teria feito mal?

Perdoou-lhe a santa, mas ordenou-lhe que trouxesse os ossos do pequenino morto, com o que se augmentou a afflicção da cosinheira: onde buscá-los? A tudo, porém, provê o céu. Momentos depois, surgia a Irman com uns ossinhos tão frágeis, que mais pareciam gravetos...

Nesse momento, as aves que continuavam em giros e assoadas, baixaram o vôo em redor da Santa. Mostrou-lhes ella os ossos na concha da mão; ergueu-os liturgicamente ao céu e, feita uma prece a Deus, soprou no alto: como um hálito quente, a vida animou aquelles gravetos e a visão de um passaro branco se fez realidade na mão alva e prodigiosa da abbadessa.

Todas as azas palpitarão em torno do companheiro resuscitado, emgitanlo as Irmans dobravam os joelhos de espanto.



Dos passaros, os mais proximos passavam-lhe as azas pelo corpo á maneira de abraço. Os mais distantes acenavam com a cabecinha. Uns se libravam á pequena altura; outros davam giros cadenciados, qual se fôra uma dança. Só a Superiora não se alegrava nem se commovia.

— Porque não se rejubila vossa reverencia?

— Não vê, Madre, que o pobrezinho sahiu coxo?

De facto, a perna direita não tocava o solo. E desde esse dia, nos arredores do Mosteiro de S. Opportuna se foi notando o mesmo defeito nos passaros que descendiam do que a Abbadessa resuscitara.

Ainda hoje, elles por ahí manquejam. E faz pena vê-los assim: se elles attestam ainda a santidade da grande monja, o ermo do lugar tornado terra de descrença compunge o coração com a falta do mosteiro de seiscentas religiosas devotíssimas.

SILVEIRA BUENO





CERTAMEN SCIENTIFICO - LITERÁRIO - IBERO - AMERICANO

A "Associação Patriótica Espanhola", com sede em Buenos Aires, tendo entre seus fins — "fomentar a cultura e trabalhar pela fraternidade e pela exaltação do bom nome e progresso dos povos ibéricos" — resolveu celebrar o "dia da raça" do proximo anno de 1925 com um grande certamen scientifico-literario ibero-americano. Para esse fim, designou uma commissão de cidadãos americanos e hespanhóes, da qual fazem parte os snrs. Feliz Ortiz y San Pelayo, dr. Rodolfo Rivarola, Dr. Marco M. Avellaneda, Dr. José Leon Suarez, Dr. Joaquim Llambias, Augusto Aranda, Dr. Frederico Iribarren, Dr. Américo de Galvão Bueno, Antonio F. Castro, Vicente Nicolau Roig, Dr. Avelino Guttierrez, Dr. Torjbio Sanchez, Dr. Guillerme Romero e Dr. Juan Areu Franco.

Esta commissão, desejando que o projectado certamen não consista num concurso de modesta significação ou de trabalhos de fácil e commoda erudição, como os que a miude se celebram sob differentes denominações, pretende obter das mais altas mentalidades ibero-americanas a apresentação de trabalhos de valor, dentro de sua especialidade, e que importem, sempre que seja possível, em investigação própria, de maneira que o certamen nos revele a todos o nivel cultural ibero-americano.

Para lograr estes resultados, collocou seus esforços sob o # patrocínio dos chefes de Estado das nações ibero-americanas e



dos seus centros culturaes mais importantes, prescindindo de qualquer outro auxilio, afim de que os prêmios, especialmente por seu valor moral, estejam em relação com o esforço e mérito que pretende exigir.

O certamen será realizado de 12 a 20 de Outubro de 1925. Os concorrentes deverão apresentar duas ou mais copias a machina, com entrelinha, provas typographicas ou mesmo folhas já impressas, caso em que será necessário que o consulado argentino do logar atteste ter sido a impressão *ad-hoc*. O máximo será de cem paginas, de trinta linhas cada uma, permittindo-se os idiomas portuguez e bspanhol.

Os trabalhos deverão ser entregues á Secretaria da Commissão (Bernardo de Irigoyen, 668, Buenos Aires) até 31 de Maio de 1925.

A commissão organisadora constituirá diversos jurys, segundo a quantidade e a indole dos trabalhos, elegendo st^is membros, tanto quanto possível, entre os professores universitários. Os pareceres deverão ser expedidos antes de 31 de Agosto.

Quanto aos themas, a escolha deverá ser feita pelos chefes de Estado convidados, aos quaes a commissão organisadora sugere trinta e tantos.





DA COMPRA E VENDA NO DIREITO COMMERCIAL
BRASILEIRO — Dr. Luis da Cunha Gonçalves — Com-
panhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.

A compra e venda é o acto de commercio por excellencia — "contracto typico da economia monetaria, como a troca é o contracto typico da economia natural". "Ainda hoje — diz Vivante — quando se faz uma troca de mercadorias, o negocio apresenta-se ccm os caracteres jurídicos e mercantis da venda; porque não são ellas avaliadas uma por meio da outra, mas pela medida commum do dinheiro." Além disto, diversos outros contractos, em que a transmissão de mercadorias se opéra, são modelados sobre a compra e venda e não sobre a troca. Finalmente, a grande maioria dos institutos de direito commercial tem a sua origem directa ou indirecta na compra e venda, taes são as bolsas, os bancos, as sociedades commerciaes, os titulos de credito, os armazéns geraes, etc."

E' bem de ver, pois, o extraordinário alcance do trabalho que o illustre advogado dr. Luiz da Cunha Gonçalves acaba de publicar sobre a compra e venda no direito commercial brasileiro. Advogados e commerciantes não podem deixar de conhecê-lo. Da primeira á ultima pagina, todo elle é uma serie de lições a que terão de recorrer muita vez.

Antes de entrar no amago da questão, detem-se em preliminares que revelam já o profundo sabedor que mais para diante vae pôr em plena evidencia sua autoridade e os recursos de expressão de que pode lançar mão. Versam a evolução da compra e venda e a theoria economica e jurídica do acto de commercio, dizendo-nos, de um pensador arguto, que conhece deveras a historia do instituto a que se reporta.

Palavras iniciaes essas, em que se prepara o espirito do leitor para a fácil comprehensão da theoria que vae desenvolver-se, passa a seguir ao estudo da natureza, relações e caracteres da compra e venda commercial, dos elementos da compra e venda dos factos e garantias preliminares, das compras e vendas condicionaes, das compras e vendas a termo, das compras e vendas complexas, das compras e vendas publicas, das obrigações do vendedor e do comprador, da forma e das provas, etc., o que quer dizer que não deixou de lado nenhum dos aspectos em questão.

Volume de mais de quinhentas paginas, exgotta por completo a matéria, elevando seu autor á plana em que se acham os nossos mais auctorizados jurisperitos. Aliás, não se trata de um desconhecido, mas de autor que já galgou as mais altas posições, sendo até membro da Academia de Sciencias de Lisboa e socio honorário da Real Academia de Jurisprudência e Legislação de Madrid.

Dos novos do Rio Grande do Sul, o sr. Roque Callage é dos mais promettedores. Seus breves relatos, embora não cheguem a ser contos, fixam em traços largos scenas e aspectos da vida gaúcha, sendo por isso consideráveis no computo dos valores literários do Sul. É lamentavel, porém, que malbarate qualidades de observação e expressão como as suas, não muito contraditórias. Está-se a exigir delle o romance de que é capaz.

Este volume é reedição. Prova de que tem publico. Prova de que tem sua valia. De facto. Pena é que não o tenha sanado de baldas que se deparam em algumas paginas, algumas mesmo chocantes. Aliás, não sabemos se foram conservadas acinte, para que não perdessem o caracter de manchas impressionistas pelo de miniaturas acabadinhas.

Mesmo assim, porém, a leitura agrada. Alguns capitulos são admiráveis.

O BRASIL E A DOUTRINA DE MONROE — F. de Leonardo Truda — Comp. Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.

Diz o autor em prefacio: "Hoje, quando se celebra o primeiro centenario da doutrina americana e quando, como consequência dos mal-entendidos que a conferencia de Santiago agravou, se levantam contra o Brasil accusações injustas, que lhe imputam tendencias imperialistas e propósitos de hegemonia, pareceu-me que não seria de todo inutil recordar como o nosso paiz entendeu sempre aquelles deveres, como praticou o pan-americanismo, na sua mais nobre e lata accepção." Tal escopo attingiu-o brilhantemente nas cento e tantas paginas deste volume, já com logar marcado na estante dos que se interessam pela politica nacional.

O intento não foi desenvolver these juridica, mas fazer obra entendivel de todos. Assim, abre o primeiro capitulo uma pergunta — "Existe a doutrina de Monroe?" — que, por paradoxal que pareça, não deixa de ser plausível, tantas têm sido as suas interpretações. Respondendo-a, chega o autor a esta affirmação: "Desde 1919, porém, já não se trata de uma declaração vaga, de uma formula imprecisa. O art. 21 do tratado de Versalhes, na parte I que contem o pacto da Sociedade das Nações, expressamente se refere á doutrina de Monroe para declarar que *ella não é consideffoda incompatível com nenhuma das disposições do referido pacto*. Ipso facto, as potencias signatarias do tratado acceitam a doutrina e a reconhecem; chancellam com a assignatura de seus delegados a sua legitimidade". O que quer dizer que existe.

A seguir, trata o autor da confusão reinante respeito á intelligencia da doutrina, maximé depois que o pacto de Versalhes o qualificou de "accordo regional"; passa após a encarar a politica de isolamento dos Estados Unidos, sustada pela sua intervenção na guerra europeá, encerrando a primeira parte da obra com apreciações sagazes sobre a evolução do monroismo: "De Monroe a Roosevelt, quanto caminho andado! De meramente defensiva, já ampliada por Polk, a doutrina vae com Cleveland até a intervenção, torna-se arma offensiva com Mac-Kinley, para chegar a ser, manejada pelas mãos rudemente vigorosas de Roosevelt, um cajado temível, não só contra os que ameacem a segurança da America, mas contra os proprios tutelados, que pela sua irrequietude possam dar logar a

taes ameaças. Ella não deixa de ser uma arma de defesa; mas, nos termos em que a entendia o energico chefe dos "rough-riders", tal defesa seria pelas outras nações americanas comprada a preço talvez demasiado caro."

E pergunta: — "E' essa a doutrina de Monroe de que fala o tratado de paz que subscrevemos? Não; não pode ser." — responde. E historiando os tramites por que passou no Brasil, onde aliás o pan-americanismo tivera origem em 1879, antes mesmo da declaração de Monroe, chega até 1917, quando Nilo Peçanha precisou o "conceito tradicional, imutavel que o Brasil fôrma da solidariedade americana. Nunca — são palavras do autor — em documento official da nossa chancellaria, se exprimiu tão clara, tão sem refulhos e sem ambiguidades diplomáticas, a interpretação que damos á doutrina de Monroe. Dizia o ministro das relações exteriores do Brasil, em seu telegramma circular de 2 de julho de 1917:

"Si até agora a relativa falta de reciprocidade por parte das Republicas Americanas tirava á doutrina de Monroe o seu verdadeiro caracter, permitindo uma interpretação menos fundada das prerogativas de sua soberania, os acontecimentos actuacs, collocando o Brasil, ainda agora, ao lado dos Estados Unidos, em momento critico da historia do mundo, continuam a dar á nossa politica externa uma feição de solidariedade continental, politica que foi, aliás, também a do antigo regimen, toda vez que tem estado em causa qualquer das demais nações irmãs e amigas do continente americano."

Foi, como se vê, pôr a questão nos devidos termos. E, desfeita outra duvida — a incompatibilidade da doutrina e da Liga das Nações — pela palavra de Ruy Barbosa, resta apenas fixar a exacta interpretação e limitar a extensão da doutrina de Monroe. Lembra o autor — e assim cerra seu estudo — promovesse a "chancellaria brasileira uma manifestação continental em que se dissesse, de uma vez para sempre, o que é esse *accordo regioial*". Ótima idéa, mas de difficil realisação, maximé após o fracasso das conversações de Santiago e a da animadversão que vae contra nós ahi pelo continente...

Escrepto em linguagem fácil, o livrinho do sr. Leonardo Truda presta-se, pois, admiravelmente aos fins que teve em mira: focar para o vulgo o máximo problema continental e, a proposito delle, a attitude sempre digna e fraternal do Brasil.

TEIA DE LUAR — Zeferino Brasil — Barcellos, Bertaso &
Cia. — Porto Alegre — 1924.

Teia de luar — são cerca de trezentas paginas de versos economicamente dispostos: um soneto em cada qual, contra as mais elementares exigencias da arte graphica... Isto, porém, ahi vae apenas como reparo. O que interessa são os versos. Versos soffríveis, por signal. O autor, que conhece os segredos do *metier*, não os põe em pratica. Quasi sempre descursa da forma. E' mais repentista que artista. Além disso, sua obra se resente de harmonia. E' um amalgame de composições varias, que tem apenas a vantagem de nos revelar a impressionabilidade do poeta: sem se fixar em nenhuma escola, deixa-se levar ao sabor da que o domina no momento. O que releva notar é a mestria com que sabe tira.* proveito da contribuição poética popular. Os versos deste feito são os melhores do livro.



ADEUS, AMOR! — Mathilde Scráo — Trad. Jorge Jobim —
Bareellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre — 1924.

Citando de Shakespeare, *apud* Anatole, a passagem em que um gentilhomem diz servirem-lhe para a bibliotheca quaesquer livros, "comtanto que sejam bem encadernados e falem de amor", lembra o tradutor que "as damas hoje em dia, são menos rigorosas do que o aristocrata inglez". Tratam ellas "de se encadernarem o melhor possível e dos livros que lem, por interesse ou desfastio, exigem unicamente que falem de amor"... Theoria que não deixa de ser verdadeira e pela qual se orientou, escolhendo para a traducção o *Adeus, Amor!*...

No genero, para agradar a mulheres devoradoras de romances, nada melhor! Ha nelle paginas de intensa vibração.

O VIGIA DA CASA GRANDE — Mario Sette — Lello &
Irmãos — Porto — 1924.

O sr. Mario Sette é um dos mais operosos escriptores dos. nossos dias: sua bagagem já orça por uma dezena de livros — contos, novellas e romances — que lhe deram nome dentro e fóra do paiz. Este volume, por exemplo, vem de Portugal, o que não deixa de ser symptomatico, dado que apenas o sr. Coelho Netto conseguira editar-se lá. Nossos amigos portuguezes vão intelligentemente comprehendendo que não somos simples colônia e que é preciso tratar-nos de igual para equal. Nada de impingir os dissaboridos romaneões em que se amestraram, *foist* Eça e Fialho, os escriptores do outro lado do Atlântico. Para leitores brasileiros — leitura brasileira.

Esta qualidade têm-na os livros do sr. Mario Sette. Ha nelles ambiência brasileira e o proposito intencional de focar os hábitos de nossa gente, o que é chamar a attenção dos que se deixam levar da invasão cosmopolita que vae pelo nosso interior. São um brado em prol das tradições sociaes, religiosas e heróicas que devemos manter a todo transe, para que conservemos integro o nosso feitio, sentimental que seja, mas nosso.

O vigia da casa grande segue a mesma orientação, embora em outros moldes. O autor teve em mira evidenciar a dualidade de aspectos da vida rural pernambucana. Num fundo torvo — a massa de aggregados mergulhada na mais negra miséria physica, mora! e intellectual — a figura do senhor de engenho, saturado de um idealismo utopico, cheio de fé no futuro de sua patria e sua gente... Certa acção, acurada observação e o sentimento profundo das nossas cousas fazem com que ganhe relevo a finalidade que se propoz. Não é de esquecer, porém, a contribuição dialectal, pois os diálogos se vasam no linguajar do nordeste, em que lia uma serie de termos inusitados cá no sul.

A reparar o abuso, em que reincide o autor, da adjectivação pomposa e laivada de lusitanismo, o que faz que a fluência da sua elocução se touque de excessiva poesia, muito longe da realidade. E' um defeito que cumpre sanar.

BALLADES BRÉSILIANNES — Charles Lucifer — Ed. "La
Pensée Latine" — Paris — 1924.

As vantagens da universalidade do frsncez parece que tocaram o nosso patricio espirito-santense que tão arteiramente se assigna Charles Eucifer. Ponds de lado a "doce língua em que pediu Camões", <jeu-se inteiro ao



idioma em que se derrama a subtileza de Anatole, compondo uma serie de "Ballades Brésiliennes" em que se não sabe que mais admirar: se a fluência da expressão, denotadora de largo contacto com a lingua, se a originalidade dos motivos colhidos todos na *selva schvaggia* do nosso lendário.

Na verdade, ambas as qualidades notáveis se isoladas, mais ainda se reunidas. Porque era de esperar que a lida com lingua extranha o levasse a motivos também extranhos, francezes pelo menos. Tal não se deu, porém. Deixou-se o autor tocar profundamente pelas nossas cousas, a tal ponto que difficilmente se encontrará em nosso idioma, a não ser em certas composições da ultima feição de Bilac, obra em que prepondera em tão alto grau o sentimento das nossas paisagens e das nossas lendas. Para confirmação do que dizemos, poderíamos transcrever aqui algumas das paginas mais características, o que não fazemos pois os leitores já lhe conhecem a admiravel composição *Le sacy* — que a "Revista do Brasil" -publicou ha alguns mezes. A nosso ver, constituem esta e *Les ouyaras* as duas mais finas bailadas do volume.

Ante tão bella affirmação da existencia de temas a explorar em nosso meio, seria o caso de perguntar-se quando teremos o poeta que cante as nossas cousas em nossa lingua com esse largo sopro de espiritualidade que areja tão singularmente as "Ballades Brésiliennes".

VICTORIAS — Victor Silva — Barcellos, Bertaso & Cia.
Porto Alegre — 1924.

Victor Silva — diz-nos o sr. João Pinto da Silva nas paginas da sua "Historia Literaria do Rio Grande do Sul" — indiscutivelmente, foi um notável factor de renovação esthetica, entre nós, não só pela sua obra, escassa, mas brilhante, como pela ascendencia que exerceu sobre muitos dos nossos *novos*... Pôde-se affirmar, sem favor, que o parnasianismo, por exemplo, teve em Victor Silva o seu máximo divulgador, no Rio Grande do Sul". Emquanto vivo, "resistiu sempre, obstinadamente, a todas as suggestões de íntimos e admiradores no sentido de reunir em livro os seus sonetos." Antes de morrer, porém, recopiou-os e corrigiu-os para este volume — *VieJorias* — que a piedade dos amigos fez editar.

Não ha senão louvar-se a iniciativa. Os sonetos do poeta morto nada deixam a desejar, como parnasianos que são. Si não chegam a emparelhar-se com os primores de Francisca Julia, ficam-lhe em plano immediato. Faltou-lhe para chegar á perfeição o apuro da fôrma que foi a obcessão da grande artista paulista. O que não quer dizer sejam somenos. Não. Quando se fizer o historico dos últimos movimentos literários do paiz, ha de se lhe dar a posição que merece como insufflador do parnasianismo 110 Rio Grande do Sul.

A EDUCAÇÃO NACIONAL — Mario Pinto Serva — Livraria Universal — Pelotas — 1924.

O sr. Mario Pinto Serva, autor já de boa meia dúzia de livros, que lhe criaram numeroso publico, reúne agora neste volume os trabalhos que tinha esparcos em vários orgams da imprensa nacional. Bem andou assim procedendo, pois, sobre concorrer para a solução do nosso maior problema, documenta-nos a pertinacia com que vem malhando a mesma tecla, qualidade não desprezível em se tratando de propagandistas



de idéas. Porque não ha esquecer que o autor, é um propagandista *comme il faut*: diz, rediz e trediz, para afinal calar fundo no animo do leitor, convencendo-o e fazendo-o companheiro da mesma empresa.

Só louvores merece a orientação do estimado publicista, maximé em nossos dias, quando um desanimo avassalador vae por tudo quanto se prenda a idéas. Aliás, não o faz aereamente, mas baseado em números e em factos, o que empresta singular valor á sua argumentação.

Por tudo isso, é digno de leitura o presente volume, alem do mais apresentado mui decentemente pela livraria editora.

ALMANACH DES LETTRES FRANÇAISES ET ÉTRANGÈRES — Paris — Rue Edmond Gondinet, 7 — 1924.

Dirigido pelo sr. Léon Treich, appareceu em Paris o "Almanach des lettres françaises et étrangères", que se publicará quatro vezes por anno. Recebemos esse primeiro volume, que nos deixou a melhor impressão. Trata-se de publicação em moldes novos, interessante a toda casta de leitores. Nas sujis quatrocentas e tantas paginas formato "raisin", dá um resumo dos livros, revistas e jornaes de todo mundo, sendo de salientar-se a atenção que dispensa ás letras estrangeiras, tão descuidadas em França.

*COMPENDIO DE ESCRIPURAÇÃO MERCANTIL —
L. Lavencère — Livraria Machado — Maceió — 1924.*

Um livrinho util este. Em uma centena de paginas reúne o indispensável para que todos possam fazer a escripturação de seus negocios. "Qualquer um que saiba ler e escrever — diz o autor — poderá ter a sua escripta commercial perfeita, como exige o Codigo do Commercio, estudando este compendio e pondo em pratica as suas lições" — o que é facto, pois que se vasa em linguagem muito clara, entendivel ao mais bisonho guarda-livros.

*ALMA SIMPLES — Isolino Leal — Livraria do Globo —
Porto Alegre — 1924.*

Plaquette de pouco mais de meia centena de paginas, encabeçada pela seguinte legenda, que o autor foi pedir a Garrett: "Isto pensava, isto escrevo: isto tinha n'aíma, isto vai no papel: que de outro modo não sei escrever." O que não é fôra de proposito: em todas as paginas se mostra sinceridade e simpleza de linguagem, qualidades que se completam.

E', porém, uma obra irregular, cheia de altibaixos: impressões de momento, pensamentos, relatos curtos, tocados de poesia. Nem sempre, porém, o pensador é arguto. Algumas vezes lembra o Maricá:

"O dinheiro nas mãos de um avarento é um instrumento de supplicio, nas de um homem de alma forte é uma instituição pia, um factor de energias fecundas. Créa e dá saúde".

"A calunnia é a maior das infamias. Comparado ao calumniador o ladrão tem nobreza, um r.egro ébrio tem a alma de cysne."

Paginas como estas devia o autor tel-as feito saltar fôra nesta reedição. O elogio dos amigos, cerrrou-lhe, porém, os olhos, o que é pena.





O ESPIRITO DE PAZ

Os reaccionários mais fervorosos recuam deante delle. A Lyga das Nações, recebida a principio como uma criação theorica destinada a desaparecer pelo desprestigio a que a relegariam as próprias nações que a estabeleceram, cada vez mais se consolida e alarga a sua efficiencia.

O facto capital de nossa época é a admiravel realidade das nações vencedoras serem obrigadas a promover o recer-guimento economico das nações vencidas, não. (assignalemos) por piedade ou sympathia humana, mas para poderem subsistir também. Essa solidariedade organica que obriga a cellula viva a velar pela cellula doente — é um acontecimento sem precedentes na historia do mundo, e dá aos concertos de paz que agora se effectivam -- um caracter physico, uma fatalidade irresistivel que nada pôde evitar ou destruir.

Certo, nem sempre a marcha dos phenomenos politicos se regula pelo mesmo rythmo dos phenomenos economicos. A relação de dependencia que ha entre elles não implica numa relação de simultaneidade. Assim vemos, logo depois da guerra, e até poucos dias antes das ultimas eleições na Inglaterra, na Allemanha e na França «á internacionalização evidente da vida economica corresponder uma terrível intensificação do sentimento nacional. E são esses contrastes absurdos que têm contribuido para a inquietação ainda reinante na Europa. Enquanto a solidariedade, economica, obrigatoria, pliv-

sica, material inevitável da Allemanha e da França estava a resaltar a todos os olhos, os partidos politicos num e noutro paiz desenvolviam vigorosos esforços para acelerar as vibrações e exasperar ao paroxismo as aspirações do sentimento nacional. Esse antagonismo do sentimento nacional com as tendencias economicas é a causa principal do desequilibrio perdurante.

Recorre o nacionalismo a todos os extremos, a todas as formas de defesa, cada nação fazendo tudo para conservar uma independencia economica que o mundo hoje não permite mais.

O recrudescimento do proteccionismo aduaneiro é a modalidade mais palpavel dessa luta e chegou a attingir, como se sabe, a própria Inglaterra. Das duas forças em conflicto, o internacionalismo economico e o nacionalismo politico, a primeira tem por si aquella fatalidade contra a qual pouco valem as chamadas forças moraes.

Irresistivelmente irão gravitar na orbita dos interesses vitaes as nações mais recalcitrantes, e serão inevitáveis as consequências politicas. O que salvou a Liga das Nações do mallogro esperado foi ter podido ella, por sua organização, tornar-se um como agente propulsor desse internacionalismo economico inelutável.

D ainda que as questões politicas puderam de'xal-a mal uma ou duas vez's como força coactora, a sua autoridade não diminuiu. Pondo em contacto, nas con-



ferencias internacionaes, os homens mais influentes de todos os paizes e os interesses que elles representam, a Liga das Nações vae obtendo no campo economico surprehendentes resultados. Basta lembrar a conferencia de Bruxellas. Ahi dictou a Liga aos governos as medidas financeiras destinadas a salvar o mundo da crise universal consequente á guerra. Facto significativo, que comprova mais uma vez o que dissemos sobre a precedencia do internacionalismo economico em relação ao nacionalismo politico: os Estados Unidos, que não fazem parte da Liga, compareceram por meio de um delegado officioso e a AUemanha, a Áustria, a Hungria, a Bulgaria, ainda sangrando da derrota, nella puderam fazer representar-se.

Ahi/se dictaram leis formuladas por homens serenos, isentos de paixões, preocupados com a felicidade do genero humano. Muitas dessas leis, quero dizer, dessas conclusões, vigoram hoje na economia dos povos e por ellas é que se regula na direcção das suas finanças assim as velhas nações como as recém-sahidas do tratado de Versalhes.

Homens de todos os paizes discutem os proprios e os interesses dos demais numa especie nova de parlamento presidido pelo espirito de internacionalidade. Essa intervenção continua da Liga na actividade economica contribuiu em grande parte para amortecer as suspeitas com que ella foi recebida pelo espirito cioso do nacionalismo superexcitado pela guerra.

Certo, os apóstolos da Liga não se cansavam de mostrar como Léon Bourgeois, que, longe de se oppôr á idéa de patria, a idéa de humanidade, cumpria affirmar com vigor que os homens que melhor servem á causa da paz são na verdade os mais patriotas. A patria é, e não pôde ser senão o elemento orgânico de to(l)a a sociedade de nações. Assim como a constituição da familia é a base da constituição da nação, só entre as patrias é que se podem estabelecer os laços que terão de constituir a vida da sociedade internacional. Não se podia pensar numa organização justaposta á dos Estados. A idéa de um super-Estado, de uma vontade obrigando os órgãos soberanos de cada uma das nações, acarretaria a revolta do patriotismo. O que se tornava necjssario e seria sufficiente era que cala

nação comprehendesse que o consentimento mutuo a certo principio de direito, a certos accordos reconhecidos como úteis egualmente aos diversos contrahentes não constituia de modo nenhum restricção de soberania, da mesma maneira por que no dominio privado o contracto não significa uma renuncia á liberdade, mas o uso reflectido e reconhecido vantajoso ás duas partes dessa mesma liberdade.

A justificação da Liga estava feita por si mesma; ninguém podia contestar a utilidade do direito applicado acima de qualquer consideração individual ou nacional, anterior e superior ás variações de opinião, testemunha, registradora imparcial das pretenções em luta e que pela independencia, pelo caracter indiscutivel do seu depoimento apaziguaria as paixões, descorajaria as ambições illusorias e criaria uma atmospherá de confiança e de calma onde somente pudesse nasier t desenvolver-se a planta frágil da paz.

Essas palavras e tantas outras, do ponto de vista humanitario, ficariam pairando no ar sem consequência se a Liga não tivesse podido desde logo concentrar em suas mãos elementos práticos de acção effectiva. Hoje, é incontestável que a Liga sobreviveu ao periodo perigoso de formação e adaptação achando-se inteiramente articulada ao funcionamento politico do mundo de onde não pôde mas desaparecer. Os partidos dirigentes das grandes nações é para ella que appellam e na sua força e prestigio é que procuram apoiar-se. Agora parece que a ~~Bua~~ destruição acarretaria a da civilização contemporânea.

Subindo ao poder, o Sr. Mac Donald faz-lhe a apologia em termos cal rosos. Ascendendo á cadeira da presidencia da Camara dos Deputados depois de uma eleição que marca verdadeira transformação politica da França, o Sr. Painlevé declara que a França amaldiçoa a violência e tem absoluta confiança na Liga das Nações. Escrevendo sobre a Inglaterra contemporânea, illustre escriptor francez, em trabalho recente, depois de ter ouvido varias personalidades britannicas da mais alta responsabilidade, affirma que a maioria dos inglezes está na persuasão de que só a necessidade de defender o *Covenant* da Liga das Nações poderia levar a Inglaterra a abandonar a



neutralidade. No tocante ás relações da França com a Inglaterra ouviu, como conclusão, que a idéa de uma assistência mutua entre os dois paizes, só será realizada se fôr "préalablement estampillé à Génève". Não são apenas os partidarios da primeira hora, os chamados idealistas políticos que confiam na Liga. E' hoje convicção geral que a única probabilidade de salvação da Europa nella reside. Nos proprios Estados Unidos a opinião se encaminha para ella e em torno delia giram os programmas dos partidos. O seu ergão supremo de justiça, a Cm*te Per-

manente, Internacional, delibera cercada do maior respeito e acatamento dos Estados. Casos importantes têm sido resolvidos por ella com obediencia geral dos litigantes.

E os homens que se acham agora em Génève discutindo e estabelecendo o pacto de garantia, o arbitramento obrigatorio e o desarmamento progressivo, parecem realmente animados desse espirito de paz que, temos fé, reinará sobre a terra.

Gilberto Amado

("A Noticia", do Rio)

O NEO-HELLENISMO DO SR. GUILHERME DE ALMEIDA

"Et ego in Arcadia!" Assim podia o sr. Guilherme de Almeida abrir o seu ultimo livro de versos. Também elle, que tantos crêm um futurista exaltado, ansioso de converter as estatuas e as telas dos museus em pedras para afiar facas e em panno para saccos de café, também elle, que muitos julgam disposto a mudar a Academia de Letras em trapiçhe e a Bibliotheca Nacional em uvna electrica, também elle é um greg) e escreve canções gregas.

Mas qual é ao certo a sua Grécia? lia tantas Grecias... Pôde mesmo dizer-se que cada um de nós tem uma Grécia para seu consumo pessoal, cada qual a vê com a côr das suas luneta», cada qual a augmenta ou diminue no sabor da sua literatura. A humanidade, de cinco em cinco annos, varia de sentimentos em relação á Grécia. Ora os poetas concordam em achar Homero um selvagem, amigo das matanças tremendas e das comezainas bestiaes, ora encontram nelle um mestre de polidez. Herodoto é hoje desthronado em favor de Thucydides, mas é possivel que amanhã volte a reinar. Os architectos vacilam entre a elegancia do estylo jonico e a grandiosidade do estylo dorico. Phidias e Praxiteles alternam na admiração dos estatuários. Ha a Grécia das artistas e dos humanistas, mas ha também a dos numismatas e dos epigraphistas; ha a dos criticos e a dos fazedores de estatística, como esse grave funcionario que organizou escrupulosamente o quadro synopti-

co dos amores adulterinos de Helena; ha a Grécia dos autores de tragedias e a Grécia cômica de Offenbach; ha a dos que lá vão para extasiar-se desinteressadamente e a dos que vão cavar thesouros nos escombros; ha a dos que se põem a rezar deante das estatuas drs deuses e a dos que olham para aquiio indifferentes, como olhariam para um simples pantheon ceroplastico ha a Grécia dos antiquarios que lá vivem e morrem e ha a dos mystificadores que ficam um dia em Atlienas e, de volta, compõem dez volumes copiosos. A Grécia dos turistas banaes que escrevem o seu nonv a lápis nas columnas dos templos não é a mesma dos noivos românticos que vão florir com os seus amoreas as ruinas da Acropole mutilada pelas bombas de Morosini. Ha basbaques que desandam a soltar ridiculos "ohs!" e "ahs!" em frente aos leões de Mycenas, como antes, á margem de um livro de Homero, tinham commentado puerilmente: "Bello! Adorável! Sublime!", e ha esculptores que em cada planta viva vêm, academicamente, um acantho estylizado em mármore. Ha a Grécia dos mythologos enfadonhos, a dos que seguem até lá para fins philologicos ou para traçar cartas topogruphicas, e ha a dos sonhadores que, visitando-a, é como se visitassem a Terra Santa da Belleza. De qualquer modo, a maioria procura uma Grécia de museu e de archivo, de theatro clássico, uma Grécia de universitários em férias, uma Grécia de estampas e sonetos, uma Grécia



effeminada, pretenciosa, uma Grécia que é em Portugal a dos arcades e no Brasil a dos parnasianos. Os olhos dos sábios tedescos lampejam ao lado do monoculo dos chronistas parisienses. Versos de Pindaro, recitados pelos moços entusiastas, misturam-se ás expressões rebarbativas dos geologos, mineralogistas, engenheiros, zoologos e botânicos que ousam falar em "sciencias naturaes" num tal ambiente. A rhetorica e o bom gosto dos pedagogos encontram defensores cálicos, enquanto outros louvam o modernismo de Homero, dando-o como o mais vivo e o mais actual dos poetas e querendo provar que elle, vetustissimo precursor de Marinetti, previu a locomotiva e o aeroplano. Um pœm Sophocles acima de Eschylo e vice-versa: ha discussões, ameaças de duello, o diabo, mas é bem de ver que uns e outros não leram nem Eschylo nem Sophocles.

Alguns estendem os seus louvores á Grécia moderna: "Que povo, que costumes, que civilização!" Já outros se detêm cautelosamente na velha Grécia ou reconhecem mesmo que a Grécia de hoje é apenas um paiz dos Balkans, com mais búlgaros e turcos que gregos á antiga, com habitantes sacrilegamente progressistas que destrõem as columnatas dos perficos para obter material desrtinado a fortalezas e casernas. Os athenienses, que já Platão, chamava desdenhosamente de "comedores da favas", modernizaram iudicilmente Athenas, fazendo delia uma imitação de Paris, uma simples rival de Belgrado ou Sophia. Por toda a parte bazares e cafés, cheios estes de arengadores que não valem absolutamente Demosthenes ou Isocrates. Os commerciantes são de uma rapacidade unici e os hotéis de lá têm mais pulgas que os de Veneza mosquitos. Nas ruas, cantores ambulantes cantam pelo nariz, com algo de espirro de urso constipado. As esiradas estão cheias de vagabundos em farrapos, que emprestam um caracter ainda mais trágico ás paizagens tragicas. Nos logarejos montanhosos, surgem tavernas e hospedarias suspeitas; cozinha-se ao yr livre e o cheiro dos acepipes em nada lembra o das rosas e violetas dos bosques sagrados de outr'ora. Mesmo quanto ás attracções históricas, ha muito a restringir: o Parthenon, pequeno demais, não im-

pressiona todos os viajantes; em Colona não ha mais rouxnões, no Eurotas não ha mais cysnes e a Castalia converteu-se num fio de agua escasso que um animal sequioso beberia de um trago.

"E' curioso como assim se prolongue entre admiradores e detractores recentes, o bate-boca que a Grécia tem sempre inspirado através dos séculos. Ainda vemos aqui Boileau e Perrault a agarrarem-se pelas veneravas perucas e ainda lhes ouvimos os berros: "Os gregos foram muito superiores a nós, são os mo deios eternos e depois delles nada se fez que prestasse!" "Não, senhor! Nós temos mais talento que elles! Elles só tiveram a vantagem de ter nascido antes de nós, aboletando-se no Templo da Fama e não permitindo que os removamos de lá. A Grécia é uma burla de pedantes, o ganha-pão dos professores." Depois de Cicero haver proclamado que andar por uma rua de Athenas é como "pisar em histeria"; depois de Fénelon termos mostrado uma Grécia didactica e moral, e pouco antes do joven Anacharsis contar-nos as suas aventuras maçadoras de Calino em viagem, Fontenelle falou dos gregos com certo descaso e viu em Eschylo um velho maluco, Chateaubriand encontrou na Grécia um pretexto para a sua maravilhosa pintura literaria, para descarregar a sua palheta nos Propyleus ou no Ceranuco, e Chénier, filho de uma levantina, confundiu Alexandria e Athenas. Byron, celebre pela sua proeza nataloria atravessando o Hellesponto, morreu em Missolnghi de um mal prosaico, sem haver combatido contra os turcos. Béronger, entre dois goles de cidra, declarou sentir na lingua o sabor do mel do Hymetto Fundaram-se na França de 1830, sociedades para honrar a Grécia com a mesma profusão com que aqui se fundam sociedades beneficentes ou recreativas; fiz-ram-se lá festas em favor dos revolucionários gregos como aqui em favor dos Alliados, e houve até quem tivesse a idéa de criar a ordem dos CP valleiros de Homero, que não enegou, evidentemente, a offuscar a dos Cavalleiros de Malta. Uns trinta annos depois, Leconte proclamava que tudo o que não fosse grego, sem excluir Virgilio ou Goethe, era barbaro. Já Ruskin, vistando a Italia, todo absorvida nos pintores pri-

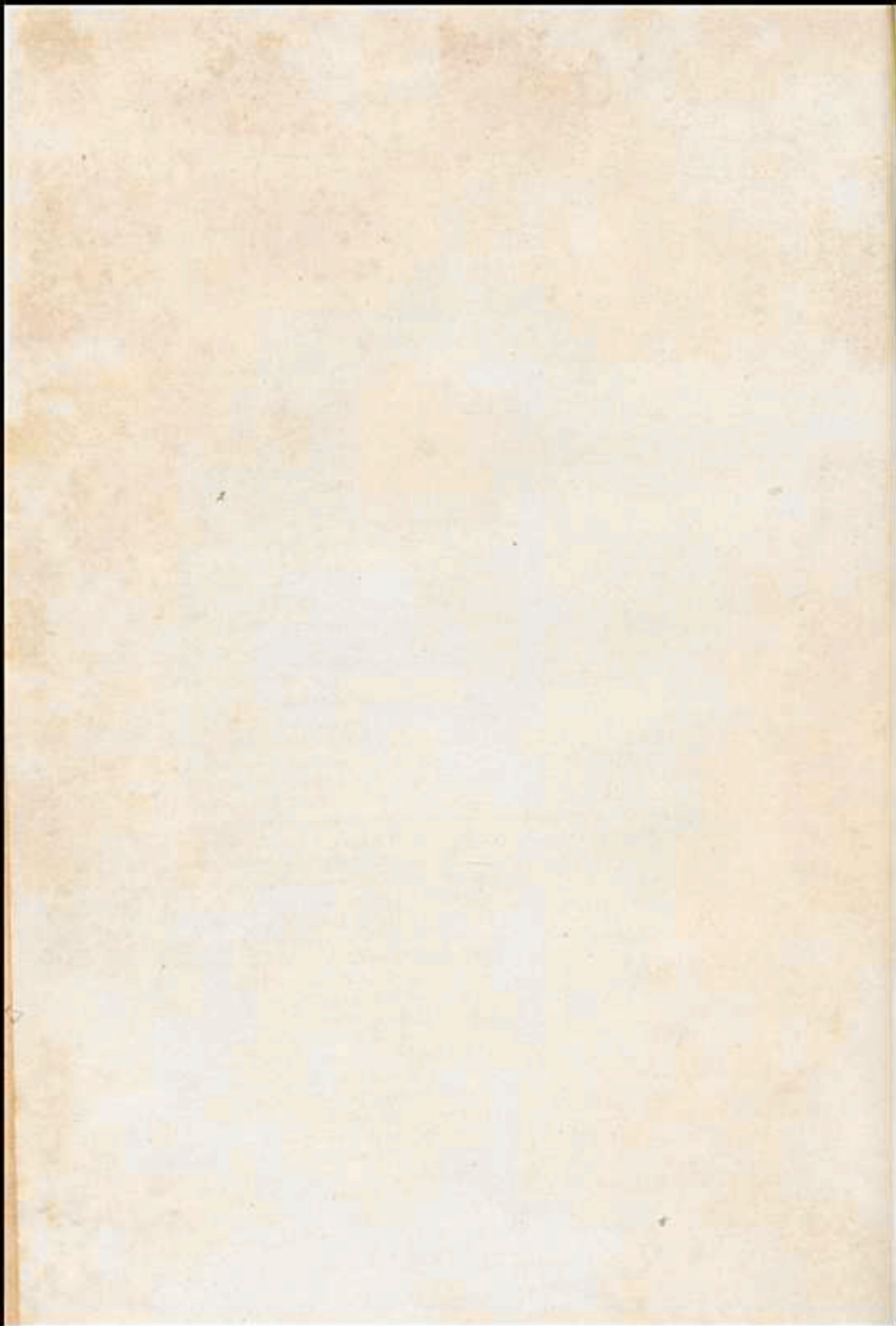


GALERIA DOS EDITADOS



MARTIM FRANCISCO

autor de *Rindo e*
Contribuindo.



mitivos e na architectura das catliedraes, não deu nenhuma importancia ás esculturas gregas do Vaticano. Também Renan, segundo um seu companheiro de peregrinação em Athenas, não vibrou muito deante do santuario de Pallas e, inspecionando a Acropole, só teve palavras banaes: a "Oração", com os seus êxtases, foi elaborada depois, calmamente, no hotel. Antihellenistas, os dois Goncourt chamaram Winckelmann de imbecil por dizer que os deuses pagãos, nutrido-se de nec. vr e ambrosia, não digeriam como os poetas mortaes. Nietzsche é pela Grécia de Hesiodo, mas acha Sócrates e Platão gregos da decadência, sendo conhecida a sua pilhéria ao philosopho calvo e de nariz chato, a proposito do gallo sacrificado a Esculapio. Mais recentemente, Moréas, apesar de grego de nascimento, dizia sair no Peloponeso, saudades de Paris, confessando que nada no mundo eguala em beilza o jardim do Luxemburgo. Nem esqueçamos os sarcastas furiosos que vêem em todos os mythos gregos um ipe canalhice, dando, entre outras, as façanhas de Jasão como simples pirataria. Pindaro teria sido, em seu tempo, o mesmo grande poeta que hoje celebrasse o "football" e Anacreonte não passaria o mesmo epicurista burguez envelhecido no regabofo. Da guerra com os persas só temos a versão grega, que é suspeita, e Xerxes, que pendurava braceletes numa arvore como numa mulher formosa, é menos ridiculo do que pretendem certos historiadores. Na architectura grega — insistem os seus desaffectedos — tudo é medido a compasso. Já os que falam da sobriedade hellenica em matéria de côr, equivocam-se. Os gregos pintavam as suas estatuas, vestiam-n'as como manequins e pintavam os seus templos por dentro e por fóra. Também aqui ha quem se insurja, e com razão, contra certo philhellenismo epidermico, affectado: Lima Barreto, que sempre teve ojerisa pela Grécia, falou, com acidulidade, nos chloticos Xenophontes da Barra da Corda e nos pançudos tritões da praia do Flamengo.

Mas, de qualquer modo, sem ir a uma devoção absurda, a uma falsa idolatria, sem imitar os hellenistas exaggerados que

só fazem comprometter a Hellade, é impossivel negar as bellezas gregas. Tanto assim que, quando nos apparece um hellenista intelligente, desejo de renovar a comprehensão da Grécia rústica ou artistica, tal o sr. Guilherme de Almeida, autor d'"A frauta que eu perdi" (Anuario do Brasil — Rio, 1924,) nós o lemos com prazer.

Não é este poeta, felizmente, dos que pretendem restaurar as estatuas antigas, pôr braços na Vénus de Milo, vestir Antigona pelo ultimo figurino de Paris e pingar collyrio nos olhos de Gidipo. Não tem o máo gosto de traduzir Homero em versos alexandrinos. E' também contra a Grécia de alcova, uma Grécia sentimental e romanesca, de galanteios e poesias eróticas, uma Grécia coada através de Pompéa ou da França da Regencia, a Grécia do Olavo Bilac do "Julgamento de Phrynéa" ou da "Tentação de Xenocrates".

Sua Grécia surge-nos delicadamente ornada com as flores da corôa de Meleagro; e a terra em que os homens pareciam eternos adolescentes, a terra dos rhapsodos que fallavam sem medo em porqueros e boiadeiros, para horror e confusão dos traductores tímidos que têm de recorrer á periphrase e ao euphemismo. E' a Grécia em que as princezas lavavam roupa á beira de um regato e Achilles guisava carneiros no meio do acampamento, a Grécia em que se comia e bebia abundante e alegremente, falando claro e rindo alto. Sua Hellade é mais a das parreiras e das oliveiras que a dos mármores e dos sophismas; é a Hellade das habitações humildes, com seus animaes domésticos e suas plantas verdes, com seus odres de vinho e seus saccos de trigo, com as crianças brincando ao sol, com toda a sua ternura familiar. E' a região, dos costumes plácidos, dos esponsaes festivos, das lindas historias ou das lindas cantilenas contadas ou cantadas pelas amas do Archipelago; a região dos caçadores e dos oleiros, dos carreteiros e dos pontilhões, dos ceifeiros e dos cabreiros; a região onde uma figurinha de Tanagra bastava para enfeitar uma habitação e uma joia de pouco preço para enfeitar uma mulher. Em summa, a Grécia do sr. Guilherme de Almeida é realista, pittoresca, e



idyllica sem affectação, é a Grécia em que uma abelha, uma cigarra, um gafanhoto ou uma borboleta inspiravam os epigrammistas, é uma Grécia bem diversa da Grécia pomposa, declamatória, da Grécia de cartonagem com que os clássicos de segunda ordem, os eruditos e os pedantes pretendem desmoralizar a mais fina das raças e o mais favorecido dos paizes.

Agrada-nos immenso a maneira intima, cariciosa, com que o artista paulistano aproveita os themas escolhidos, num primitivismo ingênuo de guardador, de gado da Attica que recorta figurinhas em madeira, isto sem evitar as notas vulgares, que as teve, e muitas, a arte hellenica, mtmos preocupada com o Bello absoluto do que supõem os hellenistas de compendio. Notamos-lhe, com prazer, certo verismo campestre que está mais com a pastoral de Theocrito do que com a écloga dos latinos. Talvez o autor patricio queira transportar ao Brasil a simplicidade das canções populares da Moréa, com a menor quantidade de mythologia possível. Nos seus trabalhos de agora, encontramos muitas impressões directas da paz rural; sem academismo de metaphoras, elle parece sentir as coisas como as sentiria um poeta-menino que não tivesse visto ainda a cidade e mal conhecesse as mulheres, que ainda nada tivesse lido e tudo inventasse por si mesmo, muito ignorante por desconhecer as bibliothecas e muito sábio por viver com a natureza. Bem comprehendemos que não é assim e que essa ingenuidade apparente é antes fruto da cultura que da sensibilidade, mas, como quer que seja, a primeira impressão perdura.

Nas suas confidencias, nenhuma hypocrisia; tudo natural, exactamente como nos livros sinceros dos antigos, que se confessavam em publico, dando-se como capazes de todas as nobrezas e de todas as fraquezas, umas vezes elogiando-se com uma bella immodestia e outras, não vacilando em enumerar os proprios vícios, achando que o homem é tudo isso e não deve ter vergonha de ser tudo isso.

Até as imagens do sr. Guilherme de Almeida procuram ajustar-se á tonalidade grega, á simplicidade alada das classifi-

cações homéricas. N' "A Frauta que eu perdi", não ha por certo aquelles versos divinamente simples que alludem a Thetis "de pés de prata", a Aphrodite "coiroada de ouro" ou a Pallas "de olhos claros". Mas ha versos líquidos que es-correm musica oomo este: "Flor de luar na alma azul de um lago de alvas aguas".

Seus motivos são quasi sempre bucolicos: canniços e juncos á beira de um lago, "peixes de cobre brunido", hervas brilhantes de orvalho, "teias de aranha nas varas dos salgueiros", chocalhos de rebanhos, cantos de gallos, fontes mus-gosas, amphoras de argila, cachos de uvas, perfumes de resina.

Naturalmente, ha no sr. Guilherme de Almeida um pouco de inquietação, ha accntos de melancolia, senão de franca amargura, que surprenderiam os atticos: não foi inutilmente que nos amolentou o coração o leite do christianismo. Mesmo quando elle quer parecer ironico e até brinçalhão, sentimol-o um tanto complicado pelos artificios da alma moderna, e os pequenos faunos maliciosos que o acompanham, fazendo esgares ou piruetas, crêm ás vezes que o orvalho é agua benta e que no bojo de uma grande arvore os pastores convertidos a Christo cavaram um altar e fogem assustados. Considerado como deve ser, é bem de um homem de hoje o livro em que, sob*o rotulo de canções hellenicis, ha várias canções tristes, ha as dansas de uma Salomé que passou pela Biblia, ha um Narciso pensativo e algo metaphysico, ha cortezãs não menos venaes que as da Grécia e bem mais grosseiras, ha a decepção da posse e o tédio da carne saciada. Tudo isso vae muito além do "discreto, do moderado scepticismo grego...

Essa philosophia meio pessimista, que desconcertaria um leitor atheniense, ag-grava-se nas "inscrições" para a casa de um mercador avaro, de um sábio vaidoso, de um sacerdote que, como Calchas, prefere receber frutos comestiveis a receber flores simplesmente aromaticas, de um mendigo ingrato, de um vate que habita á sombra de uma arvore em que cantam rouxinões. R a angustia do poeta cego; e a admiração apiedada pela belleza perevcl das mulheres cujos, "cabellos lavados fazem um <rólo de trigo maduro,



sobre a nuca alva"; e o hymno á tarde; e a dor do artista moribundo ante a sua obra inacabada, ante a columna que destinava a um templo e só servirá para ornar-lhe o proprio tumulo; e o convite final ao silencio com o dedo sobre os lábios que não mais soprarão na irauta perdida? Vê-se bem que o sr. Guilherme de Almeida é mais um filho deste complicadíssimo começo de século que um contemporâneo de Moschos ou de Bion. Proceda a critica em relação a esse poeta como os chimicos em relação aos palimpsestos, e, apagando-se a palavra Grécia, apparecerá em lugar delia, o nome de outro paiz... E' sempre assim. Ninguém foge ao seu tempo. Acaso não se verificou o mesmo com as "Canções de Bilitis" e analogas imitações aos antigos?

Como quer que seja, o sr. Guilherme de Almeida lucrou, e lucrámos nós, com a sua nova orientação, porque o que elle imita da arte hellenica, não é propriamente a essencia, mas o estylo, seguindo o conselho que ella nos dá a todos no sentido da economia dos vocábulos, de pôr grandes conceitos em curtos rythmos. Não era o epigramma a fôrma preferida dos gregos e epigramma não significa pequena inscripção em verso ou prosa? E não foi isso que sentiu muito bem, talvez o primeiro entre nós, o sr. Ronald de Carvalho, poeta que, no menor numero de palavras possível, com uma precisão quasi arithmetica, soube dizer tanta coisa nova da vicia do espirito e da vida do amor, de modo a bastarem duas gotas só do seu vinho para colorir a agua insípida de muito poeta que veiu depois? Uma idéa, uma imagem e um adjectivo: eis o sufficiente para fazer obra de arte. Nada de rimas ricas, bijús baratos, dices de ethiope ou tabajara! Uma simples assonancia — prova-o o sr. Guilherme de

Almeida — vale ás vezes mais, já que que não podemos passar agora totalmente sem a rima, como os hellenos, que, tendo boa memoria, não careciam desse recurso mnemonico. Assim o autor d'"A Fruta que eu perdi" nestes versos deliciosos:

Cigarra atheniense,
Alma metallica dos bosques indecisos,
A tua cantiga acida enche
A floresta de risos
E de guisos.
Sobes alto — e cantas ao sol um canto
[louro.

Ninguém te vê, mas todos te ouvem,
Meu pequenino pensamento de ouro!
E és adoravel porque és differente do
[homem:

O teu canto brilhante tomba,
Sempre o mesmo, do gesto mudo
Do cypreste que não dá sombra,
Do loureiro que não dá fruto.

Concluindo: é o sr. Guilherme de Almeida um néo-hellenista? Sim, na execução verbal. Mas na interioridade dos themas é um moderno. De resto, fosse elle de todo um néo-hellenista e não haveria nisso nenhum deslustre. A Giecia parece destinada a durar mais do que etendem os seus inimigos. Matam-na je cincoenta em cincoenta annos e ella »anquillamente renasce duas vezes em cada ACCUO. Em vão o poeta da gastronomia v.amava, pensando nos estudos clássicos jm que o tinham torturado em pequeno: «Quem me libertará de gregos e romanos?» A Grécia sobrevive, talvez não tanto por-si mesma, mas porque cada um de nós faz delia uma criação nova, f»z delia a terra ideal em que desejaria viver e faz do grego o homem ideal que jaria ser.

Agrippino Grieco

("O Jornal", Rio)

VERDADES CLINICAS

A nossa pathologia foi tida, durante muito tempo, como exótica, quer dizer, todas as nossas doenças eram diversas, em seu aspecto, das que se costumavam verificar no continente europeu, as quaes serviam de padrão ou modelo para todo o mundo. A nossa nosologia se compunha, assim, de doenças que eram próprias ao

nosso clima, denominadas tropicaes, e de outras que, sobre serem communs a ambos os continentes, se revestiam, aqui, mercê de factores mesologicos, de physionomia differente, que as tornavam, por vezes, irreconheciveis e inamoldaveis ao estalão clássico.

Nós tínhamos, desse modo, a nossa pa-

thologia própria, especial, a que se applicava, além-atlântico, a denominação de exótica, denominação que, admitidos como verdadeiros aqueles pontos de vista, era justa e adequada.

Se, entretanto, para a medicina europeia, as nossas doenças eram exóticas, o mesmo já se não poderia dizer em relação a nós, que, jamais, assim as deveríamos taxar. Mas, o termo ficou, creou raízes, e esteve a pique de officialisar-se com a introdução, por mais de uma vez tentada, da cadeira de pathologia exótica nos nossos cursos médicos.

Ora, em tudo isso que ahí está, ha um grande erro de observação, a par do esquecimento de que as doenças, quaesquer que ellas sejam, e onde quer que appareçam/ apresentam certas tonalidades ou matizes, accentuações ou esmaecimentos das suas cores symptomaticas. Não ha, não pôde haver, fôrmas immutaveis ou rígidas dentro das quaes se possam encaixar os vários typos morbidos, que são passíveis de transmutações consoante as condições de meio, segundo as circumstancias dependentes do germe e de acôrdo com as qualidades, boas ou más, do terreno em que este ultimo se implanta.

Estes factores, que agem no sentido de modificar a exteriorisação dos processos morbidos, physica e funcionalmente falando, o que se costuma chamar de physionomia clinica das doenças, tanto existem aqui como em outro qualquer ponto da terra. Não ha doenças, ha doentes, é um conhecidíssimo provérbio, que dimana, claramente, dessas noções.

Ao lado do especime clássico, no qual se deparam ao clinico todos os symptomas apontados pelo pathologista, formigam os typos que aberram da craveira comum, já porque de traços apenas delineados e fugidios, já porque se lhes alteraram a tal ponto as linhas mestras symptomaticas, que, á sua physionomia, se affigura ao clinico afivelada outra mascara que não a própria.

E' claro que taes factores são geraes, ubiquos, e não particularisaveis a determinado meio, que, por si só, não tem capacidade para imprimir ás moléstias alterações de character especifico, como não lhes pôde crear, a taes moléstias, fôrmas ou typos clínicos á parte.

Em qualquer clima ou latitude, uma determinada doença está sujeita ás mesmas contingências, a que não ha fugir.

A pneumonia, aqui, é a mesmissima pneumonia da Europa: é o mesmo germe, com as suas varias raças, que a determina, são as mesmas as lesões, que soffre o organismo, o qual, por seu lado, se defende do mesmo modo, com as mesmas reacções.

Se lá, na pátria da pneumonia, vérificam-se abundantes fôrmas clinicas, modos de ser da doença, resultado da interferencia de certos factores, que a modificam, por cá também as encontramos, subsistindo, como subsistem, as mesmas causas communs.

Por isso, nada nos autorisa a proclamar a existencia de uma pneumonia nossa, dotada de caracteres peculiares a influencias mesologicas locais e que possa ser individuada e descripta como uma authentica pneumonia exótica ou tropical, diversa da pneumonia verdadeira ou europeia.

Não. Longe vão os tempos em que taes idéas valiam por moeda batida, tempos em que, da bocca dos doutos, brotava, como sentença de ouro, a affirmação de que a pneumonia, tal como a observavam os clínicos alienigenas, era desconhecida entre nós.

Hoje, ninguém ha que subscreva e reedite semelhantes conceitos, fructos da má observação e de falsos prejuizos, e ique resvalam pelo dislate; a pratica clinica desmente-os a cada passo. A pneumonia é uma só doença e que, como toda a doença, se reveste de aspectos vários, os quaes se encontram aqui ou fóra daqui: nós somos, em matéria de pneumonia, tão ricos e fertes como os paizes que mais o sejam.

De facto, desde as fôrmas mais puras e classicas, em que se está como que a lêr, no doente, as admiraveis paginas da pathologia, até as fôrmas deturpadas, disfarçadas e espúrias, desfilfm, constantemente, sob os olhos do clinico. Neste doente, nada falta á natural dramatisação do processo pneumonico: a cruciante pontada, e o calefrio impetuoso, e a irrefreável ascenção thermica, prenunciam de um só golpe, a invasão do mal, cujo desenrolar se estende, mais ou menos accidentalmente, pelos dias certos e con-

tados. Os phenomenos apparecem cada um a seu tempo, precisos, opportunos, mathematicos, bem concatenados, como os que a mão do homem regista e dispõe em uma pellicula. Depois, instantaneamente, como vieram, assim se vão.

Naquelle outro, o assalto já não é inopinado: os symptomas de inicio sobrevêm pouco intensos, apagados, e a doença se installa lenta e demoradamente, e se arrasta, vagarosa e irregular, por mais de uma quinzena, e os phenomenos denunciadores delia surgem e desaparecem, vão e vêm, em marchas e contra marchas, em attitudes negaceadorãs. Aqui são os signaes physicos de uma rigorosa simultaneidade com as phases anatómicas e com os symptomas funcçionaes. Alli, é a disparidade completa entre uns e outros.

No terreno das complicações, não existe uma única, exarada pelos autores estrangeiros, que se não possa verificar entre nós, desde os grandes pleurizis suppurados até a meningite pneumococcica, sempre grave e fatal.

De resto, que ha de extraordinário em tudo isso, quando se sabe que o agente pathogenico é precisamente o mesmo? Nada: estas verdades ahi ficam, na sua singeleza, quasi pleonasticas, para que se derribe, de uma vez por todas, a muralha chineza que serve de valhacouto aos últimos defensores dessa avelhentada e insustentável pathologia exótica.

Ovidio Pires de Campós

("Revista de Medicina", S. Paulo)

SENHORES DE ENGENHO

Um velho c'gano, que conheci centenário, falava-me sempre das luctas de um presidente Chichorro, homem forte e teimoso, ahi pela quarta ou quinta década do século passado, com senhores de engenho da Escada e do Cabo, para exaltar o valor dos últimos que nunca foram desautorados pelo presidente e sahiram sempre das refregas incólumes e prestigiados.

Tempos idos! Um senhor de engenho era um homem! De um lado da casa de vivenda, n'uma longa ala de edificio, como n'uma immensa colmeia, cincoenta, sessenta, ás vezes mais, portas rústicas determinavam tantas habitações de homens negros que eram como as muitas sombras do homem branco da "casa grande". Fortes, resistentes, sobrios, sadios, resignados aquelles cincoenta ou sessenta homens moviam-se a um aceno do "senhor". O "senhor" pensava e resolvia: as sessenta sombras agiam accionadas por aquella vontade dominadora e única. Tanto manejavam uma enxada ou uma foice nos eitos como um arcabuz nos recontros. Talvez cincoenta por cento dos combatentes do Paraguay fossem retirados das senzalas dos engenhos e das fazendas.

E a maior força do senhor de engenho d'aquelles tempos remotos residia na

certeza de que de cada lado de sua propriedade, com igual valor e prestigio, outro senhor de engenho, seu visinho e amigo, estaria ao seu lado contra os Chichorros para resistir com dignidade e impavidez á prepotencia dos governos. E como as propriedades se confinavam e succediam com as suas "casas grandes" e senzalas, esse poder considerável era uma cousa efficiente e temivel. As familias entrelaçavam-se pelo casamento e mais firmavam assim a solidariedade que a communhão dos interesses construira. Onde havia um engenho havia na "casa grande" um senhor de engenho.

Tanto valor, e respeito proprio, a hospitalidade generosa, a largueza, o cumprimento escrupuloso da palavra empenhada davam a cada um d'aquelles homens uma tamanha força moral que nem juntos todos os ricos usineiros de hoje apezar de muito respeitáveis, possuirão talvez.

Tempos idos e maravilhosos! A matti virgem, toda cheia de mysteriös e perfumes, chegava á borda dos valados que confinavam as pastagens e em outubro podia offerecer sempre áquelle lindo concerto das flores cör de lyrio das sucupiras e dos pau d'arco.

O tremenhem e as flores da japanduba rescendiam á beira dos caminhos.



No descanso de meio dia ou depois dos "kiguungus" o negro ia rapidamente á mata ou aos remansos dos rios, entre os juncaes do alagadiço, colher a paci ou a capivara que o mundeu e a arataca nunca deixavam de capturar nas trilhas.

As chans e meias bandas dos montes todos eram cobertas de mato denso. Chovia seis mezes no anno.

E como o proprietário morava nas suas terras, amava-as, zelando-as e protegendo-as.

Depois a fartura e a abundancia da terra virgem foi desaparecendo com a cultura e a colheita n'um solo em que, ao contrario do que se proclama, a natureza não foi pródiga em espalhar attributos de perenne fertilidade na sua composição.

Mas o amor á terra subsistio emquanto o agricultor occupou a casa de venda das suas propriedades. A mata era geralmente protegida.

A9 raras uzinas e fabricas da capital queimavam carvão de pedra nas fornalhas e não se viam como agora locomotivas arrastarem em successivos comboios uma floresta inteira. Então era tão difficil ainda ver montes escalvados e nuc como é hoje vel-os cobertos da primitiva vegetação.

Todo este encanto e belleza virg naes foi se attenuando com a intensidade da vida da lavoura. Mas emquanto o agricultor viveu na sua casa, amou a terra, defendeu melhor seu trabalho, mais verdadeiro e mais legitimo, porque lhe custava realmente o suor do rosto, teve... mais brio e desassombro.

Com a vulgarisação das uzinas alguns desprenderam-se das tradições dos seus maiores, venderam com desamor a casa paterna e o solo que alimentou e criou gerações successivas na sua própria família; e muitos, a maior parte, passaram a residir na capital, explorando o solo por via de administradores, tirando delle todas as vantagens de occasião, empobrecendo-o, exgotando-o, devastando-o definitivamente com o mais deslavado egoismo. E força é confessar: explorando também parasitamente o trabalho alheio em proveito proprio.

Morreu a vida dos campos. O prestigio e a força moral do senhor do en-

genho desapareceram com o êxodo para a capital. Nos engenhos, como pedras tumulares d'aquelle brio e valor antigo, ficaram apenas os escombros das velhas senzalas e dos "bangües" archaicos. A propriedade rural, prosaicamente, industrialisou-se. E se ganhou com isto em força economica mais perdeu do prestigio moral que valia.

Metade das terras não é mais de agricultores: pertence aos ricos negociantes da capital. E da que está ainda em poder de descendentes dos antigos senhores de engenho, raro é o trecho que a assistência permanente do dono zela e resguarda.

No Congresso Agrícola do anno passado, d. Pedro Rooser, abbade do mosteiro de S. Bento, propoz um voto de applausos aos agricultores que edificavam casas modernas nas suas terras para n'ellas residirem. Ha muita profundeza de vistas n'essa proposta. E' quasi um acto de piedade christã residir na propriedade, velar pela saúde e pela vida dos pobres trabalhadores dos eitos que a oommum indifferença e estupidez dos administradores sem misericórdia, despede dos sitios e quartéis, quando os infelizes, por doentes, comidos de maleitas e anquilostomos, abandonam os eitos.

Depois é muito conhecido o apologo das cotovias do padre Bernardes...

Dom Pedro Rooser é uma grande alma. Eu não o conheço pessoalmente, porém se já não bastassem as benemerencias que espalha, essa proposta valerá, só elia, como um raro titulo de nobreza de coração e acuidade de espirito.

Eu sei também que estou dizendo cousa sabida que qualquer outro dirá me lhor do que eu se se recordar um pouco do passado e contemplar o presente. O que não é possível é extranhar-se a patente "ignominiosa frouxidão" de hoje quando o senhor de engenho passou por culpa sua a não valer maio nada se se desprende da terra e a abandonou ingratamente.

Todo mundo que reflecta vê nisto uma clara verdade. Apenas eu, mais que muitos, posso falar porque cada dia mais amo a pequena propriedade que possuo e herdei e mais encantos encontro na velha casa, quasi "ante-diluvi'jia", em que nasci, fui baptisado e me casei, onde



meus paes morreram e onde nasceriam meus filhos, se Deus m'os tivesse dado.

Penso mesmo que quando todos os senhores de engenho houverem de futuro abandonado as suas casas, eu ficarei sozinho na minha "casa grande", como o derradeiro abencerragem de uma antiga tribu que rapidamente se disseminou e urbanisou.

Falo, pois, com autoridade. Posso falar porque amo a minha profissão e as minhas curtas terras, a minha casa, co-nheço todas as arvores das minhas matas, todas as curvas e remansos do meu rio.

Se eu disser que me commovo profundamente quando o nordeste me dirriba um galho de cajueiro, o menos que dirão de mim. é que sou deslavado caviloso.

Todo o desprestigio da minha classe reside no abandono da terra pelos agricultores. O contacto com a terra enfi-bra e encoraja a resistencia. Dentro d'ella se a ama melhor e mais decididamente se defenderão os fructos do trabalho se elle nos custa realmente o suor do n-osso rosto.

Sei bem que estou escrevendo futilidades.

Nem eu sei escrever outra cousa.

Não tenho a estulta pretensão de com esse exemplo de apêgo a terra, de que me acuo, fazer voltar um só dos meus companheiros de classe ás casas de vivenda das suas propriedades e ao amanho directo das suas lavouras. Como le-

pidopteros, criados á fraca luz natural dos astros nocturnos nos campos, os globos electricos da cidade os attrahem e seduzem e n'elles muitas vezes queimam as azas e se arruinam e perdem pela própria imprevidência e culpa. Seduzera-nos esse terrivel borborinho da cidade, com os bonds electricos, os automoveis, o silvo das fabricas e locomotivas, os zenophoies insupportáveis, os horrendos pre-gões dos "camelots".

Sei bem que não voltam mais ao campo.

Mas é por isto que não valemos mais nada.

Por sobre o nosso brio morto, a prepotência do governo, escarninha, tripudia. "De látego em punho ante a nossa ignominiosa frouxidão o governo federal está vigilante". Não nos permite nem um fraco protesto. Somos apenas uma sombra miserável dos nossos antepassados, diante dos quaes, os Chichorros, acobaidados, recuavam.

Dom Abbade, meu santo, nem o seu piedoso voto nem a minha mal alinhavada prosa vale nada diante de um já tão inveterado proposito.

Como as esperanças do soneto de Ray-mundo, não voltará um só ao campo: continuará tudo na vadiação e no cinema.

Julio Bellç

("Diário de Pernambuco", Recife)

73

Neste mesmo jornal, domingo ultimo, abeirou o sr. Julio Bello problema interessantissimo: o do absentismo.

Entenda-se por absentismo a ausência dos senhores de engenho de suas terras. Ausência que importa na renuncia aos direitos e aos deveres de mandar.

E' que os senhores de engenho pernambucano já não sabem ser donos do que possuem. "Ter terra e não dominar nelia, deve ser a primeira condição e até, em boa lógica, a primeira razão de a perder", observa agudo sociologo portu-guês.

Isso de ter terra e ser dono delia; isso de ter propriedade e conhecel-a; isso de

saber mandar — foi bom para os nosso» avós.

E' que nesses avós havia o apego á terra e o sentimento de familia. Nada menos parecido a wagons de cigano que as casas boas e solidas dos nossos avós. Mesmo as que hoje esverdinham no abandona conservam o velho ar senhoril com que outr'ora dominavam o verde sem fim dos cannaviaes.

E havia o sentimento de familia. Havia a alliança de parentelas em que acabou entrelaçado todo o Pernambuco de sangue limpo: os Albuquerque, os Cavalcanti, os Wanderley, os Mello, os Paes Barretto, os Lins. Alliança de parentelas que



foi o nervo da reacção contra o holandês. Alliança de parentelas que antes de se affirmar em 1845 contra o governador Chichorro ou, antes contra a "Praia", já se affirmára contra Jeronymo de Mendonça Furtado, governador colonial. Foram os senhores de engenho que de Pernambuco expulsaram o fidalgote, prendendo-o uma tarde do anno de 1666, em Olinda, quando passava pela rua de São Bento "acompanhado dos seus ajudantes de ordens e de alguns creados". Jeronymo de Mendonça Furtado quizera governar Pernambuco contra os mais puros interesses pernambucanos que eram naturalmente os dos grandes proprietários: estes porém não se deixaram atemorizar pelos bigodes em tufos do commissario português, (Mendonça Furtado, segundo Alfredo de Carvalho, ganhou em Pernambuco a alcunha de "Uxembergás" por causa dos se's insolentes bigodes á la Shomberg).

Isto em 1666. A lucta contra o governador Chichorro a que se refere o sr. Julio Bello foi outra affirmação, desti vez não de todo victoriosa, da consciência que possuia nossa fidalguia rústica dos seus direitos e dos seus deveres de donos da terra.

E tão vivo era nos nossos senhores de engenho e ricos-homens o sentimento de familia, que em 1845 escrevia em nome delles João Mauricio Cavalcanti <La Rocha Wanderley, em carta ao "Diário Novo", publicada no "Diário de Pernambuco", que a influencia dos grandes proprietários cujas familias reuniam vantagens de fortuna, talento e boa origem era das mais legitimas, pois vivendo elles, os grandes proprietários, pregados ás terras "como a ostra aos rochedos", eram naturalmente os mais interessados no bem do paiz.

E o que veio reduzir Pernambuco S triste caricatura do seu passado que hoje incontestavelmente é, foi exactamente o haver-se desgarrado o melhor da fidal-

guia rústica, da terra a que vivera pregada "como as ostras aos rochedos".

O absentismo trouxe para a nossa familia rural todos os inconvenientes do particularismo privando-a das vantagens do typo de familia patriarchal. Em alguns a renuncia á gleba foi absoluta: venderam-na. Donde a inversão de valores sociaes que se tem operado em Pernambuco, havendo hoje netos de senhores de engenho reduzidos a pifios funcionarios públicos e engenhos que "profiteurs" venturosos administram de longe, por traz de firmas commerciaes.

A uzina trouxe para a nossa paisagem rural os charutos horribeis de suas chaminés que parecem charutos de novos ricos: e viajando pelo interior, já não nos encanta o olhar a doce brancura de cal das antigas "casas grandes" nem o ar das terras é aquelle, tão ingênuo e tão bom, das pinturas de Post.

Ao culto da gleba, de que o sr. Julio Bello é um dos raros a conservar a commoção, succedeu entre nós o da cidade. O absentismo vem disto: da attracção da grande cidade.

E as grande cidades são hoje o grande mal do Brasil. Um meu amigo diz do Rio de Janeiro que acabará esterilizando toda a nossa reserva de energias.

Aliás, já Sylvio Romero observára quanto a gente das capitaes entre nós se delicia em hostilizar a do interior: os "magnatas", os "senhores feudaes", os "caipiras". "Magnatas" e "caipiras" que foram, entretanto, no expressivo dizer do sr. Agrippino Grieco, os "architectos do Brasil".

Do tempo de Sylvio para cá o mal se tem aguçado. Cresce o desapego á gleba e o sentimento de familia apenas sobrevive nas suas desvantagens: no nepotismo.

Nestas condições, onde pousar um olhar de esperanza?

Gilberto Freyre

(*"Diário de Pernambuco"*, Recife)

*

LEMBRANÇAS DE BILAC

Deixando a Livraria Alves, onde adquirira a recente edição refundida dos *Discursos e Conferencias* de Olavo Bilac, entrei na leiteria Palmyra para ouvir a harpa do Paschoal, melhor direi para avivar reminiscências do grande poeta do *Tarde*, a quem eu vira pela primeira vez ha vinte e quatro annos num cassino em Poços de Caldas, em cujo salão principal o pobre artista, contratado não sei por quem, tangia todas as noites o seu querido instrumento.

— Não é precisamente uma harpa eólia a do Paschoal, mas gosto de escutar C3sas velharias que elle tange com tanta emoção! disse-me, mais ou menos, no correr de ligeira palestra, após os cumprimentos usuas.

Retornados ao Rio, nunca mais Bilac deixou de receber-me com sympathia. Devo ao seu estímulo a publicação do poemeto *Mãe*, uma série de peccados que elle prefaciou com palavras de generoso affecto. Encontrando-me certa vez na rua do Ouvidor, para vencer melhor o meu acanhamento de provinciano, me tomou familiarmente pelo braço e, lembrando-se de nossa convivência em Poços, convidou-me a ouvir as valsas serôdias do Paschoal. Com fundo espanto nosso, e' te executava modorrento o famoso cante* de Boabil e, no meio de algumas dezenas de senhoras e cavalheiros apressados, recitava baixinho, só para si, essa coisa horrível;

*Sobre as aguas serenas do Tejo
Voga o ledo, sereno batel;
Corre tépida a brisa fagueira,
Traz aroma de fresco vergel. . .*

— Versos aqui, ó Paschoal? alguém perguntou-lhe zombando.

— Que quer o Sr. Dr.? Saudades da Italia...

Bilac ouviu a resposta e disse bem humorado:

— E' curioso. O Paschoal, com estas narinas de general allemão traduz maravilhosamente em portuguez saudades da Italia!

Passaram-se longos annos. A existencia trouxera ao poeta os frutos acre-doces de um outomno pensativo. O espectáculo do mundo enchera-lhe de suave tristeza a

alma, cingida não obstante, da juventude ao ocaso, pela claridade de uma inspiração só comparavel ao esplendor de arcoriris cortando o firmamento brasileiro de horizonte a horizonte. Para o fim, interessavam-lhe mais do que se pensava os problemas moraes da nacionalidade. Lembra-me ter visto em 1910, em Lisboa, mostrada por um seu intimo, Henrique de Hollanda, do nosso consulado, uma carta pungente sobre a situação do Brasil, que elle, de volta de uma das vinte e cinco viagens feitas ao Velho Mundo, encontrara convulsionado. Era no fundo o mesmo grito sentido de 9 de Outubro de 1915 na oração aos acadêmicos de S. Paulo: "Não ha em nossas almas a scentelha creadora, que é a consciência da força e da bondade; de alma para alma não ha uma corrente de solidariedade, de crença commum e de enthusiasmo que congregue todo o povo numa mesma inspiração." Desse estado psychico nasceu a idéa da campanha em que se atirou com todas as forças da saúde já vacillante, resolução salvadora, cujo alento benefico, além da coragem infundida em outras almas, teve a virtude de proiongárlhe a vida.

No anno seguinte, tornado propagandista efficaz do escot'smo, dirigia-me a seguinte missiva: "Rio de Janeiro, 21 de julho de 1916. 35, rua Barão de Itamby, Botafogo.

Presado amigo.

Venho lembrar e pedir á sua bella alma de brasileiro um grande serviço: a criação, no Rio Grande do Norte, de batalhões de escoteiros. Em S. Paulo já temos 8.000 escoteiros; no Rio Grande do Sul, dois mil; na Bahia, em Minas, no Paraná, em Santa Catharina, a organização está encetada. Agite, levante, sustente no Rio Grande do Norte a idéa; fale ao illustre Dr. Ponciano Barbosa, a todos os seus amigos; inflamme e enthusiasme r. imprensa, os poetas, todos os homens de fé; promova conferencias e artigos de jornaes; e seja o fundador e o director da instituição! Peço-lhe, entretanto, que na propaganda cale a minha suggestão e o meu nome, porque é preciso que a idéa parta, ao mesmo tempo, de varias almas e de varias energias. E' indispensável que no Rio, em 7 de setembro de 1922,



centenário da Independência, haja uma parada de 100.000 escoteiros brasileiros, de todos os Estados.

Abraços fraternaes do seu velho admirador e amigo — *Olavo Bilac*.

Ponciano Barbosa, poeta magnífico, falecido depois em plena mocidade, fôra portador de uma original indicação por mim redigida e por elle apresentada ao Congresso do Estado applaudindo o poeta pela campanha encetada. Presidente do Congresso naquelle anno, eu me prevalecera do cargo para me constituir propagandista dessa solidariedade almejada pelo autor da *Via Lactea*, o chefe pacifico da legião de idealistas que se encarregaram no momento de auxiliar a Liga da Defesa Nacional em diversas circumscripções <ia Republica.

Desde 1911, o meu maior empenho fôra a reforma radical da educação feminina, por pensar como Joaquim Nabuco que é preciso transformar por completo a nacionalidade, começando peia reforma do individuo, tarefa que a meu ver, sómentt se poderá conseguir, dando ás mães brasileiras a comprehensãe que lhes falta de seu papel social na formação do Brasil novo.

Acudí, porém, ao appello do Poeta Nacional. Dentro em pouco estava fundada a Associação de Escoteiros do Rio Grandi do Norte, de onde partiu agora o exemplo de tantos "raids" tentados com êxito depois do successo dos doze pescadores e" dos cinco escoteiros rio-grandenses, os pescadores vindos por mar em botes frágeis até essa capital e os escoteiros checados a São Paulo após memorável travessia realizada a pé durante dois mezes..

Oh, a alegria de Bilac quando, em companhia do commandante Monteiro Chaves — que me fôra auxiliar inexcedível e sem cujo preparo techqico a associação não lograria êxito apreciavel, — apresentei-lhe fardado, na séde da Liga, um dos nossos *boy-scots*, filho desse honrado official da marinha brasileira!

Mas eu não pude gosar a mesma satisfação. Ha muito tempo não o via. Por isso mesmo, senti o subconsciente alarmado ao contemplar-lhe a mascara dolorida, através da qual a alma do grande poeta espiava a morte como um condenado alonga o olhar, das grades de som-

brío cárcere, para verificar se vem proximo o algóz.

Descemos juntos as escadas da Liga. Fomos ao café de S. Paulo onde sorveu com delicia o conteúdo de uma taça; e como estivesemos numa dessas tardes maravilhosas do Rio quando faz bom tempo, elle convidou-me para irmos a pé ao Passeio Publico e olharmos um pouco o mar, do cáes, agora infelizmente distante desse logradouro. Bilac continuava alegre. Falava-me com immensa esperança dos destinos do Brasil. Admirou-se ao 'verificar que eu ignorava o numero exacto dos sorteados de minha terra. — Que patriota! gracejou reprehensivo, mostrando-me num pequeno mappa os algarismos de que eu não me recordava. No Passeio, conversamos muito sobre mestre Valentim, Ferreira de Araujo, Gonçalves Dias e Castro Alves, desviando o poeta a palestra quando principiei commentar com acrimonia o busto do cantor dos *Escravos*.

Num dos bancos do jardim, ao pé da fonte dos Jacarés que o nosso desamor ás tradições de lá arrancou e não sei onde andam, deparou-se-nos um casal de adolescentes, estudantes sem duvida, estudantes -e namorados, porque havia junto cadernos e livros fechados, emquanto, de olhos e lábios abertos, sorriam em extase uiy para o outro.

Atravessamos o largo portão antigo que dava para o Syllogeu. Ficámos durante largos minutos parados deante do mar. Avisinhava-se o crepusculo.

Na larga bahia, as vagas luctavam penosamente umas contra as outras e desse embate resultavam grossos flocos de espuma, lembrando lenços enormes que mãos invisíveis agitassem de longe em desespero. Do outro lado, as serras serenas, a escala chromatica de um azul cujas nuances variavam de instante a instante. Detraz das serras e mais alto que ellas, montanhas sinistras de nuvens afogueadas, labaredas de um Etna irreal referendo em cachões. E sobretudo, a melancolia infinita do ocaso, a tristeza do dia se afogando nas aguas.

De repente, senti a mão crispada do excelso companheiro agarrar-me convulsivamente o braço e ainda ouço-lhe a voz morrendo num estertor:



— E eu vou deixar isso tudo, meu poeta!

A melancolia da tarde revelara-lhe o fim proximo, ou talvez essa revelação lhe fosse feita por mim mesmo, nessa afinidade mysteriosa dos seres humanos nas crises supremas do coração cheio de augúrios. Foi um desfallecimento rápido. Bilac era muito polido e muito senhor de si para perder deante de estranhos um minuto que fosse a linha aristocratica de seu temperamento inconfundível.

E antes que eu sentisse em desafogo a garganta, de onde não conseguira arrancar uma palavra consoladora, justamente porque adivinhara num lampejo emotivo o dilaceramento desse coração forte ao despregar-se da paisagem em que a natureza emoldurara o seu espirito de creador vencido, elle voltou ao assumpto de ha pouco e recomeçou a falar-me sereno do futuro da Nação.

Dentro em pouco, ao despedir-se de mim num abraço commedido, ainda teve forças para dizer sorridente:

— De pé, amigo! Lembremo-nos todos de que foi um poeta, o Patriarcha, que fez a Independência do Brasil!

Não tive animo de responder-lhe. Era a ultima vez que o via... Em derredor, moças passavam conversando alto. Talvez no jardim os dois adolescentes, aproveitando o descuido dos raros transeuntes, se beijassem com sofreguidão. E, no desencanto daquelle momento, quando eu presentia o fim proximo do maior poeta do Brasil moderno, não sei que génio máo me fez ver o Paschoal murmurando com ironia ao som do seu instrumento:

"Sobre as aguas serenas do Tejo..."

H. Castriciano.

("A Noticia", Rio)

NOTAS DUM JORNALISTA

A Amazónia é um lugar lendário; a simples evocação desse nome traz á mente a sensação do inconcebível. Os naturalistas, ao atravessal-a, revivem os dias perdidos da formação do planeta. Euclydes da Cunha comparou-a á ultima pagina, em elaboração da genese. Os naturalistas que a têm percorrido voltam de lá maravilhados: Humboldt, Wallace, Martius, Agassiz e * aquelle Frederico Hartt, que ao relatar tudo quando vira advertia o leitor com esta phrase: *não sou no entanto, poeta...* Buckle, escrevendo de oitiva acerca do Brasil, photographou as paragens amazônicas. "Tão fecundo é o crescimento e tão vigoroso, neste paiz, que a natureza parece entregar-se a uma orgia desregrada de pujança." A Amazónia é realmente o que pareceu a Euclydes da Cunha: uma porção do planeta ainda entregue ao trabalho gigantesco dos cyclopes.

Em um ponto, porém, não tem razão Buckle ao deduzir a sua lógica sobre o Brasil, visto através da Amazónia. Foi quando accrescitxm que no meio <e> quella 'pompa, daquelle esplendor, não havia lugar para o homem. Ao contrario

disso, lá também têm vivido desses primatas, com symptomas bem característicos das mais apuradas civilizações. Ainda agora, um jornalista de Manãos, sr. Raymundo Moraes, acaba de provar que o clima amazonico nada possui de incompatível com a intelligencia humana, que possui o mais nobre predicado dentre todos os *Homo sapiens* de Linneu. Portanto, naquelas paragens também existe lugar para o homem... Apen& esse homem é como a terra, no conceito sempre de Buckle, fecundo e vigoroso, e denota, através das suas creações, aquella mesma pujança, senão a orgia desregrada que o escriptor inglez incluiu entre as características da natureza brasileira.

tendo o livro do sr. Raymundo Moraes, tive a impressão de que estava penetrando nas selvas amazônicas. As *Notas dum jornalista* contém um manancial respeitável de conhecimentos, e felizes seríamos se os jornalistas do Rio fossem tão illustrados quanto o seu collega de Manãos. Se algum defeito elle possui, é certamente essa sobrecarga de factos, esse accumulo de evocações literárias, que apparecem em todos os seus capitulos. Mas é um defeito, que denota

amor ao trabalho, gosto pela leitura, e capacidade de assimilação. Esses dons, expostos com um pouco mais de harmonia, sem as exhibições multifarias que lembram a riqueza dos *nouveaux riches*, fariam do sr. Raymundo Moraes um bellissimo escriptor. Isso, porém, não annulla a boa impressão que me deram as suas letras, e que eu não poderia exprimir melhor do que fazendo votos, como fiz, para que os jornalistas cariocas tivessem pelos torneios da intelligencia o mesmo entusiasmo do seu emulo amazonico.

O jornalista é naturalmente obrigado a procurar uma visão panoramica do mundo. A necessidade de interessar, de attrair, de commover, de divertir o publico, obriga-o a perambulações agitadas e instáveis pcy todos os dominios da arte, da sciencia, da philosophia, da economia, da politica. Raros, porém, são aquelles capazes de acompanhar essa carreira vertiginosa, que hoje já não tem por limites a superficie da terra, porque transpõe as distancias interplanetarias e vae até Marte. O sr. Raymundo Moraes dá-me a impressão de possuir as qualidades necessarias a esse genero de desporto; é como os aviadores, que só o são quando a visão, a audição, o equilibrio nervoso o permittem. O sr. Raymundo Moraes, do ponto de vista da cultura, possui os predicados de que carece quem pretende atravessar a vida tempestuosa e polychromica do jornal. No seu livro ha de tudo. Ora é o pretexto pora mostrar sua familiaridade com a geographia physica, particularmente a potamologia, a respeito da significação geologica do Amazonas, considerado, outrora, uma especie de mar interior, de Mediterrâneo que se esgotou e transformou em rio após o rompimento das suas comportas, cujos vestígios se encontram ainda nas ilhas do estuário do grande curso dagua, maxime a de Marajó; ora é a batalha naval do Riachuelo, que lhe sugere, com proficiência, uma rectificação acerca da lendária figura de Barroso; ora é a tradução portugueza de um Oscar Wilde que lhe dá azo a pôr em evidencia seus conhecimentos acerca da obra daquelle incomparável artista; e assim, indefinidamente, o jornalista commenta as mais diversas manifestações da intelligencia. Grande é a multidão de

morto® sagrados e vivos illustres, 'nacionaes e estrangeiros, que se encontram nas paginas dos seus livros, e se me permite a franqueza é para lhe dizer que estimaria fossem menos frequentes. A's vezes, ellas cansam e outras ainda, as evocações e as referencias nominaes, coisa mais gravé, chocam.

O sr. Raymundo Moraes é, por exemplo, um entusiasta do sr. Oliveira Lima. A proposito da sua *Historia da Civilização*, cita Augusto Comte, Aristóteles, Theophilo Braga, Voltaire, Tito Livio, Tácito, Polybio, Dionysio de Halicarnasso, Macaulay, Michelet, Bossuet, Carlyle, Thiers, Mcmmesen, Taine, Fagust, Prescott, Irving, John Fiske, Herodoto, Cesar Cantu, o Genesis, o Velho Testamento, Seignobos, o Ramayana, Rabindrah Tagore, Campollion, Maspero; refere quasi todas as obras de Oliveira Lima, *No Japão*, *Nos Estados Unidos*, *Na Argentina*, *D. João VI no Brasil*, e termina affirmando que o sr. Oliveira Lima "já era a primeira figura literaria viva no Brasil, e é agora, também, seu maior historiador".

Ora, esse capitulo dá, ao mesmo tempo, uma idéa do trabalho mental, da elaboração literaria do jornalista amazonico, e de seu espirito critico. O sr. Oliveira Lima escreveu um livro intitulado *Historia da Civilização?* O sr. Raymundo Moraes, ao commental-o, parte de uma chave dichotomica: de um lado estuda a personalidade literaria do escriptor, não por intermédio do livro criticado, mas através da sua obra, com a qual está familiarizado, tanto que a refere abundantemente; do outro lado colloca a poeira doirada da erudição, com que pretende maravilhar a vista do leitor. E sendo assim só lhe devemos reconhecer e agradecer a parcimônia, citando vinte e cinco nomes, ao envés de vinte e cinco mil, que o assumpto, historia universal, permitiria, facilmente, desencavar. Depois, a classificação do sr. Oliveira Lima como o maior historiador do Brasil é um tanto arriscada. Possuímos um homem, que o sr. Raymundo Moraes conhece, pois lhe dedica um dos capitulos da sua obra. Esse humanista, homem de letras de verdade, entre os innumerados trabalhos com que tem enriquecido a literatura nacional, escreveu uma Historia do Brasil, do ponto

de vista amplo e elevado, estudando a arehitectura dos nossos acontecimentos politicos, economicos e sociaes; fazendo, como nunca ninguém fez, a synthese da evolução histórica do Brasil. Se alguém merece o titulo de maior historiador nacional, é elle, é o sr. João Ribeiro. Por que lhe negam? Porque publicou um volume de poucas paginas, que anda nas mãos dos estudantes, o seu grande livro. O sr. Oliveira Lima é seguramente o autor de muitas obras meritórias, de grande valor mesmo, a respeito da nossa historia. Mas recusaria, certamente, a classificação que lhe querem dar, mórmente suggerida pela sua *Historia da Civilização*. O maior historiador do Brasil, presume-se, foi aquelle que escreveu a mais notável historia do seu paiz... A civilização geral da humanidade está além desse critério limitado. Depois, essa designação numérica dos talentos nacionacs, feita ainda com restricções — a primeira figura literaria viva do Brasil — como para não incommodar os defuntos, é um tanto arriscada...

Exuberancia de citações, pujança de conceitos, tudo se explica no livro do sr. Raymundo Moraes, porque elle é o reflexo daquella orgia nativa que os contempladores da região septentrional do Brasil não se cansam de enaltecer. No Amazonas tudo é demais. O que nos outros logares se chama uma barreira, pequena encosta de morro que resvala na estrada ou desmorona á margem sinuosa de um rio, é naquellas sumptuosas paragens, a terra caída, verdadeiro cataclysmo em que somem as habitações, os campos, as vidas dos filhos daquelle ria tenebroso. *O Inferno Verde* não é uma figura de rhetorica posta na penna do sr. Alberto Rangel. Pelo contrario, tudo, nas regiões lavadas pelo grande amor de outrora, é hyperbolico. A seiva que brota do estylo do jornalista amazônico está sujeita ás leis geraes que lá presidem a genese de todos os phenomenos naturaes.

Antonio Leão Velloso

("Correio da Manhã", Rio)

EVOcando EUCLIDES DA CUNHA

Passa hoje o 13.º anniversario do desaparecimento de Euclides da Cunha.

Póde-se dizer que sua morte foi prematura, visto como surpreendeu quando seu talento entrava em plena maturidade e promettia desatar-se gloriosamente, esplender, sublimar-se em obras dignas, por seu valor scientifico e belleza literária, de se emparelharem com *Os sertões*, o primeiro, tanto no sentido chronologico quanto no sentido estimativo, de todos os seus livros, o mais integro, o mais acabado, o mais perfeito.

Talento, acabamos de escrever. Repugna-nos, entretanto, usar palavra como essa, degradada por uma applicação de todas as horas, convertida em vehiculo trivial de todaá as amabilidades em que os *benisseurs* estribam sua popularidade no dominio das letras, tratando-se daquelle a quem parece caber o mais alto lugar entre os prosadores brasileiros.

E Ruy Barbosa? — perguntar-se-ha.

Mui intencionalmente dizemos que a Euclides da Cunha pertenceu, pertence o

principado da prosa no Brasil. A primazia de Ruy é outra, é maior. Elle foi, na conformidade da proclamação feita por um critico insuspeito, porquanto sempre inclinado, quando o julgava, a especiosas restricções e até injusto, por vezes — Candido de Figueiredo — elle, Ruy, foi o maior prosador portuguez de codos os tempos.

Do mais ligeiro cotejo entre o autor das *Cartas da Inglaterra* e o autor de *Os sertões*, resulta esta verificação: era quanto que o primeiro conseguiu realizar a perfeição entresonhada sem o sacrificio das tradições, o segundo não teve o escrupulo de se insurgir resolutamente contra ellas para attingir ao seu ideal, de belleza. E d'ahi, justamente, as varias differenças a registrem-se nas respectivas obras. Uma é grandiosa por ser equilibrada; a outra tira de seu desequilíbrio precisamente o melhor de sua seducção. Em uma expande-se o proprio génio da lingua, dominado pela ancia de se perpetuar e, para conseguil-o, de a si mesmo

permanecer fiel; na outra é o gênio de nossa raça que se esforça por adaptar ás peculiaridades de seu temperamento o aparelho de exteriorisação recebido dos colonizadores. Naquella predomina o elemento conservador, estático, aquillo, tal vez, a que Remy de Gourmont chamava a lei da constancia intellectual; 'nesta, o elemento dynamico, gerador das transformações, com que o idioma consciente e voluntariamente se corrompe, de maneira a adquirir a capacidade infinita de representação exigida antes pelo cultivo da sensação do que pelo cultivo do pensamento. Ruy é marmoreo; Euclydes é flexível. Ruy nos empolga; e, porque toda repetição, mesmo a da perfeição absoluta, acaba por se tornar monotona, ao fim de algum tempo nos entedia; Euclydes nos fascina e, talvez pela graça imprevista das suas imperfeições, dos seus defeitos, do que, em summa, poderia denominar-se o barbarismo de sua fôrma, nunca chegará a fatigar. Ruy tem o defeito de suas virtudes; Euclydes, a virtude de seus defeitos.

Mas não é unicamente o prosador que nos solicita, a atenção e pede um julgamento, no autor dos *Contrastes e Confrontos*. Houve nelle um psicologo, um sociologo, um historiador, cuja influencia extraordinaria desde logo começou a fazer-se sentir, renovadora e fecunda, graças ao ineditismo completo, em nosso meio, de methodos e processos adoptados em primeira mão, e que ainda mais seductores se nos apresentavam devido á finura com que elle sempre os empregou, e ao fulgor da fôrma em que o resultado da applicação acabava por se crystallizar.

Alberto Rangel e Oliveira Vianna avultam entre os mais fulgidos escriptores que, por sua vontade ou contra ella, voluntária ou involuntariamente, não sabemos, receberam a influencia de Euclydes, tanto na maneira de visionar os problemas da sociologia brasileira, no modo mesmo de os seleccionar, no critério habitual de preferencia, como no estylo, expressamente forjado, intensamente pittoresco, mas de um pittoresco *sui generis*, estylo simultaneamente de homem de sciencia e de homem de letras, para fixação das sensações e das idéas colhidas no decurso de taes investigações e pesquisas.

Pensador e artista, que foi e como foi, Euclydes da Cunha estava immortal. Mas o gênio que nelle morou estendeu mais ainda seu aneio de desdobrar-se. Foi também critico de agudíssima percepção e estheta de uma visão tão alta que reveste feito esoterico de poder divinatório.

Sua sensibilidade delicadíssima e sua cultura habilitavam-no, aliás, a exercer o mistér de critico muito mais proveitosamente do que quantos pensam sufficiente para esse fim impregnar-se, intoxicar-se, quasi, de meia dúzia de fórmulas irritantemente escolásticas e exigir, com a irreductibilidade dos monomaniaco«, que todas as obras de arte se lhes ajustem ou subordinem.

A conferencia sobre Castro Alves é uma das mais lúcidas paginas inspiradas pelo gênio do moço bahiano, tão exuberante, tão plethorico, tão estranho, se examinado por quem não perca de vista o ambiente onde elle evoluiu.

Mais interessante, porém, se nos afigura o formidável prefacio que Euclydes escreveu, em 1908, para o volume de poemas de Vicente de Carvalho. Não se encontra lá sómente uma analyse exaltada, e nem por isso, menos justa, menos clara, das altas virtudes artísticas a cujo conjuncto devia o glorioso poeta mutilado de São Paulo a maestria de sua poética, cheia sempre e por igual de frêmitos e intenções, tão sentida quanto meditada, reflexo natural de uma alma que, para melhor pensar, fez questão de não cortar jájmais, inteiramente, sábio vetúadeiro que elle era, seus laços com a animalidade — os sentidos.

Nesse prefacio, digno de se comparar ao de Gautier, na grande edição de *Les fleurs du mal*, Euclydes da Cunha, advogado em causa própria, provou que em todos os officios e profissões a espiritualidade encontra por onde se insinuar, fazendo que o ideal por toda a parte floresça.

A humanidade, registra-o elle a proposito, vive perennemente a correr "do realismo para o sonho, e deste para aquelle, na oscillação perpetua das duvidas, sem que se possa differencar, na obscura zona neutral, alojada á beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade do naturalista que tateia o mysterio".

Enganar-se-hia quem, ao saber-o engenheiro, lhe deplorasse a condição, por saber-o igualmente poeta — poeta, sim, que não é preciso fazer versos para o ser, nem o são, de facto, todos que versejam. Elie desfaria o equívoco de quem assim lhe exprimisse uma *sympathia* compadecida, lembrando-lhe que "as asprezas das fórmulas *analyticas*" e "os traços vigorosos dos tira-linhas" também "se sobre-doiram de um recalcitrante idealismo".

Por que? Disse o P. van Thiezen, em *Le sentiment de la nature*:

"O homem não é, isoladamente, artista, poeta, sábio, philosopho. Deve ser de algum modo tudo isso a um tempo, porque a natureza é íntegra".

Serdhe-ia agradável, se seu *eu* disperso na natureza guarda a primitiva

consciência, ter essas palavras inscriptas em sua stela funerária. E' que nellas se affirma o direito que elle tinha de se conservar sonhador incorrigível entre números e escalas.

Em 1908, já Euclides falava no "mysticismo barbaro de Baudelaire". Dez annos depois, sómente, quando a França, commemorando o cincoentenário do primeiro poeta maldito, lhe suspendeu a ex-communhão, foi que Ernest Raynaud lhe descobriu a castidade.

A clarividência que essa antecipação reyleta classifica o engenheiro Euclides da Cunha, com prejuízo de quantos bacharéis se inculquem literatos profissionais em nosso paiz, entre os nossos máximos esthetas.

("O Paiz", Rio)

B. A.

OS SCIENTISTAS ALLEMÃES NO BRASIL

Não são poucos os homens de sciencia allemães que se dedicam ao conhecimento do Brasil, affoitando-se a" emprezas arriscadas* principalmente no interior dos Estados, como por exemplo no do Amazonas e Mato Grosso, ainda mal desbravados. Isso é feito de ha mais de um século. A geographia, a ethnographia, a botanica, a mineralogia e mais sciencias physicas e naturaes têm merecido grandes e abalisados estudos por parte dos scientistas allemães, que vão publicando livros preciosos, em numero sufficiente para illustrar nosso povo se fossem cuidadosamente traduzidos.

Feitas por homens de sciencia allemães através de terras bravas e inhospitas, como a do reconhecimento do valle de Xingú, pelos irmãos von Stein, as expedições constituem emprehendimentos temerários, de verdadeiro heroismo pela sciencia.

Um jornal de Munich, capital da Baviera, offerece-nos notas curiosas stfbre alguns desses vultos, pioneiros de nossas selvas, tratando, particularmente, das altas personalidades de Martius e de Lutzelburg, um dos mais activos collaboradores nas obras contra as seccas do Norte do Brasil.

Em o novo jardim botânico de Munich,

capital da Baviera, ergue-se, á sombra das arvores, em singelo monumento, o busto em mármore de Karl Friedrich Philipp von Martius, individualidade que foi um dos grandes campeões das sciencias naturaes.

O Brasil, paiz dezeseis vezes maior do que a Allemanha, vinha attrahindo de ha muitos annos, as vistas dos naturalistas, em virtude de sua riqueza em thesouros naturaes, quer mineraes, quer animaes, quer vegetaes, quando, no *anno de 1817, o jovem botânico e medico allemão von Martius foi enviado — juntamente com o académico Johann Baptist von Spix, pela Real Academia de Sciencia, de Munich, e por ordem do rei Maximiliano I — para investigar e estudar a flóra do Brasil.

* Com verdadeiro zelo, Martius e seu companheiro executaram seus trabalhos, desempenhando, com ardor, a missão que lhes fóra confiada pelo soberano. Durante mais de quatro annos, em que permaneceram no Brasil, fizeram viagens de milhares de kilometros pelos Estados do sul e do norte, bem como pelo território do Amazonas, percorrendo o grande rio desde sua fóz até á fronteira com o Equador, de onde foram obrigados a retroceder, pois todos os membros da ex-



pedição adoeceram de impaludismo. No regresso Martius foi o único remador de seu barco: abandonado pelos indígenas, transportando ainda gravemente enfermo seu companheiro Philipp Spix.

Ejil-os, finalmente, de volta á 6ua grande Patria, sendo portadores de ricas collecções em plantas e animaes, bem como de valiosissimos apontamentos scientificos, com os quaes escreveram, organizaram e publicaram a magistral obra "Flora Brasiliensis". Essa obra gigantesca appareceu, em primeira edição, no anno de 1840, sendo reeditada em 1906, com a collaboração de 65 scientistas, dos quaes 38 eram allemães. Contem ella 21.070 folhas em semi-folio, com 4.000 taboas explicativas, abrangendo a descripção de 23.000 espeçes vegetaes brasileiras. A "Flora Brasiliensis" tornou immortal o nome de Martius, grande scientista allemão.

Além desses dois sábios allemães, a que nos referimos, muitos homens de sciencia da Allemanha têm visitado e percorrido o Brasil, em missão de estudos, não devendo ser esquecida a acção da princeza Thereza, da Baviera, a qual, no anno de 1888, visitou o Brasil, especialmente a região do Amazonas, as importantes cidades das costas do nordeste e as terras habitadas pelos indígenas no interior do Estado do Espirito Santo. Organizou varias collecções e descobriu muitas espeçes animaes e vegetaes, relatando-nos, depois, num livro que publicou em Munich, todos os trabalhos por ella realisados no Brasil.

Um anno antes da formidável guerra de 1914-18, viajou pelo Brasil meridional, levando para Munich uma valiosa collecção em material botânico, principalmente material vivo, o director do Instituto de Physiologia Vegetal e fundador do novo e magnifico Jardim Botânico de Municif, professor Karl von Goebel, que, annos antes, já havia visitado, com interesse, outras regiões da America do Sul.

Por instigação sua, viera ao Brasil, anteriormente, no anno de 1909, subvencionado pela Academia de Scienciãs e com o fim de realisar estudos, o botânico dr. Philipp, barão von Lutzberg. Lutzberg, que posteriormente passou a prestar serviços ao governo brasileiro, esteve primeiro no Rio de Janeiro. D'ahi ini-

ciou sua intensa actividade no Brasil, a qual foi pródiga em fadigas e perigos, s' bem que fartamente recompensada por um brilhante rendimento em trabalhos scientificos.

Para se comprehender, devidamente, a extensão do trabalho do investigador Von Lutzberg, é necessário ter-se em conta as especiaes condições climáticas dos Estados do Nordeste. O "Sertão", como se denomina o interior desses Estados, é coberto, approximadamente, em cerca de 700.000 kilometros quadrados, pela chamada "caatinga", espinhosa vegetação constituida por arbustos rachiticos e cactus. Terriveis seccas torturam essas extensas paragens. Em 1919, que foi um dos annos em que o período das seccas mais se prolongou, não choveu durante 17 mezes, parecendo somente no Estado do Ceará, 1.100.000 cabeças de gado vaccum. O governo viu-se na contingência de preparar vapores para trasladar a outras regiões uma parte da população attingida pelo flagello.

Numa de suas viagens, Lutzberg passou por localidades cujas varzeas estavam cobertas por grandes quantidades de ossadas de gado, constatando que, em circumstancias normaes, o viajante atravessa certas zonas onde só encontrará agua a distancia de centenas de kilometros. Nestas zonas, para mitigar a sede, ha, quando muito, charcos de agua impura, estagnada durante muitos mezes.

Desde 1912, Lutzberg viajou pelo Brasil, percorrendo as aridas regiões de todos os Estados do norte, a serviço daquelle Inspectoria, desempenhando as funcções de geographo botânico da mesma empreza, com o fim de observar-lhes, simultaneamente, as condições geologicas, mineralógicas e economicas.

Além dessas viagens, aquelle scientista allemão emprehendeu outras pelos Estados de Minas Geraes e Rio de Janeiro, pelas florestas virgens do rio Mutum e do rio Doce, no Estado do Espirito Santo, onde habitavam tribus indígenas em plena Edade da Pedra. Em companhia do dr. Arrojado Lisboa, fez elle outras viagens de estudos e, entre ellas, as das regiões carboníferas do Estado do Paraná.



Km oito grandes expedições, de uma duração total de 17 mezes, foram percorridos, ao todo, 32.000 kilometros, dos quaes 25.550 a cavallo e mais de 1.000 em canoas. Os muares que levavam a equipagem em bahús e que eram especialmente fortes, tiveram de transportar cargas de 100 kilos cada um, fazendo uma marcha diaria de 50 a 60 kilometros em media. A maior parte das noites foi passada ao ar livre, em rédes suspensas em quaesquer arvores, recolhendo-se ás barracas sómente em caso de chuvas.

Em toda a expedição, seus únicos companheiros foram do's homens de cor, que cumpriram, resolutamente, seus deveres.

Assim foram vencidos os milhares de kilometros, atravez dos "caatingas", onde o viajante, para proteger a epiderme contra as cortantes folhas do cactus, é obrigado a usar roupas de couro cru, como o fazem os pastores sertanejos.

Para vencer os obstáculos das montanhas, foi preciso descarregar os baús do dorso dos animaes, sendo as collecções, os viveres e as provisões levadas a váu, nos hombros dos proprios expedicionários. Mas, em virtude das planicies do Estado de Goyaz serem despidas de arvores, foi necessário levar até a lenha, atravessando, assim, muitos rios e grandes pantanos. Registrou-se a deplorável perda de algum material precioso, devido á morte de muares, produzida por mordedura de serpentes. Grande parte das collecções obtidas com tanto sacrificio, foi devorada por uma especie de peixes por demais vorazes e que vivem em cardumes n'alguns rios, ou perdidas por outros accidentes da viagem. Enormes foram os perigos a que os membros da expedição se expuzeram, em vista da escassez de agua, das enfermidades, como febres e dysenterias e também dos naufragios de canoas ou dos campos em fogo. Seja dito que, ao se iniciar a travessia das "caatingas", um espinho furou o odre de agua, forçando os expedicionários a não se desalterarem durante 33 horas, scan uma só gotta do precioso liquido. Nessa ocasião morreu um dos membros da expedição. O proprio chefe, bem como os demais companheiros soffreram a tortura da sede, chegando até a perder a voz. Se salvaram a vida foi graças aos musgos húmidos

que encontraram após longo percurso. Desnecessário será dizer que, para levar avante uma empreza tão ardua, de duração tão longa, no decorrer da qual se tem de renunciar a todas as commodidades da vida civilisada, se requêr a maxima circumspecção, abnegação e tenacidade incriveis.

Sempre que seus múltiplos affazeres o permitiram, Lutzelburg dedicou-se, no Estado do Rio, ao estudo da Serra dos Órgãos, a qual se caracteriza pela extravagante fôrma de seus picos e de seus valles profundos, todos elles ricos na vegetação que lhes é peculiar.

Depois de varias tentativas infructiferas, Lutzelburg conseguiu abrir caminho atravez da matta virgem, attingindo os picos mais importantes e de difficil ascensão. Realisou 42 excursões a estes pincaros escarpados, onde a marcha e a orientação eram extremamente difficultadas.

Quiz o acaso que, cem annos depois do regresso de Martius, voltasse a Munich um novo cientista allemão, trazendo collecções do Brasil: — o dr. Lutzelburg, que, actualmente tornou a fixar residência na capital da Baviera, onde está escrevendo sua obra, na qual nos dará a conhecer o resultado de seus trabalhos scientificos, nos terrenos da botanica, geologia e geographia, e especialmente no da geographia botanica.

Já tem elle realisado conferencias sobre suas viagens, em diversas sociedades scientificas de Munich. Seus mapas botânico geographicos, compreendendo a flora de oito Estados do norte do Brasil, já figuraram, em 1922, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

As collecções de Lutzelburg foram recolhidas á Academia de Sciencia de Munich. Sómente as duplicatas é que deverão ser devolvidas ao governo brasileiro. Algumas cifras dão melhor ideia da riqueza de suas collecções. O material compreende 15.000 números, distribuídos, originariamente, em 47 grandes caixas; 12.000 números correspondem ao material botânico, que está cuidadosamente colleccionado. Ainda ha 43 pequenas caixas, com vegetaes não classificados: 250 frascos com preparados a álcool, madeiras petrificadas e quasi

duas toneladas de material geologico, mineralógico e ethnographico. Numa palavra, são valiosos objectos naturaes de todas as classes. Na classificação dessas

collecções, trabalham, presentemente, mais de trinta especialistas.

("Correio do Povo", Porto Alegre)

AS IDÉAS POLITICAS DE BALZAC

Balzac escreveu um dia esta cousa espantosa: "J'ai horreur du train philosophico - republico - communico - Pierre l'Érouxé - germanico - déisto - sandique". Quem conhece, porém, um pouco da historia social do seu tempo, comprehenderá que alta, nobre, nobilissima affirmação de espirito se esconde sob esta formidável "boutade"...

Não é de hoje que a minha paixão pelo maior dos creadores modernos me leva a estudar melhor, a descobrir as bases philosophicas da sua immensa actividade intellectuel, porque é no equilibrio objectivismo de um ficcionista á altura de Balzac, que é ás vezes possível conhecer mais vantajosamente o espirito de uma dada época.

O que, no entanto, me encanta a esta hora, ao fechar o admirável livro de André Bellesort, sobre o gigantesco animador é ter encontrado, pela primeira vez, um juizo mais seguro, não resta duvida, mais bem assentado que o meu, em escolhida e ordenada documentação, porém perfeitamente igual nas suas linhas geraes, sobre a philosophia politico-religiosa do jámais superado conhecedor do coração humano.

O que tento agora é resumir, mesmo, e do modo mais breve possível, a parte do formoso livro de Bellesort, em que o grande romancista nos apparece mais como director de almas do que como simples analysta. Aliás, o critico francez principia por demonstrar que a ficção balzacqueana é mais difficil de identificação do que geralmente se pensava, justamente porque "não era a realidade que lhe fornecia os seus personagens, mas as causas que elle aprofundara daquella realidade".

Isto quer dizer que Balzac, sendo como fio um dos maiores creadores de arte que o mundo tem conhecido, o foi sobretudo porque juntava ao simples senso configurador do artista, uma profunda in-

tuição philosophica do valor da vida, da sua finalidade, e, principalmente, dos seus processos. D é isto o que sobremodo valorisa as suas opiniões doutrinaras aos olhos dos que, amando-lhe a obra litteraria, procuram a razão de ser das suas tendencias espirituaes, tão em opposição a tudo quanto no seu tempo constituiu o falso mas dominante brilho da intellectualidade franceza... Realmente, porque um homem que tão profundamente conheceu o coração dos homens e, justo á hora em que todos corriam a sorrir ou a chorar, mas sempre cegos de uma nova fé, empôs ideaes de tão apparente belleza, realmente por que esse homem tão franca e rudemente contra elles oppuzera a sua capacidade de analysar, de sentir, de pensar? Deante de um "facto" como este, o pensador contemporâneo não pode ficar indifférente, maximé se comprehende que o periodo áureo da Revolução, que a "hora clara" (se é que se lhe pôde dar este qualificativo) da politica revolucionaria ou democratica foi essa em que Balzac mergulhou os olhos maravilhosos de penetração, de argúcia, olhos de que elle proprio faria o elogio mais de uma vez, com a ingênua falta de modéstia que lhe caracterisava a consciência de seu gênio.

Pois era em face daquella apparente definitiva victoria do antichristianismo, que elle affirmava: "Escrevo á luz de duas verdades eternas: a religião, a monarchia, duas necessidades que os acontecimentos contemporâneos proclamam e para as quaes todo escriptor de bom senso deve procurar levar de novo o nosso paiz".

Uma affirmação desta ordem, feita por um homem daquella especie, só não merecerá a attenção da mediocridade apressada ou do talento leviano e fútil. Um homem de consciência não pôde fugir á indagação do porque e do como chegou Balzac á verificação da existencia de taes

verdades, em contraposição a todos as ilusões da sua época.

Fôra elle um mysterio? Absolutamente não. Ninguém viveu mais a vida da acção no sentido vulgar e ao mesmo tempo heroico desta palavra. Era de sua propria natureza uma viva negação da contemplatividade que a mystica requer.

Ha, como se sabe, quem muito rasoavelmente lhe negue até as principaes características do crente, pelo menos (laquelle que em rigor pode ser considerado um filho da Igreja. O que não lhe faltou foi o bom senso, a rectidão natural, e deHe pode-se dizer que foi, modernamente, o mais alto testemunho daquella soberana verdade proclamada por Tertuliano centenas de annos antes, de que "a alma humana é naturalmente christã".

E é por isso que não me interessa o debate sobre a pureza da sua fé, a sua perfeita orthodoxia. Do ponto de vista apologetico, Balzac, tal como se nos apresenta, "revolucionário contra a revolução", tem de si mesmo um valor singular como "facto*", repito, "facto" absolutamente comprobatorio da invencível força de verdade que g. Igreja Catholica representa no mundo, e ainda mais lhe devemos ser gratos, porque, por sua vez, não tentou outra especie de apologetia além da que os proprios "factos" lhe forneciam.

São "espectáculos da vida" os seus melhores argumentos, e não ha homem para quem elles não tenham pelo menos algum real interesse. O que elle sabia da historia social da Europa, mas principalmente o que de desordem, de ambição, de miséria lhe patenteava a Europa de seu tempo, era o que elle sabia reconstituir de modo empolgante, para demonstrar que tudo aquillo fôra e era a prova de que o *Christianismo, sob a fôrma catholica, é um systema completo de opposição ás tendências depravadas do homem e o maior elemento de ordem social que se conhece.*

Para elle, demonstra-o Bellessort, "entre outras vantagens, tem a religião a de moderar o pensamento, que, entregue a si mesmo, é causa de ruina, tanto para os individuos como para as sociedades". E' o seu doutor Benassis quem diz: "La nature a basé la vie humaine sur le sentiment de la conservation individuelle, la vie sociale s'est fondée sur l'intérêt per-

sonnel. *En écrasant ces deux sentiments égoïstes, sous la pensée d'une vie future, la religion modifie la dureté des contrats sociaux*". Quando Bellessort duvida se este *écrasant* será une "maladresse de estyle", esquece apenas que todo o naturalismo de Balzac não o impedia de ver tão nitidamente quanto Pascal o valor moral, o valor social da "força" como instrumento do bem. E a prova disto é que o proprio Balzac demonstrava não ignorar quanto de ternura humana, de bondade, de misericórdia ha nessa mesma Igreja, capaz de rudeza, de dureza mesmo para com o que ha de mão em nossa natureza. "Considerando-nos a todos como decahidos e em estado de degradação, a Igreja, notava elle, franqueou-nos um inesgotável thesouro de indulgência. Ella sabe que ninguém é infallive!". E, na sua propria linguagem: "Elle s'attend aux fautes et même aux crimes". Mais "tout est rachetable: le catholicisme est dans cette parole: de là ses adorables sacrements, qui aident au triomphe de la grâce et soutiennent le pêcheur".

Só mesmo o renascimento catholico dos nossos dias arrancaria de atheus como Maurras palavras tão seguras sobre o que vale a Igreja, como repressora de todas as más paixões e consoladora de todas as fraquezas. E era logico que quem tinha assim penetrado a mais mysteriosa força conservadora, depuradora e exaltadora do homem, também penetrasse o que ha de mais difficil comprehensão nesse equilibrio de egoísmos os mais dispares, que é uma organização propriamente politica.

Balzac, diz Bellessort, "comprehendeu ** que uma religião que assim abraça os interesses da sociedade, não pode ficar indifférente ás formas de governo, e que ella não faz todo o bem de que é capaz, senão num estado fortemente organizado". Reponta ahi, não resta duvida, o seu invencível naturalismo, mas deve-se confessar que não é menor, nem menos lúcido o bom senso com que repelle a onda de sophismas e inhumanidade das chamadas democracias, cujos principios pareciam então completamente victoriosos.

Sigo fielmente a exposição que faz Bellessort, do systema de idéas politicas a que Balzac se filiou, lastimando somente que o critico não tenha estudado as ori-



gens philosophicas daquella orientação, que, se do ponto de vista religioso, não ha a menor duvida que foi muito influenciado pelas idéas de Saint-Martin, do ponto de vista propriamente politico, deve ter tido muitas suggestões de Joseph de Maistre e de Bonald.

Elie vira a França, em cincoenta annos, lançar mão de seis regimens politicos: a Constituinte, a Convenção, o Directorio, o Império, a Restauração, e experimentar um sétimo, que a tanto equivalia o da chamada monarchia de julho, que "santificára a soberania do povo pela eleição". Ora, o de que Balzac conseguiu certificar-se foi que "a eleição é um dos principios mais funestos á existencia dos governos modernos". Fundada sobre uma egualdade dos cidadãos, que constitue um contra-senso, desmentido á toda a hora pela natureza, ella despedaça, recompõe e incessantemente desfaz uma indispensável hierarchia, porque "*a hierarchia jámais será pensamento que possa sah'r das mas. sas; é uma consequência do accordo do poder monarchico e da religião*".

Balzac é, pois claramente, pela monarchia, não pela monarchia constitucional, que entregou o paiz a uma burguezia cujo liberalismo é feito de medo, de egoismo, de indefinidas idéas de liberdade, mas pela monarchia absoluta. "Elie pensa que fazer depender a felicidade de um povo e sua segurança, da intelligencia e da capacidade de todos é bem menos prudente que tornal-as dependentes das instituições e da capacidade de um só".

Completando o Catholicismo, a monarchia absoluta se lhe representa, *um systema, também completo, de repressão dos interesses divergentes da sociedade*.

Diz Bellessort que o termo absolutismo exprime melhor que o de monarchia a opinião de Balzac, mas neste ponto o que me parece é que o critico francez esquece a lição que Balzac teria bebido no autor das "Considerações sobre a França" a respeito do que elle chama a monarchia européa ou o systema monarchico europeu.

Seja como fôr, observa Bellessort, que este absolutismo não suprime as garantias dadas ao súbdito contra o soberano e sem as quaes nenhuma sociedade pode existir. Delle resultam para o súbdito liberdades sujeitas a restricções. "A Li-

herdade, não; liberdades, sim; liberdades definidas e caracterisadas: eis o que é conforme á natureza das cousas". Esta é a linguagem mesma de Balzac e não é possivel fugir á idéa de que o seu mestre, além da experiencia propria, era aquelle admiravel Joseph de Maistre, para quem a Revolução fôra não só uma dolorosa experiencia como a força reveladora ou provocadora do seu gênio.

Ainda para Balzac "nenhum governo pôde recusar-nos a liberdade de pensar, mas um governo digno deste nome deve denegar-nos a de publicar pensamentos anti-sociaes. Cabe-lhe regular esta força do pensamento que é, a uma vez, principio de bem e de mal, e que pode ser um terrível elemento destruidor. As palavras consciência e liberdade, mal comprehendidas, mal definidas, foram lançadas sobre o mundo como symbolos de revolta e ordens de destruição. "On ne donne aux peuples de longévité qu'en modérant leur action vitale". E que não se fale de tyrannia. O absolutismo é menos tyrannico que o poder dividido e disperso entre os membros de um Parlamento; é o mais economico dos regimens: "nous ne remplaçons les dynasties des rois que par de changeantes et couteuses dynasties de premiers ministres"; é o mais activo, o mais progressista: "toute politique est impossible avec la discussion en permanence"; é, emfim, o regimen que assegura mais justiça: "Les lois sont des toiles d'araignée à travers lesquelles passent les grosses mouches et où restent les petites", diz o seu Blondet, após ter narrado as piratarías de Nucingen. E o jornalista Finot, que lhe responde: — "Où veux-tu donc venir? — Au gouvernement absolu — replica Blondet — le seul où les entreprises de l'esprit contre la loi puissent être réprimées. Oui, l'arbitraire sauve les peuples en venant au secours de la justice, car le droit de grâce n'a pas d'envers. Le roi (oonstitutionnel), qui peut gracier le banqueroutier frauduleux ne rend rien à la victime dépouillée".

O instincto catholico de Balzac é tão forte que elle não chega a illudir-se com as promessas da democracia revolucionaria, victoriosa mas a tremer sempre sobre as suas bases. "A democracia — dizia

elle — não quer na sociedade poder uno e fixo assim como o atheismo não quer Deus no mundo. Ella põe o poder nos cidadãos como o outro a Deus nos effeitos da natureza e na propria matéria". A vingança, porém, da natureza, desrespeitada em todas as suas leis, é, ao que lhe parece, o que se está preparando por todo o mundo occidental. Teme que os operários se façam a vanguarda dos barbaros... "Un prolétariat deshabitué de sentiments, sans autre dieu que l'envie, sans autre fanatisme que le desesper et

la faim, sans foi ni croyance, s'avancera et mettra le pied sur le coeur du pays".

Elle poderia ter dito do mundo. Aliás, a França mesmo já experimentou a dureza desses odios. A Rússia ahi está, envolta no seu manto de sangue e de miséria. Mas o sentimento claro e preciso de quanto vale Deus no governo dos homens, ainda não entrou completamente no coração dos que governam o mundo.

Jackson de Figueiredo

("Gazeta de Noticias", Rio)





DEBATES E PESQUIZAS

BRASILEIRISMOS

Nas linhas que aqui vamos deixando, não pretendemos acompanhar de perto, bem se vê, o longo e admirável estudo de Apollinario Porto Alegre sobre as origens guarano-tupicas do portuguez falado no Brasil.

Para isso teríamos que citar innumerous vocábulos e provérbios locais e não seriam necessarias, apenas, -varias columnas e, sim, pag'inas e paginas do "Correio do Povo", em composição cerrada.

Entretanto, HO estudo alludido, ha tantas coisas inéditas para o Rio Grande do Sul e o paiz inteiro, e tão curiosas para os interessados em taes assumptos, que não podemos deixar em esquecimento algumas das que julgamos mais merecedoras de apreço.

Assim é que trataremos, hoje, da parte referente á transformação que soffreu o vocábulo indígena, na sua passagem para o portuguez. A transição deu-se, por certo, lentamente, á medida que, aos poucos, o termo se ia enraizando na linguagem popular, como, aliás, posto que ligeiramente, já tivemos occasião de ver com o verbo "abombar".

Vejamos, agora, a palavra "butiá".

O "Dicionario Contemporâneo", de Caldas Aulete, não a registra, nem o "Novo Vocabulario Nacional", do reve-

rendo padre Caris Teshauer, S. J. A "Encyclopedia Portugueza", de Maximiano de Lemos — parece incrível — diz, sómente, isto: "Especie de palmeira". O defficiente "Vocabulario Rio Grandense", de Romagueira Corrêa, informa: "Butiá", especie de coqueiro pequeno e a sua fructa". Dá depois, rapidamente, a significação de "butiazal" e de "butiazairo", não despertando, de maneira alguma, a attenção do leitor.

Representando o vocabulario uma ampla collectanea fiel dos termos de uma lingua, com explicação succinta, verifica-se, por ahi, que os autores acima apontados deixam muito a desejar.

Em Portugal, não ha muito tempo, dizia-se que os brasileiros tinham deturpado, ou antes, desfigurado o portuguez.

Puro engano. A lingua de Camões permanece intacta. O que se fez, aqui, foi enriquecel-a com uma variedade enorme de vocábulos, creados pelas exigencias de uma nova vida. As palavras trazidas do mar para a terra, pelo açoriano, são tão poucas, que, claramente, não podiam produzir essa tão falada desfiguração. Talvez seja esse - o motivo por que os lexicographos d'alem mar fogem de recolher os nossos vocábulos.

O que se dá, no Brasil, dá-se, também,



em todos os paizes latinos da America. Nem por isso, a lingua de Cervantes foi desfigurada. O mesmo acontece, ainda, nas colonias e nos dominios das nações europeas, nos diversos continentes. Demais, si houve tal alteração no idioma, foi ella feita pelos proprios portuguezes, logo depois da conquista.

* * *

E' muito conhecida, entre nós, a fructa do "butiazeiro", de côr amarello-vermelha. Ha o "butiá" doce, que chega a enjoar, muito apreciado pelos selvícolas e pelas nossas creanças, e o "butiá" azedo, amargoso e intragavei, mas que muitas donas de casa aproveitam para, com elle, fazer um saboroso licor.

Fala Apollinario Porto Alegre:

"Butiá", fructa do "butiazeiro".

Etym. De "ybatauí", que consta de dois elementos: "ybá", fructa, e "tauá" peT "taguá", no antigo tupi, significando vermelho, e, no actual tupi amazonico, amarello, pois, nas diversas variedades de fructs desta palmeira, as ha, desde o tom amarello desmaiado até ao rubro fechado".

Em seguida, o autor manda ver a etymologia de "batauí", a qual é a seguinte:

"Batauí", ou "patauí", denominação com que é conhecida, em Matto Grosso e no valle do Amazonas, uma palmeira, ficando a primeira na nomenclatura scientifica.

E' o "oenocarpus batauí de Martius". Assemelha-se á "bocaba" no porte e produz fructas avermelhadas, quando maduras, das quaes os indios fazem vinho.

Suppomos proceder de "ybá" e de "taguá", ou "tauá", que, no dialecto tupi do Amazonas, equivale a amarello e designa, ainda, uma argila cchrosa da mesma côr.

"Taguá", por sua vez, consta de "tata", fogo, e "guá", pintura, isto é — colorido côr de fogo.

"Taguá", no antigo tupi, tinha a significação de barro vermelho (Vide Figueira Gr. Tupi) e, portanto, cexmo adjectivo, designava a mesma côr. Actualmente, a accepção descaiu, por haver "curi" para a argila de coloração rubra".

Apollinario Porto Alegre não entra em particularidades sobre as differentes fôr-

mas que tomou a palavra "ybatauí", "batauí", ou "patauí", antes de se fixar, definitivamente, em "butiá", no portuguez

Continuando nos seus estudos sobre a letra B, chega elle á palavra "butiatuba", synonymo de "butiazal", bosque de "butiazeiros". Procede de "ybatauí" + "tyba", suffixo correspondente ao portuguez em "al". E diz que a "difficil pronuncia do y, que produz, gutturalmente, um som intermedio entre i e u, fez coim que taes vocabulos, de procedencia indigena, ora passassem para a linguagem vulgar em "tuba", ora em "tiba".

"Butiazada", grande porção de "butiás". "Butiazal", entre as pessoas cultas, "Butiazeiro", palmeira do genero côco, de' que ha algumas variedades, notandose, entre ellas, o C capitata e o C eriospatha".

* * *

O sr. Affonso de E. Taunay diz que, nas suas viagens pelo interior de S. Paulo e de Minas, entre pessoas d' pouca illustração, recolheu vocabulos, de que não tivera, até então, conhecimento.

Também, no logar onde residia (Cas3 Branca) o director do antigo Instituto Brasileiro, a população dos arredores era, nessa época, quasi toda analfabeta, e descendiam, na maior parte, de açorianos com guaranys e raros africanos.

Era entre essa gente simples e boa que Apollinario Porto Alegre fazia farta colheita de palavras, para elle, ainda desconhecidas.

A par de vocabulos clássicos que os seus visinhos usavam, como cercear, por cortar; um oito, por uma limpa, deparou-se elle com trez termos synonymos, representando os trez factores da nossa nacionalidade, e que lhe causaram viva impressão. São esses termos: "penso", "cambaio" e "guenzo". Exemplo: Este branco está "penso", "cambaio", "guenzo".

A respeito, diz o saudoso professor:

"Penso", que ainda os lexicographos não colligiram, apesar do 'povo, conservador em seus hábitos, salval-o pelo uso, vem do verbo latino "pendere"; é o particípio "pensum". "Cambaio" é do guarany. "Guenzo" é do "bantú".

De modo que, assim, se foram formando muitos vocabulos, para usos particulares e do povo.



Durante muitos annos, as pessoas rústicas diziam "butiatuba", do guarany em toda a sua pureza, referindo-se a um bosque de "butiazeiros", vocábulo que, ao correr do tempo, pela desinencia em "al",

tomou a fôrma portugueza, dizendo-se hoje "butiazal".

A. Daissoni

("Correio do Povo", Porto Alegre)

OS GONGOS

A ^idade amanhecera festiva. Um reboliço onfuso agitava o povo que alegre, enchia as ruas e beccos. A igreja ornamental e florida abria as suas largas portas o uma grande massa humana, que ?ffluia do toda parte.

No côro, a philharmonica "Lyra de Prata" tocava s/mphonias e marchas religiosas.

Era a festa de Nossa Senhora do Rosário, a "padroeira", se essa palavra pode ser feminizada dos negros.

Nas ruas, os congos cantavam grotescamente, ao som dos pandeiros enfeitados. Levaram ensaiando durante muitos dias e agora eil-es saltando, correndo, pulando, dansando, ao rythmo cadenciado das suas cantigas e dss suas resas.

O congado é genuinamente africano. Oa negros vestem "anaguas" muito alvas e bordadas e trazem na cabeça enormes chapéos de palha, enfeitados de penachos multicôres e pequenos espelhos. Cada qual leva um pandeiro envolto em fitas e lendas e se envolve em -ima capa rendada, da gangas e galêes dourados. Na frente, num arremedo grotesco e Jidiculo de mo« narchas, dois pretos velhos com corôas de latão e mantos carnavaies-os, caminham empunhando sceptros de metal ordinário.

O "rei" veste um velho iardáo da esquadra nacional e traz arrastando, por entre as pernas trôpegas, uma velha espada enferrujada. Atraz os congos, suarentos, cheirando a cachaça e a "gengi-birra", cantam e pinoTEAM.

Hoje é o nosso dia grande

Oê...

Dia de Nossa Senhora

Oê...

O nosso rei vem aqui...

Oê...

Segurando a sua espada

Oê...

Salve, salve, minha gente,

Oê...

Que é hoje o nosso dia...

Oê...

Dia de Nossa Senhora...

Oê...

E da nossa adoração...

Oê...

Os pandeiros tilintam. Os dedos ágeis correm na pellicula e arrancam sons rouchos e soturnos. Os moleques, com interesse e admiração acompanham curiosos. Os negros reverentes seguem o bando, com uma profunda convicção religiosa. Os "reis" erectos, firmes, orgulhosos, compenetrados da sua força e grandeza, dão de vez em quando alguma ordem aos seus generaes, que seguem ao seu lado. Em duas alas, os congos se formam para que os seus "soberanos" transponham o adro da igreja. A missa começara.

No throno florido e enfeitado de espelhos e latão, os dois monarchas acompanham attentos, aos mais rijos principios protocollares, a cerimonia religiosa.

Os congos, fóra, na rua, continuam a cantar e a sacudir os seus pandeiros. A mais stricta e rigorosa disciplina os une e os fraterniza. Ha generaes, capitães e soldados. Os generaes são feitos por promoção e os capitães pela escolha do general, commandante em chefe.

— Alto!

— Direita vorvê! grita com emphase e orgulho, o garrido commandante, cheio de pennas de pagagaio e com um velho chapéu de dois bicos que tinha pertencido a um antigo capitão-mór da Independencia.

Os soldados disciplinados, obedecem quasi quí automaticamente, á vez do chefe.

— Esse nosso generá...

Oê...

E' homem de estimação...

Oê...

Bota nois p'ra guerrear,

Oê...

i) depois para vence...

Oê...

O general agradece, com sobranceria, as felicitações encomiásticas. Depois de muitas reviravoltas, o congado vae esperar na porta da igreja, a sahida dos "soberanos". Terminada a missa cantada, paga pelos festeiros, estes se dirigem ao "palacio real", onde está preparado um lauto banquete, de muitos talheres, para os "reis" e os seus vassallos.

As mais variadas iguarias, os pratos mais appetitosos, os fructos mais saborosos, ali estão enchendo d'agua a bocca dos convivas reaes. As bandeirolas e a9

sanefas tremulam nos portaes e nos "cachorros" da casa. Uma orchestra -aspera de instrumentos metallicos desfere "val-sas" e "schottes" sonoros. Foguetes es^ trcllegam, de vez e o vinho espumeja nas taças de crystal. Na cabeceira da mesa os do;s monarchas, orgulhosos, presidem ao banquete. Ao seu lado, o general, Com-mandante o seu ajudante de ordens ser-vem-n'os humilde e prestimosamente. Sobre a toalha alva, os talheres areados, brilham, faiscando.

D assim, acabou esse anno, a festa tradicional dos congos, em Joaseiro, no sertão da Bahia.

Bahia.

Prado Ribeiro





NOTAS DO EXTERIOR

MAIS UMA PERSPECTIVA FAVORAVEL A BORRACHA

O emprego da gomma elastica no calçamento das ruas. — Eni pról do resurgimento economico da Amascnia.

Pelo bem conhecido periodico *india Rubber IWorld* nos chegou uma importante noticia: Boston foi a primeira cidade americana a experimentar pavimentos de borracha nas ruas. Na orimeira quinzena de maio foi assente, numa ponte, na parte commercial da cidade, um pavimento de borracha. Embora na Inglaterra estes pavimentos já tenham sido experimentados ha alguns annos, a primeira experiência naquelle paiz foi feita com blocos de pavimentação, de invenção e fabricação americanas.

O sitio escolhido para a experiencia foi o laço da ponte da Northern Avenue, que tem um transito enorme de vehiculos pesados, puxados por cavallos, assim como de automoveis, em direcção ás docas, aos depositos de carga dos caminhos de ferro, armazéns de deposito e fabricas. Mil vehiculos, por hora, aproximadamente, cruzam essa ponte em ambas as direcções. O entaboamento da ponte tem que ser frequentemente renovado, e com certeza, o pavimento de borracha ali será submettido á mais decisiva das provas.

Foram collocadas duas secções, de 18 pés quadrados, cada uma, no dia 7 de maio, na parte da estrada destinada a vehiculos puxados por cavallos, e a outra, a 14 de maio, na parte destinada a automoveis e auto-caminhões, no centro da ponte, num total de perto de 650 pés quadrados. Os blocos de pavimentação medem seis por doze pollegadas, e têm uma pollegada de espessura. São compostos de cerca de um terço de borracha nova e dois terços de borracha velha, e, ao serem vulcanizados, os blocos são submettidos á temperatura de 333 grãos e á pressão de 2.500 libras.

O grande embaraço que surge, obstando o resultado completamente satisfatório do pavimento com blocos de borracha, tem sido a impossibilidade de evitar que os blocos se encurvem. A cimentação á base da estrada não deu resultado. Os blocos de pavimentação Wright são construídos com duas abas semi-circulares, de um lado, e uma aba no outro lado, na base do bloco, a qual encaixa na abertura correspondente, na base do bloco adjacente. Isto é um desperfivoimento da



disposição de travamento dos ladrilhos fle borracha Wright para pavimento de casas. São introduzidas espigas espciaes através das abas dos blocos, no taboado novo e liso da ponte, ou o dispositivo especial usado nas fundações de estradas de cimento. Os blocos são collocados, aternadamente, um liso e outro enrugado, em cimento de borracha quente, que liga os blocos uns aos outros e á base, produzindo um pavimento impermeável sobre a fundação da ponte ou da rua.

A ligeireza e certeza com que este pavimento pôde ser collocado foram demonstradas por um grupo de quatro operários da ponte, um para lançar o cimento, outro para o estender, um terceiro para collocar os blocos e o quarto para metter as espigas. As primeiras centenas de blocas foram collocadas á razão de 60 pés quadrados por hora.

O pavimento de borracha, uma vez assentado, apresenta uma apparencia excelente, segundo nos affirmam, e as pessoas peritas na especialidade estão entusiasmadas. Depois da primeira parte ter estado em uso constante, por perto de uma semana, relata o autor desse artigo que, com surpresa de todos os observadores, as ferraduras mais agudas e as pesadas borrachas de auto-caminhão com correntes de aço não deixaram arranhadura, rasgão ou qualquer marca no pavimento. Transcrevemos mais o que se segue:

Quando os cavaios e vehiculos passam sobre a parte pavimentada de borracha, nota-se logo a falta de barulho, o que ainda mais accentua a conveniência deste typo de pavimento para pontes e zonas de socego nas ruas adjacentes a hospitaes e outras instituições, residencias e grandes edificios de escriptorios.

Embora o pavimento de borracha custe cerca de tres vezes mais do que o de blocos de madeira, affirmam os que têm estudado as suas qualidades que durará muito mais tempo, orovavelmente mais de vinte annos, sendo, pois, considerado como economia para os contribuintes da cidade. O pavimento de borracha, collocado no pateo da estação de Saint Pancrass, em Londres, Inglaterra, em 1870, está ainda bem conservado, tendo sido gastas somente 3j 16 pollegadas da sua superficie em 50 annos. Além de serem silenciosos,

verifica-se que os pavimentos de borracha não serão escorregadios para os automóveis, nem para os vehiculos puxados por cavallos. A propriedade que possuem de absorver os choques e diminuir a vibração não só reduzirá o estrago de todos os vehiculos que passem sobre elles, mas, quando assentes em pontes, prolongarão muitissimo a duração das dispendiosas estruturas de aço.

Se a experiencia feita na ponte da North Avenue der bom resultado, outras pontes e ruas, em vários pontos da cidade, serão pavimentadas por este sistema, conforme os projectos delineados. O orçamento actual destinou a somma de \$100,000 para pavimentos de borracha. E' provável que a próxima experiencia seja na ponte de Warren Avenue, onde são assentes tres novos pavimentos de madeira por anno; e, quando o actual litigio sobre a ponte de Harvard for decidido, poder-se-ha conseguir que um pavimento de borracha imponha silencio effectivo ao discordante ruído da chamada "ponte xilophonica".

Com as experiências que estão sendo feitas, mais uma saída terá a nossa rica "hevea". Isto quer dizer que devemos plantar e plantar borracha em todo o valle do Amazonas, pa'a satisfazer á enorme procura que havemos de ter d'aqui em diante.

Parecerá uma chimera o que vamos adiantar, mas não o é; em menos de dez annos ter-se-ha de crear, no valle da Amazónia, um centro de irradiação commercial, nunca visto em todo o Brasil. Pará e Manáos, e outras cidades que se fundarem constituirão o emporio, não só do grande valle, como dos territorios do Perú, Bolivia e de uma boa parte tia propria Venezuela. E, quanto ás índias Orientaes, a sua quêda será infallível, mais dia menos dia, pela simples lei da offerta e da procura, que nunca falhou, queiram ou não queiram os incorrigíveis proteccionistas que deram com o mundo num pantanal, do qual ainda não pôde sair.

Mas a transformação que se terá de dar no valle da Amazónia está dependendo, entendamo-nos, de varias medidas economicas, que ficaram ajustadas entre os governos de Washington e do Rio de Janeiro, sendo uma delias, a mais im-

portante, a substituição dos impostos de exportação pelo de capital, empregado efectivamente na mesma industria, que para o capitalista americano é *paramount*.

Satisfeita tão importante clausula, o proprio periodico, do qual extraimos esta

noticia, terá de mudar de nome: chamar-se-ha *Brasil Rublicer World*.

Nova York, 1.º de Agosto de 1924.

J. C. Alves de Lima

('O Paiz", Rio)

EM TORNO DE CHRISTOVAM COLOMBO

A nacionalidade do descobridor da America é hoje tão debatida, que a questão do seu verdadeiro nome constitue ainda agora objecto de estudo para os que consideram necessário esclarecer pontos não definidos do acontecimento que deu ao mundo o continente do presente e do futuro.

Muita gente de valor tem contribuido com os seus esclarecimentos para a interessante questão e se por ventura ainda se não chegou à uma decisão, é porque, além dos estudiosos, apparecem os interessados, baralhando tudo em proveito desta ou daquella nação e com desvantagem para a verdade histórica eternamente obscurecida.

Um estudo digno de interesse é o que acaba de apresentar o escriptor hespanhol Ricardo Beltran y Rozpide, membro da Real Academia de Historia e secretario geral da Real Sociedade de Geographia do seu paiz.

O sr. Beltran y Rozpide, que é um notável e conhecido americanista, tem a seu favor a sinceridade com que expõe seus estudos sobre os diferentes pontos da historia do Novo Mundo e por isto sua palavra é digna de attenção numa controvérsia tão prolongada. O autorizado escriptor, por isto mesmo que é sincero, não affirma, de modo preciso e concreto, qual seja a pátria de Christovão Colombo; entretanto, demonstra, em seu artigo, que, segundo todos os escriptos conhecidos do descobridor, não pôde ser elle o Christóforo Colombo com que o vem identificando. Mas ainda que o não seja, poderia, o navegador pertencer á uma familia genoveza tendo nascido na cidade de Gênova e delia haver saído, como se lê nos apontamentos historicos e como diz elle proprio na instituição do morgadio e mandatos que fez a seu filho d. Diogo ou

á pessoa que herdasse o morgadio. Tudo isto podia ser ou succeder. Mas "foi"? — pergunta o sr. Beltran y Rozpide. Sob pena de affirmar que Christovão Colombo mentiu ou que é apocrypho o documento citado, a positiva declaração que o proprio descobridor fez parece que obriga a reconhecer que elle era genovez: mas genovez nascido em Gênova. IS deste modo, não cabe falar de Saona, Cogoleto, Albisola ou outro qualquer lugar dependente ou não de Gênova. E então affirma o escriptor hespanhol que se alguém ouviu dizer que Colombo era de Saona ou de qualquer ponto, ou ouviu mal ou ouviu bem de quem faltou com a verdade. E o documento de que se soccorre o sr. Beltran e que é do punho do navegador, diz: "e de familia cujo appellido era e havia sido sempre Colón", devendo ser o herdeiro de morgadio "homem de minha verdadeira linhagem, que se tenha chamado, se chame e chame a seus antecessores Colón". E dahi conclue também o escriptor que deante da affirmação categorica do navegador que descobriu a America é preciso reconhecer-se que, nascido na cidade de Gênova, nesta mesma cidade se chamou e chamou aos seus antecessores Colón, e não Colombo ou Colombo.

"Se se admitte — diz o sr. Beltran — que Colombo ou Colombo das actas notariaes de Gênova, e Saona não pôde ser o descobridor da America, têm que ser descobertos outros Colombos que possam ser considerados antecessores do primeiro almirante das indias. E certamente havia onde descobrir parentes e linhagens; só no século XV cita Harrise 124 individuos com esse appellido e no Genovezado, alguns nautas e ainda um pirata, Vicenzo Colombo, a quem enforcaram em Gênova a 18 de dezembro de 1492, (Harrise, tomo II, Appendice F.:



na lista dos Colomboes apparecem 12 Bartolomeus e seis Giacomoes ou Diegos). Mas é bem sabido que ninguém pôde ainda provar o parentesco do nosso Colón com qualquer dos numerosos Colomboes que viviam na Itália no século XVI".

E falando na confusão da identidade de nomes, argumento dos que pensam contrariamente a elle diz o sr. Beltran que se não se pôde admitir essa identidade entre Colón e Colombo, necessário se torna procurar a verdadeira linhagem ou família dos Colóns e dos Colomboes, para vêr a qual deverá ter pertencido o navegador que na Hespanha se chamava Cristobal Colón. E como não appareceram parentes de um ou de outro ramo, dahi nasceu a confusão que tem conduzido á controvérsia ainda agora bem accesa. Outros escriptores têm contribuido para alimentar as duvidas e os argumentos poderosos esbarram no ponto onde se começa a pensar naquelles de quem o navegante descende.

Ao tomar a peito a grande empresa que dirigiu com os Pinzones, Colombo, que se apresentou na Hespanha como estrangeiro, considerava-se hespanhol a tal ponto que, á parte o latim, que empregou em algumas occasiões, foi o castelhano a lingua em que sempre falou e escreveu. E esse facto também contribue para as duvidas sobre a nacionalidade do arrojado marinheiro.

Os que sustentam sem outros argumentos solidos como os do sr. Beltran que Colombo era positiva e indiscutivelmente italiano, dizem que elle escrevia mal o castelhano; mas o escriptor hespanhol não considera isto um argumento, porque diz que, todavia, o almirante escrevia a lingua de Castella com mais acerto do que muitos castelhanos seus contemporâneos ou posteriores. E a incorrectão não era tão notável como o desconhecimento que o navegador tinha do italiano, o que o sr. Beltran explica com o facto de ter elle vivido a maiori parte da sua vida em Portugal e na Hespanha, o que lhe permittia conhecer mais o castelhano e o portuguez do que o italiano,

E affirma o sr. Beltran: "Se Colón nasceu em Génova e conviveu com italianos em seus primeiros annos, deve ter falado o dialecto italiano. Todavia,

a julgar por algumas notas marginaes escriptas em manuscritos que possuia e que chegaram até nós, notas em que se lêem palavras e phrases na referida lingua, o certo é que a devia falar muito pouco e muito mal".

Isto demonstra, mais uma vez, portanto, que se Colombo saiu de Génova, fel-o quando, como disse, ainda se achava em muito tenra idade, pois até as suas annotações em latim se resentem da influencia do castelhano e do portuguez, línguas que conhecia perfeitamente.

Concluindo as suas observações, o escriptor Beltran y Rózpide, depois de assegurar que o grande navegante sempre se quiz chamar Colón á hespanhola e não Colombo, diz:

"As considerações que precedem poderão suggerir a idéa de que Cristobal Colón foi hespanhol ou oriundo de terras hespanholas. Para crel-o, ha, de facto, muitos indícios; mas não bastam indícios. Faltam provas fidedignas para negar a qualidade de estrangeiro a quem como tal se considerava mesmo até aos seus últimos dias, naquella "Carta rarissima" de 1505... "quem acreditaria que um pobre estrangeiro se houvesse de erguer a tal altura contra V. A..."

"Mas repito que sempre procedeu como hespanhol, e como se fosse natural de Hespanha os reis o consideravam, tanto que em abril de 1497, ao dar-lhe faculdade para fundar um ou mais morgadios, justificavam a mercê, entre outros motivos, lembrando que era coisa própria dos reis e príncipes "honrar e sublimar seus súbditos e naturaes."

Das affirmações do sr. Ricardo Beltran y Rózpide se conclue, até que appareçam documenos mais positivos em contrario, que Colón — como o navegador se chamava na Hespanha — deve ter sido genovez de nascimento, mas castelhano de coração e por adopção. E se não se concluir isto, é porque essa questão controvertida é mais difficil de esclarecer do que difficil foi ao descobridor encontrar terras americanas, "depois da relutancia dos seus incrédulos commandados.

Quem foi que descobriu a America?
E' outra paternidade que desafia toda investigação.



Quanto mas o novo mundo avança em annos, mais se complica a questão de saber a quem se deve esse presente optimo á civilização.

Durante muito tempo Colombo desfrutou sózinho as glorias do seu alto feito; mas depois os concorrentes vieram surgindo, cada qual mais fortemente amparado "pelos documentos que acabam de ser encontrados*", em tal ou qual archivo, e tantos se apresentaram que a lista dos descobridores da America é hoje alentada e brilhante.

Mas as duvidas permanecem, pelo menos para quem não é genovez ou mais extensivamente, italiano como Colombo.

Ainda agora, velhas cartas geographicas ha pouco "desencavadas nos archivos do Vaticano fazem reviver a questão.

Baseados sobre ellas, o padre Devine, erudito canadense, e monsenhor Evers,

de Nova York, reivindicam a recompensa da historia, o primeiro para o irlandez Cabot que, aliás se inscreveu ha muito na lista numerosa — e o segundo para ura navegante, também irlandez, Bredan, graças ao qual toda a America do Norte era conhecida desde o anno 1.000 da graça de Nosso Senhor Jesus Christo.

Cabot, segundo refere o padre Devine, fazendo-se de vela do porto de Bristol, aportára ás longinquoas terras da America alguns séculos antes das caravellas Santa Maria, Niña e Pinta, do navegador genovez.

Os scandinavos possuem também documentos que affirmam serem as costas americanas frequentadas por navegadores seus, taes como Biörn Herinlfson e Le't Eriksom, em época anterior a 1492.

Apezar de tudo, Colombo resiste.

C Correio da Manhã", Rio)



AS CARICATURAS DO MEZ

ELEIÇÕES ACADÊMICAS

Os expoentes.



- Como foi este eleito? Não vejo ahi senão zeros.
— Isto não é somma dos votos obtidos, é a lista das suas obras.
(“Rire”, Paris).

OS AMBULANTES



- Quiere usted retratar-se?
— Perdão. Eu sou um homem sem opiniões.
(D. Quixote — Rio).

NA "EXPOSIÇÃO DA E. N. BELLAS ARTES"



- Mas não ha nada pintado aqui, neste quadro.
— E' assim mesmo... Talvez seja a "Immaculada Concepção".
(D. Quixote — Rio).



- Passa para cá um tostão.
— ?
— Então, não sabes que collecciono raridades históricas?
(D Quixoteç — Rio).

I LOTERIA DE S. PAULO

17 de Outubro

Sexta-feira

60:000\$000

POR 9\$000

Os Billietes já se acham á venda em
1 toda a parte.

8

1

Archivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Império do Brasil, ennumerando toda a ascendência e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada uin. Ldição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :

PREÇO (ENCADERNADO) 60\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34

SÃO PAULO

As melhores grammãicas da l i n p portugueza

SÃO AS DE

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMMATICA EXPOSITIVA

Cuuso ELEMENTAR. Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gynnasios. 28.º edição com um appendice sobre composição. 3f>00

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gynnasios e Escolas de Commercio. 15.º edição com um appendice sobre 'festylistica.8\$000

GRAMMATICA HISTÓRICA

Para as Escolas Normaes e Gynnasios. 4.º edição.10\$000

PEDIDOS A'

Companhia Graphico-Editora "Monteiro Lobato"

PRAÇA DA SE', 34 - CAIXA, 2-3 - SÃO PAULO

**Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores.**

" P E G A S O "

REVISTA MENSAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY





Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

«aara—«nrranannilini—mii • iiii» i i w » i t i w i » i ————— m m m

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E* o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIARETICOS

É preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funcções dos orgca« internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso do

GLYCOSURINA



herolco medicamento composto de
plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

PARA BREVE!

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
tem no prélo as seguintes obras jurídicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CÍVEIS
E COMMERCIAES
CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMÍLIA
PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURÍDICO

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Melchisedeck Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDÊNCIA MILITAR

Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CRIMES
O TYPO VENCEDOR DA ESPECIE
HUMANA
O SENTIMENTO AMOROSO

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

PEDIDOS À

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 - Caixa, 2-B - S. PAULO

Ultimas Erccições da

Companhia Grapliico-íditora Monteiro Lobato
ih

CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart. . .	4\$000
DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Goncalves, broch. 258000, enc.	308000
O BRASIL E A DOCTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	48000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	98000
MOLÉSTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ enc.	30\$000
VESPEIRA, Moacyr Piza, broch.	58000
HÚMOR, Sud Mennucci, broch.	58000
POEMAS E CANÇÕES, Vicente de Carvalho, broch.	08000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12*000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	58000
DA FALLENCIA, Ahnachio Diniz, broch.	208000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	» 88009
O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato, broch.	48000
ATRAVEZ DA EUROPA, Afonso Lopes de Almeida, broch. em papel fôfo 58000, em papel jornal	38000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, Oswaldo Barroso, broch. em fôfo, 4\$000, em jornal	28500
NOS CAMINHOS DO NAZABENO, Padre Heliodoro Pires, broch.	58000
EVOLUÇÃO DO POVO BBASILEIBO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	88000
PASTOBAL AOS CBENTES DO AMOB E DA MOBTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	38000
A CUBA DA FEALDADE, dr. Benato Kehl Ene.	208000
AMOB IMMOBTAL, J. A. Nogueira, broch.	58000
O DBAMA DAS COXILHAS, Boque Callage broch.	4\$000
VOCABULABIO DE BUY BABBOSA, João Leda, broch.	58000

Kj

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2B-S-PAULO

«

